



JOSÉ ANDRADE

**O FRACASSO DO SONHO NOS CONTOS DE JOÃO
MELO**



JOSÉ ANDRADE

**O FRACASSO DO SONHO NOS CONTOS DE JOÃO
MELO**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Línguas, Literaturas e Culturas, realizada sob a orientação científica do Doutor António Manuel dos Santos Ferreira, Professor Associado com Agregação do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho a Sua Excelência Reverendíssima Dom António Francisco dos Santos, de Feliz Memória, por me ter acolhido na Diocese do Porto, então sob a sua égide, falecido a 11 de setembro de 2017.

o júri

Presidente

Prof. Doutora Rosa Lúdia Torres do Couto Coimbra e Silva, Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

Prof. Doutora Maria Álvares Pereira, Professora Auxiliar com Agregação da Universidade de Aveiro (arguente)

Prof. Doutor António Manuel dos Santos Ferreira, Professor Associado com Agregação da Universidade de Aveiro (orientador)

Agradecimentos

Os nossos agradecimentos são dirigidos às seguintes entidades:

Ao Professor Doutor António Manuel dos Santos Ferreira, orientador do nosso trabalho, sobretudo por ter sido, verdadeiramente, farol durante a nossa investigação;

Ao Professor Doutor João Manuel Nunes Torrão por ter animado o sonho do regresso ao Campus que pensa, a nossa Universidade de Aveiro;

A Sua Excelência Reverendíssima Senhor Dom António Francisco dos Santos, Bispo do Porto, de Feliz Memória, pelo acolhimento na Diocese que, então, dirigia e por ter indicado, sabiamente, a paróquia de Espinho para aí colaborar;
Ao Reverendo Senhor padre Artur Manuel Monteiro Pinto, Pároco de Espinho, e sua comunidade paroquial pelo carinhoso e atencioso acolhimento e financiamento dos meus estudos.

A Sua Excelência Reverendíssima Senhor Dom Óscar Lino Lopes Fernandes Bragas, Bispo emérito da diocese de Benguela (Angola) que, em 1994 e 1999, em atenção aos projetos que tinha para a diocese, enviou-me para Portugal;

A Sua Excelência Reverendíssima Senhor Dom Eugénio dal Corso, atual Bispo de Benguela, que possibilitou a minha terceira presença em Portugal para continuação dos estudos sob tutela pastoral do Bispo da diocese do Porto já referenciado.

Finalmente, o meu profundo reconhecimento e eterna gratidão a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que este trabalho fosse uma realidade.

Palavras-chave

Sonho; corrupção; país/nação; tragédia social; frustração; fracasso do sonho; desilusão; novo sonho; João Melo.

Resumo

O fracasso do sonho nos contos do escritor João Melo é tema do presente trabalho. Não se trata do sonho no seu significado geral. Neste trabalho, o sonho é utilizado no sentido metafórico. Trata-se do sonho político cujos resultados imediatos são: independência nacional, paz, desenvolvimento social e económico, ou seja, construção de um país melhor (Angola). É o «sonho-dourado» significando esperança de felicidade.

O objetivo deste trabalho é analisar os contos do autor referido, visando descobrir a mensagem central que o escritor pretende transmitir aos leitores e, obviamente, à sociedade angolana em geral. Depois de uma profunda e minuciosa análise textual, é notório o seguinte: o escritor João Melo, nos seus contos, retrata a vida dos angolanos nos últimos 50 anos. As personagens principais que aparecem nos contos representam, sobretudo, os sofredores (a maioria da sociedade) ao lado de uns poucos abastados. Tudo isso, no período que se seguiu à proclamação da independência. O «narrador-autor» transmite aos leitores o profundo e desolador drama daqueles que, um dia, deixaram os seus sonhos individuais para abraçar um «sonho coletivo»: luta pela independência e, posteriormente, a construção de um país melhor. Esta segunda parte do sonho ainda está por realizar. Por isso, neste trabalho o tema do fracasso do sonho nos contos de João Melo reparte-se fundamentalmente em duas abordagens ou secções.

A primeira abordagem diz respeito ao fracasso do sonho antigo. São analisados relatos de personagens que se confrontam com a corrupção, desilusão, frustração, enfim, o caos social depois de consentidos vários sacrifícios com o objetivo de criar uma nação sem alarmantes desigualdades sociais.

A segunda abordagem é sobre a possibilidade do novo sonho. Trata-se de personagens que superam o passado e projetam o futuro pessoal e coletivo através do cultivo da terra. O novo sonho tem a ver, para as personagens, com a autonomia económica naquilo que é essencial.

Keywords

Dream; corruption; country/nation; social tragedy; frustration; failure of dream; disappointment; new dream; João Melo.

abstract

The Failure of the dream in the writer João Melo's tale is the theme of this work. It is not about the dream in its general meaning. In this work the dream is used in a metaphoric sense. It is about a politic dream whose immediate results are: national independence, peace, social and economic development, that is, the construction of a better country (Angola). It's the «Golden Dream» meaning faith and happiness.

The purpose of this work is the analysis of the author's tales, aiming to discover the main message that the writer pretends to transmit to his readers and, obviously, to the Angolan society in general. After a profound and meticulous textual analysis, the following is notorious: the writer, João Melo, in his tales, portrays the Angolans' life in the past 50 years. The main characters represent, above all, the sufferers (most of them of society) beside a few wealthy. All of this, in the proclamation of independence period. The «narrator-author» transmits to the readers a profound and desolating drama of those who, one day, left their own dreams to embrace a «collective dream»: the fight for independence and, posteriorly, the construction of a better country. The second part of the dream is yet to be realized. This is why, in this work the theme failure of the dream in João Melo's tale splits fundamentally into two approaches or sections.

The first approach is about the failure of an old dream. Stories of characters that confront with corruption, disappointment, frustration, well, social chaos after consenting various sacrifices with the aim to create a nation without alarming social differences, are analyzed.

The second approach is about the possibility of a new dream. It's all about characters that overcome the past and custom a personal and collective future thru culturing the land. The new dream has to do with, to the characters, with economic autonomy in what's essential.

Índice

Lista de Anexos	xi
Siglas	xi
1. Preâmbulo	1
2. Abordagem conceitual e efeito pedagógico do conto na cultura dos povos de Angola	7
2.1 O conto como género literário	7
2.2 O conto na cultura dos povos de Angola – ensinamentos	13
2.3 Uma nova etapa do poder do conto literário: O conto no ambiente escolar	21
3. O fracasso do sonho – o sonho político	25
3.1. Reflexões, interrogações da personagem protagonista sobre o idealizado e o vivido	27
3.2 - Indicadores do fracasso dos ideais de construção de um novo país/nação	37
3.3 - Consequências do fracasso do sonho	43
3.4 Outras temáticas emergentes que refletem o fracasso do sonho	53
3.5 O fracasso do sonho face à obra literária «Sagrada Esperança» de Agostinho Neto	69
4 Datas e factos nos contos de João Melo	72
4.1 Acontecimentos de relevo omitidos nos manuais de história de Angola	72
5 João Melo e as novas e velhas gerações de Angola – o novo sonho	83
5.1 Para as novas gerações	83
5.2 Para gerações que transportam o passado - Cultura do (re) encontro e superação do passado	93
6 Considerações finais	96
I - Bibliografia Ativa	99
II. Bibliografia Passiva	101
Anexos	104

Lista de Anexos

Bloco 1 – Alguns contos ancestrais angolanos e outros de outros países africanos (PALOP):

Aldónio Gomes

Bloco 2 – Mapa cultural de Angola

Bloco 3 – Escritores angolanos com Obras ou textos de leitura obrigatória na 12ª classe

Bloco 4 – Entrevista a diretores de algumas escolas secundárias de Benguela (Angola) sobre existência das obras de João Melo (contos) na biblioteca escolar

Bloco 5 – Assento documental acerca do contexto do surgimento da Obra «Os Marginais e outros contos

Bloco 6 – Livros históricos sobre 27 de maio de 1977: Holocausto em Angola; e Purga em Angola

Bloco 7 – Entrevista concedida, pelo escritor João Melo, a ANGOP sobre literatura em Angola

Bloco 8 – Adaptação de alguns contos de João Melo a textos dramáticos para fins pedagógicos

Bloco 9 – Tabela cronológica: «Angola, de 1975 à atualidade»

Bloco 10 – Poema de Agostinho Neto, «Havemos de voltar»

Siglas

DNA (ou ADN) – Ácido desoxirribonucleico

ELMA – Empresa Leiteira Mamã Angola, Unidade de Empresas Estatais

FNLA – Frente Nacional de Libertação de Angola

MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola

ONG – Organização Não Governamental

PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

PIDE – Polícia Internacional de Defesa do Estado

RNA – Rádio Nacional de Angola

UNITA – União Nacional para a Independência Total de Angola

1. Preâmbulo

Os sonhos são sempre inquietantes, os sonhos políticos então, perigosíssimos, principalmente quanto nos esquecemos deles, pois existe sempre a possibilidade que eles voltem feito assombração, para nos tirarem o sossego.

Waldemar Bastos

[canções, velha Chica: xé, menino, não fala política]

João Melo é um escritor angolano do período pós-independência. Pertence à designada, no programa de literatura angolana, *geração recente*.

O objetivo central desta nossa dissertação é estudar os seus contos e perceber a mensagem contida nessas obras. São estudados, com profundidade, os contos em que o narrador-autor põe diante do leitor o tema do fracasso do sonho: trata-se do sonho político como, facilmente, se depreende dos seus contos. Trata-se de estudar um escritor das últimas décadas com um tema atual. Os textos estudados são, de facto, o retrato da sociedade no período pós-independência.

Foram lidos e analisados 67 contos. Fez-se uma sinopse temática desses contos sobre a sociedade angolana na época moderna. Verifica-se que os contos estão interligados. Um tema não muito claro num conto vem explicado, com todos os pormenores, num outro. Há uma ligação temática, tornando, assim, a totalidade dos contos numa macroestrutura textual. O escritor cria vários narradores, diversas personagens, títulos de obras sugestivos, ora marcadamente sérios, ora cómicos. Todas as obras do escritor (contos) são um relato comovente e uma mensagem profunda sobre o fracasso do sonho coletivo e suas consequências: frustração de muitos lutadores pelo sonho da independência e progresso do povo; frustração do povo pelas promessas ainda não cumpridas; frustração pelo país sem futuro; corrupção aberrante; crimes de todo o tipo; valores morais ignorados e outros destruídos; educação escolar e saúde relegadas para o segundo plano. A mensagem consiste, sobretudo, no seguinte: reflexão sobre o passado, superar o passado e projetar o futuro. Tal procedimento no projeto literário, em contos, desemboca na possibilidade de um novo sonho (conto: *Angola é toda a terra onde planto a minha lavra*). Esse é o eixo das temáticas nos contos de João Melo. Assim, o novo sonho nasce, sobretudo, dos que são lançados para a miséria e das novas

gerações que refletem com seriedade no futuro da nação. A isotopia temática é uma realidade nos contos do escritor João Melo. Nesse sentido, foi feita uma adaptação da estratégia da narrativa aos contos de João Melo. Ou seja, aquilo que Greimas diz sobre a isotopia no texto literário foi aplicado ao conjunto dos contos do referido escritor.

A opção pelo escritor justifica-se pelo seguinte: dimensão informativa e pedagógica dos seus contos para com as atuais gerações. Os seus contos são uma informação sobre o passado, um alerta para a atual situação de sobrevivência social em Angola; são uma espécie de projeto educativo; despertam para uma séria reflexão e apontam linhas para a possibilidade de um novo sonho. O novo sonho consiste em levar o país para o desenvolvimento sem mais interesses contraditórios acontecidos no antigo sonho.

Em função dos objetivos traçados, o presente trabalho está estruturado em cinco secções.

A primeira secção corresponde ao preâmbulo.

Na segunda secção far-se-á a abordagem conceitual do conto literário e suas principais características, indo desde o conto tradicional ao conto literário. Primeiramente, faz-se uma análise de alguns contos tradicionais angolanos e outros contos dos PALOP. Salienta-se, nesses contos, a sabedoria do narrador ancestral. Seguidamente, faz-se a abordagem do conto no contexto escolar. É uma espécie de viragem na maneira de valorizar o efeito pedagógico do conto. O conto literário é apresentado como incentivo para aplicação dessa tipologia textual no contexto escolar em Angola. Quanto a esse aspeto, há um valioso contributo de Aldónio Gomes, em termos de planificação da aula, com base nos contos. Sendo o nosso objetivo estimular a geração adulta para a leitura e reflexão a partir dos contos, escolhemos os contos do escritor João Melo. É todo um esforço em tentar perceber o seu estilo narrativo bem como as temáticas que se podem colher das suas obras (contos) em contexto angolano.

Ainda na mesma secção será feita uma tentativa de caracterização dos contos de João Melo. O escritor introduz um elemento novo na sua narrativa breve. Esse elemento novo nos seus contos consiste no retrato social. Ou seja, assuntos reais da sociedade angolana no período pós-independência. Essa vida real resume-se na frustração de muitos angolanos pelo fracasso do sonho político. Essa vida real da sociedade angolana é retratada, ora de forma cómica, ora de forma trágica. Desse modo, a tragicidade é apresentada através do elemento cómico. Quanto à comicidade nos contos de João Melo, o cómico de linguagem anda de par com o cómico de situação. O cómico tanto se

reflete nos elementos paratextuais (títulos) como no conteúdo textual (situação das personagens). É, sobretudo, esse segundo elemento (o cômico de situação) que mais ressalta de muitos contos. O leitor facilmente verifica a díspar sorte das personagens: a vida frustrada para uns (a maioria) e vida esplendorosa (a minoria).

A terceira secção constitui o cerne da presente dissertação: o fracasso do sonho. Trata-se, obviamente, do sonho político que visava a criação de um país melhor depois de proclamada a independência. O sonho teve, essencialmente, duas fases que são as seguintes: luta pela independência nacional (guerrilha) e, posteriormente, construir um país melhor. Esta segunda fase ainda não aconteceu, segundo se depreende dos relatos de vários narradores-personagens ou, então, simplesmente personagens sobre quem o narrador-autor escreve. Estamos no mundo do texto. O assunto da guerrilha, do lado do MPLA, é relatado com algum pormenor no romance *Mayombe*, pelo escritor angolano Pepetela. A participação dos outros dois movimentos nacionalistas (FNLA e UNITA) quase não se encontra nos escritores angolanos. Só há referências a esses movimentos nos contos de João Melo, onde o narrador diz que o outro Movimento de libertação (o MPLA) os trata ou os classifica de «fantoques» (contos: *Esplendor e frustração*, in *Os Marginais e outros Contos*; *o Canivete agora é branco*).

O fracasso do sonho vem, claramente, relatado nos contos *Trinta e cinco anos*, *Esplendor e frustração*; *Abel e Caim*; *O Canivete agora é branco* como vem demonstrado nos capítulos subsequentes. O escritor tem ainda outros contos nos quais se refletem as consequências políticas, militares, sociais do fracasso do sonho. E as consequências do fracasso do sonho narram-se nos seguintes contos: *Os Marginais*, *Dialética e poder* (in *Os Marginais e Outros Contos*); *Tio mi dá só cem*, *O feto*, *O homem que nasceu para sofrer* (in *Filhos da Pátria*); *o Império da velocidade*, *A Morte é sempre pontual* (in *O dia em que o Donald comeu pela primeira vez a Margarida*); *O Celular*, *O engenheiro nórdico* (in *The Serial e Outros Contos Risíveis ou talvez não*).

A quarta secção é sobre datas e factos nos contos de João Melo. Ou seja: algumas datas e factos da História de Angola no período pós-independência que não constam dos manuais escolares de história do país, mas que são referidos nos contos de João Melo. Essa realidade torna os contos de João Melo em textos complementares dos manuais da história de Angola. Os manuais de história de Angola analisados ignoram, por exemplo, a existência da Jamba (capital dos territórios da UNITA durante a guerra civil). O narrador de João Melo faz referência à Jamba nos contos *O escritor* e *Porquê a Tia Lurdes continua desdentada?* A existência da Jamba aparece como sendo a primeira

consequência do fracasso do sonho pela independência do país. Trata-se, pois, de uma guerra fratricida. A guerra fratricida é retratada no conto *Abel e Caim*. Nesses contos encontram-se personagens com nomes de personalidades conhecidas na sociedade angolana. Também são referenciados espaços geográficos e sociais conhecidos pelo leitor. Em suma, nos contos de João Melo o mundo do texto é também o mundo do leitor.

Outro elemento relevante que não se encontra nos manuais de história de Angola é o plano de paz de Agostinho Neto, antes da sua morte, com Jonas Savimbi. No conto *Os Marginais*, o narrador traz à luz esse dado. Assim, o que se tem ouvido em surdina e de forma velada aparece, pela primeira vez, no texto literário.

Outro acontecimento histórico que também não consta dos manuais de história de Angola, consultados, é o 27 de maio de 1977. É o conhecido como o dia do golpe de Estado, «ensaiado por Nito Alves para derrubar Agostinho Neto». É uma data marcante que teve consequências para os golpistas (desaparecimento), para as famílias dos desaparecidos e para o país todo (a purga). Este trágico acontecimento é referenciado nos contos *Os marginais* e *O Canivete agora é branco*. A informação contida nesses contos é relatada com o indiscutível pormenor por muitos investigadores-historiadores angolanos (imparciais) e estrangeiros. Para constar, referenciamos os seguintes: Carlos Pacheco na obra *Repensar Angola* (2000); Américo Cardoso Botelho na obra *Holocausto em Angola* (2007); Dalila Cabrita e Álvaro Mateus no livro *Purga em Angola* (2017); Justin Pearce no seu livro *Guerra civil em Angola* (2017) e Leonor Figueiredo no livro *O Fim da Extrema-Esquerda em Angola*. Esses são pensadores e historiadores que procuram expor os factos angolanos sem omitir aquilo que é relevante.

Esses elementos no conto de João Melo colocam-nos num terreno literário difícil de classificar. O leitor confronta-se com o texto literário que contém alguns dados referentes à história e à política de Angola nos tempos da modernidade.

A quarta secção releva a vertente pedagógica do conto de João Melo. Um estilo novo na narrativa breve (conto) na literatura angolana. Não é conto popular tradicional, nem simplesmente conto literário. É conto de reflexão para a viragem da trágica página social nos povos de Angola. Para isso, é necessário conhecer o passado, refletir e transformar o presente em alavanca para uma vida melhor do país (conto: *Angola é todo o lugar onde planto a minha lavra*). É o novo sonho. Novo sonho assente em alicerce humanístico, na superação do trágico passado, em fraternais abraços, nos afetos e na paz social (contos: *Trinta e cinco anos*, *Angola é todo o lugar onde planto a minha lavra*, e

Abel e Caim). É esse o resultado que se espera no país, fruto da leitura reflexiva dos contos de João Melo em contexto escolar ou extraescolar. Nesses dois contextos de aprendizagem, pode fazer-se recurso à representação dos contos. Por isso, em anexo, estão colocadas algumas propostas de transformação de alguns contos (textos narrativos) em textos dramáticos (destinados a serem representados). Os textos representados têm bons resultados em todo tipo de espetador: letrados e iletrados; gerações novas e antigas. É um projeto que pode ser efetivado em toda Angola a partir de ambientes escolares.

Finalmente, a conclusão e as recomendações. Das recomendações consta que, no programa de Literatura angolana (ensino secundário), os contos do escritor João Melo sejam incluídos na lista de escritores cujas obras são de leitura obrigatória. Tudo isso pela sua natureza (in) formativa, pois são contos de reflexão sobre o passado e o presente e mola impulsionadora para um novo sonho. Fazendo isso, revivificam-se os poemas da *Sagrada Esperança* de Agostinho Neto que, neste momento, são de inspiração traída, pois essa *Sagrada Esperança* ainda não se concretizou.

Metodologia

A metodologia utilizada é a da investigação qualitativa. Para Maria José Sousa e Cristina Sales Baptista (2016: 56, 57), este tipo de investigação é indutivo e descritivo. Indutivo, porque desenvolve conceitos em que o investigador chega à compreensão dos fenómenos a partir de padrões resultantes da recolha de dados. Também é descritivo, porque os dados apresentados são produzidos a partir de documentos, entrevistas e da observação, o que requer uma descrição profunda e rigorosa. A investigação qualitativa centra-se na compreensão dos problemas, na análise de comportamentos, nas atitudes e nos valores. A sensibilidade do investigador, integridade e conhecimento são determinantes. Sensibilidade e conhecimento do contexto onde se realiza a investigação.

Essa metodologia é a mais indicada para a nossa dissertação, pois se trata de estudar um escritor, a partir das suas obras. Por isso, aplicamos os métodos ou técnicas de análise, reflexão, interpretação dos textos do escritor referido. Também foram objeto de análise alguns textos de história de Angola (período pós-independência) aos quais o leitor dos contos de João Melo é remetido (textos de historiadores que escrevem sobre Angola com neutralidade). A inclusão desses textos justifica-se uma vez que alguns contos de João Melo contêm alusões a datas referentes à verdadeira história de Angola.

É nosso objetivo, porque é do nosso interesse, fazer uma leitura profunda dos textos para descobrirmos a mensagem que o narrador-autor transmite aos leitores angolanos e estrangeiros. Esse procedimento justifica os muitos extratos de textos ao longo da nossa dissertação. Os extratos são precedidos ou seguidos de uma reflexão e interpretação que pensamos ser adequada. Em alguns capítulos, faz-se uma análise continuada de um mesmo texto. Estamos, pois, no mundo de textos onde as palavras (significantes) apontam para os referentes. E, segundo Peter Mendelsund, «as palavras são como setas: elas são algo e também apontam para algo» (2015:322). São-no assim também os contos de João Melo. Sendo relatos da realidade social angolana, apontam para algo. Esse algo é atingível através da indução, observação, reflexão, análise, interpretação, sempre, com base no texto.

2. Abordagem conceitual e efeito pedagógico do conto na cultura dos povos de Angola

2.1 O conto como gênero literário

O conto é um gênero do modo narrativo. Participa da natureza do romance, da novela e da epopeia. Essa é a vertente literária do conto. Há uma outra tipologia do conto: o conto popular. O conto popular pertence à literatura tradicional. O conto literário e o conto popular partilham uma mesma característica: o serem narrativas breves. O conto popular é marcadamente oral¹. Quanto ao aspeto da oralidade, diz Carlos de Oliveira, citado por Aldónio Gomes no concernente ao poder da palavra: “Não nos é lícito ignorar que as palavras podem ser uma arma de força terrível ou terrivelmente frágil. Podem apoucar as verdades ou revelar-lhes os gumes finos e luminosos (Gomes, 2005:28). Com base nessa afirmação, Aldónio Gomes conclui:

As palavras revelam ou mascaram. Importa ver quais usamos e como as usamos. Que fazemos com elas? As palavras mudam com o estado de alma, por vezes fugindo até ao silêncio. Importa ver quando as usamos. Consegue-se o equilíbrio? As palavras servem para comunicar, isto é, para transmitir e receber informação, para persuadir o interlocutor ou ser persuadido, para eventualmente mudar comportamentos (...) o do interlocutor ou o nosso. Importa ver se é para isso que as usamos. Falar por falar não é comunicar: é apenas falar em “palavras cruzadas”. As palavras significam, na sua conjugação umas com as outras e com realidade. Importa ver onde as usamos. Pode ser um problema de precisão ou de rigor de quem fala. (ibidem)

O conto é comunicação. Alguém conhecedor da sua cultura transmite esse acervo cultural ancestral às gerações recentes através dos contos. No conto popular o autor não é identificado. O narrador reflete-se na voz do contador. Os contadores podem ser vários e em diversos espaços sociais e temporais. A sua força e longevidade assentam na cultura tradicional. Ou seja, numa ancestralidade transmitida às novas gerações. Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes estabelecem as seguintes tipologias do conto popular: “contos de exemplo, contos de animais, contos religiosos, contos etiológicos, facécias, contos de adivinhação” (Reis & Lopes, 2007: 84). O conto popular não é estritamente oral. Pode ser escrito, mas com marcas de oralidade. É o designado texto oral com ausência de sinais de pontuação exceto o ponto final.

Os contos encontram-se, quase, em todos os povos. E há contos nas culturas cuja mensagem/ensinamento extravasa fronteiras. E. R. Eratine estampa isso no título da sua

¹ Esse aspeto pode ser aprofundado consultando o Dicionário de Narratologia de Carlos Reis & Ana Cristina M. Lopes, *Dicionário de Narratologia*, 7ª Edição, Edições Almedina, SA Coimbra, 2007, pp. 78-86.

obra «Contos populares da Ásia – para as crianças de todo o mundo». Esse aspeto é atestado na mensagem, em jeito de dedicatória com o título: «às crianças de todo o mundo». Como se lê no seguinte texto:

Aqui têm alguns velhos contos da Ásia. Através dos séculos, mães e avós contaram estas histórias aos filhos e aos netos. Algumas das histórias chegaram a muitos países diferentes, alternando-se durante as viagens mas continuando a ser o que eram: simples contos de alegrias e sofrimentos, de ousadas aventuras e feitos heroicos. Nestas histórias, seja o que for que aconteça, o bem acaba sempre por vencer e os poderes do mal são destruídos. O modelo é sempre o mesmo, porque as histórias se baseiam em crenças e valores universais; a sua mensagem é universal. Quer falem de pessoas verdadeiras ou de seres imaginários, estes contos têm os aromas da terra e da água, que são os mesmos em toda a parte. Do mesmo modo, embora os nossos costumes possam ser diferentes e ser diferente a cor da pele, todos os nossos corações têm a mesma forma e mesma cor, batem do mesmo lado e pulsam graças a um sangue que é sempre quente e vermelho. (Eratine,1977: 11-12)

Os «velhos contos» que o autor compilou e apresentou ao mundo são dezasseis. O autor apresenta um conto de cada região ou país da Ásia. Os contos são os seguintes: *O corvo e o pardal* (Bangla Desh), *O rei que quis subir ao céu* (Índia), *O senhor amigo e o senhor inimigo* (Irão), *O rapaz e o tigre* (Coreia), *Thao Kham, o lançador de pedras* (Laus), *Porque é que a colina é vermelha* (Singapura), *Makato e a concha do mar* (Tailândia), *A história do bétele e da areca* (Vietname), *A história do arroz* (Indonésia), *O retrato da mulher* (Japão), *Os quatro homens calvos* (Khmer), *(Malásia)*, *A velha da cabaça* (Nepal), *A mulher do lavrador e o tigre* (Paquistão), *A filha do pescador* (Filipinas) e *Como o lagarto lutou com o leopardo* (Sri Lanka).

Em Portugal há um vasto acervo literário de contos. Contos de literatura para a infância e contos para níveis elevados de escolaridade. A título de exemplo, apontamos o Boletim Cultural Conto e Reconto – Fundação Calouste Gulbenkian, que apresenta fábulas com lições morais, úteis também para crianças, adolescentes e jovens dos PALOP. Nesse boletim cultural salienta-se o poder pedagógico da fábula:

O adulto contador exerce, deliberadamente ou não, uma acção formativa, quando transmite à criança o repertório narrativo herdado. Crenças, conceitos e atitudes, sob a roupagem de contos de aviso e resguardo ou de proveito e exemplo, promovem os valores perduráveis na sobrevivência, num mundo inçado de perigos. (...) A criança rejeita o sermão, que apenas interpreta como vontade de domínio do adulto, mas não rejeita a história, por mais inculcadora que ela seja. Como a rotulagem moral

nem sempre é explícita, a criança adere ao enredo e ainda bem. Por sua vez, quem conta confia no efeito do contado, que mais não seja por acumulação e sedimentação (...). É a fábula a via por excelência, a via mais corrente para o trânsito das regras de segurança, garantes da espécie, de geração em geração. Recados não faltam (VIII Série, nº2 Maio 1996)

O conceito de conto é indissociável da sua dimensão pedagógica. O conto tradicional revive no reconto. Quem reconta pode sentir-se autor. Simplesmente porque conhece o conto. Mas na origem do conto relatado pelo contador existe um autor ancestral anónimo, como diz Cecília Meireles: “O gosto de contar é idêntico ao de escrever – e os primeiros narradores são os antepassados anónimos de todos os Escritores”². Ou seja: aquele que reconta deverá estar ligado ao objetivo do autor do primeiro conto como se refere a seguir:

Na verdade, o primeiro conto, a primeira narrativa, surgem entretecidos na memória e nos afectos, com polos no real objectivo, com significação muito pessoal circunscrita ao seu autor. Quem o reconta, todavia, sente o conto como seu, inscreve-o nas suas coordenadas de vida e transmite-o depois transformado, vestido com as palavras da língua-linguagem do autor que o faz novamente viver. (ibidem)

Noélia de Lurdes Duarte, sobre o conto tradicional, diz:

Conto tradicional ou popular é uma narrativa na qual o autor é anónimo. Essa tipologia de conto faz parte da literatura oral transmitida de geração em geração; um modo pedagógico de transmitir valores ancestrais às novas gerações. (Duarte, 2012)

O conceito de conto salienta, em primeiro lugar, o pendor narrativo desta tipologia textual (narrativa breve), em prosa. Só depois é feita, no eixo cronológico, a distinção de duas vertentes do conto: conto tradicional (narrativa por via da oralidade) e conto literário (escrito segundo regras de narratologia).

2.1.1 Conto literário

O conto literário rege-se pelas regras da linguística textual. Nesse sentido, o conto é caracterizado por uma extensão reduzida, poucas personagens e concentração espaço-temporais. A ação é, geralmente, linear, circunscrevendo-se a um conflito, a um episódio ou a um acontecimento insólito, por vezes aparentemente insignificante. Trata-se do texto onde há o elemento narrativo e o descritivo. Narração é o processo que consiste no relato de acontecimentos ou factos e envolve a ação, o movimento e a passagem do tempo. A narração caracteriza-se pelo dinamismo dado o relevo aí

assumido pela ação (por oposição ao estatismo da descrição), ou seja, pela sucessão encadeada de acontecimentos passíveis de serem temporalmente referenciados. Ações evocadas apresentam o cunho da espontaneidade, traduzida pelo emprego do pretérito perfeito (ou do presente histórico) e formas afins, deíticos e verbos de ação. O conto é uma obra de ficção. Cria um universo de seres e acontecimentos de ficção, de fantasia ou imaginação.³

2.1.2 O conto e o seu efeito pedagógico

Apesar da diferença entre conto tradicional e conto literário, a função pedagógica está presente e ambos textos (texto oral e texto escrito). Como foi referido acima, aquele que conta espera efeitos na vida ou conduta do ouvinte. No caso do conto escrito, o narrador-autor espera efeitos na vida do leitor. Noélia de Lurdes Duarte, no seu estudo sobre a função do conto em contexto Português, diz o seguinte:

O objectivo (...) é estudar o conto como género que exhibe traços característicos das formas literárias que estiveram na sua origem. Considerando que ele preserva, em todo o seu percurso, a memória da tradição, partiu-se da observação das particularidades do mito e do conto da literatura de expressão oral, identificado como uma aprendizagem transmitida de geração em geração, demonstrando de que modo e por que razão esta herança ancestral foi mantida ao longo dos tempos, na constituição do que aqui será denominado modelo pedagógico do conto literário. Nesta mesma formação participa também a tradição literária do exemplum. Esta questão histórico-literária remete para o modo como o moralismo cristão, muito influente em Portugal durante a Idade Média e Renascimento, contribuiu para que a função socializadora da forma oral e o princípio moral se sobrepusessem ao exercício do puro prazer estético, com o qual está também relacionado o desenvolvimento da forma literária do conto. (ibidem:3)

Esse efeito pedagógico do conto acontece em quase todos os povos do mundo. E, nos tempos modernos, aquilo que une a humanidade faz que a mensagem de alguns contos de outras culturas ou países tenham sentido em todos os contextos culturais. Pedro Tamen na nota introdutória na obra literária *contos populares da ásia (para as crianças de todo o mundo)* diz:

² Ibidem, p. 4.

³ Cf. Carlos Reis & Ana Cristina M. Lopes, *Dicionário de Narratologia*, 7ª Edição, edições Almedina, SA, 2007, Coimbra, pp.78-86.

Em Maio de 1966, em Tóquio, a Unesco promoveu um encontro de peritos da produção e distribuição de livros na Ásia. Nesse encontro, alguns peritos focaram a necessidade urgente de publicar literatura própria para crianças, especialmente livros ilustrados [...]. E eis que, volvidos anos de esforços e planeamento, o presente livro representa o primeiro resultado concreto desta iniciativa. O que passou a chamar-se Programa de Copublicação Asiático foi inaugurado de modo altamente positivo, graças ao efectivo e entusiástico apoio das diversas comissões nacionais da Unesco na Ásia e à colaboração dos peritos. [...] É nosso desejo sincero que este empreendimento, tão recente como ousado no campo da literatura infantil, floresça e se revele útil a todas as crianças da Ásia e do mundo. Esperamos contribuir assim para incentivar o espírito de cooperação e de compreensão internacional e ajudar a erguer o edifício da paz no espírito das crianças de todo o mundo. Neste caso, no espírito das crianças portuguesas. (Tamen, s/d: 7-9)

Essa edição portuguesa, pelas suas temáticas (em fábulas) encontra recetividade nas culturas dos povos de Angola. A literatura com temáticas humanísticas é aceite em todas as culturas. Esse facto justifica as muitas traduções das obras literárias bem como traduções de outras obras de outros ramos do saber. Nisso se vê o poder da literatura. A literatura não se destina a anunciar ideologias políticas.

Para Ricardo Manuel (1999), uma boa literatura é útil para a sociedade, é expressão da sociedade, como diz:

Sem a literatura não há sociedades trabalhadoras, responsáveis e sobremaneira Cultas. Os bons livros têm tanto valor para a vivência humana como o leite ou o pão para todos os dias. Os livros são o futuro de um presente renovado e criador; e sem futuro não há presente. Repito: sem literatura válida não há sociedades trabalhadoras e sobremaneira CULTAS.⁴

A literatura educa para o convívio entre os homens de diferentes cores, culturas e costumes. Para tal sublime finalidade recorre a contos e fábulas. A literatura brota da inspiração e da criatividade dentro dos valores culturais e humanísticos. Em não poucos casos, a força da literatura, com temas comuns a todos os povos da terra, equipara-se à matemática, em que, por exemplo, um determinado algarismo é igual em todos os povos, variando apenas a designação conforme as línguas. Trata-se de educar e instruir para o universal abraço entre os homens.

⁴ Ricardo Manuel, in *Mar além (Revista de cultura e literatura dos países africanos de língua oficial portuguesa)*, maio, 1999:16-18

Para João César das Neves (2010) existem três elementos importantes para a educação de uma pessoa a partir da tenra idade. Esses elementos são: a tradição, a vivência e a crítica. Quanto ao elemento «tradição», diz:

Uma educação só existe no quadro de uma cultura, numa tradição. Cada pessoa pertence a um meio humano e comunitário, que tem uma história, uma identidade, uma cultura. A educação só se pode desenrolar dentro desse ambiente profundo e global. (...) Educação tem a ver com valores. Mas os valores, ao contrário do que muitos pensam hoje, não existem desligados e isolados. Tem de existir uma coerência interna entre eles. Aliás, o próprio princípio do equilíbrio exige essa inter-relação. Qualquer orientação moral se for absolutizada ou extremada transforma-se num enorme vício. Os maiores monstros da história são pessoas bem-intencionadas, mas dirigidas por uma única finalidade. O resultado desse desequilíbrio só pode ser a destruição. (Neves, 2010:129-130)

Quanto ao segundo elemento, *vivência*, lê-se:

O segundo elemento definidor da educação é a vivência. A velha máxima «as palavras convencem mas os exemplos arrastam» mostra bem como a educação é sumamente eficaz se partir de uma proposta de vida, que é mostrada como modelo por alguém que a vive. A educação faz-se dentro de uma experiência de vida. Ela não é fundamentalmente teórica, mas prática. Cada um é educado na sua vida pessoal e no confronto com as vidas reais dos outros. Um dos momentos mais ricos da formação do nosso carácter é quando dizemos “Eu gosto de ser como ele”. Isso significa que encontramos alguém que tomamos como referência. (...) Por isso mesmo é que desde sempre uma das melhores formas de educar é contar histórias. Lendas, contos, mitos e tradições são instrumento privilegiado de educação. Ao longo dos séculos as crianças ouviam fábulas de príncipes e dragões, de heróis e vilões, de santos e tiranos, e assim foram formando as suas personalidades. Por isso, é que a educação sempre se fez tendo por base colecções de histórias como a Bíblia, as Fábulas de Esopo[...] (ibidem:132)

No que concerne ao terceiro elemento, *crítica*, lê-se:

O terceiro elemento da educação é que ela é sempre feita para uma crítica. O resultado de uma educação, realizada dentro de uma tradição e traduzida numa vivência, tem de ser o de formar a capacidade pessoal de usar critérios de escolha, selecção e avaliação das realidades e das acções. A proposta de vida que a educação consubstancia é feita a um ser racional, que tem de ser capaz de julgar para realmente aderir a ela voluntariamente. A simples absorção de regras, orientações e valores não constitui ainda educação, por muito detalhada e profunda que seja. Só quando questionámos essas ideias e as aceitamos ou recusamos é que se dá a verdadeira absorção educativa. (...) Os jovens costumam ser desconfiados e rebeldes precisamente porque estão num período de intensa educação. Discutem o que lhes é dito para o poderem compreender e absorver na sua personalidade. A crítica é, pois, um elemento indispensável para a educação. (ibidem)

Vê-se, claramente, a necessidade que há de passar da educação das crianças e jovens, através do conto tradicional feita por anciãos, ao conto literário feita em contexto escolar (instrução).

2.2 O conto na cultura dos povos de Angola – ensinamentos

Os primeiros contos no ambiente dos povos de Angola foram recolhidos por Joaquim Dias Cordeiro da Matta «o pai da literatura angolana», etnólogo das culturas dos povos de Angola. Nas diversas culturas dos povos de Angola, o conto teve sempre uma dimensão pedagógica. Para além dos contos, também há adivinhas e provérbios. Os provérbios são ensinados por anciãos e aprendidos pelos adolescentes para reflexão sobre valores culturais. As adivinhas são uma espécie de jogo de rápida interpretação de uma exposição brevíssima. Os contos são relatados pelos anciãos para instrução das crianças e adolescentes na arte de viver. Nem todos os contos se encontram traduzidos para a Língua Portuguesa.

José Luandino Vieira, em 1976, publicou a obra «Velhas Estórias». O espaço social retratado é o norte de Angola, na cultura Kimbundu, concretamente Malanje e Luanda. Nessa obra, na “Estória de um cabrito malajinho” realça-se a importância de os adolescentes serem educados para o trabalho sem descuidar a instrução escolar. Diz o narrador: “Vou pôr a estória dum cabrito malanjino, tocava viola, vivia sem destino” (1976:13). Cabrito nesta estória é uma pessoa, resultado da união de um português e uma negra. Continua o narrador: “O cabrito malajinho, nome dele era o Sobral. O Sobral, por alcunha de mangonha” (ibidem). Nessa condição, Cabrito, o Sobral e outros tinham de ser educados para o trabalho. Por isso numa certa manhã, Cabrito e outros tiveram de ouvir a seguinte ordem: “vamos, malta! Sirena já sapupou às sete (...). O trabalho é o pão do trabalhador.” (ibidem:14)

Na “Estória da Menina Santa”, o narrador-autor traz à luz a vida privada da “menina santa”. A educação conferida pela madrasta resultou em fracasso. A “menina santa,” apesar da educação obtida da velha madrasta, enveredou para a imundície. Afinal, ignorar a educação doméstica e dar ouvido ao arruaceiro pode levar à destruição da vida.

Nas últimas décadas do século xx, é Aldónio Gomes que propõe nova estratégia do ensino e aprendizagem do conto nos PALOP. O conto africano tem como base a

experiência dos anciãos. Aldónio Gomes, um dos estudiosos dos contos africanos (África lusófona), ilustra essa realidade. Vejamos o texto do ancião que precede o conto «A armadilha do leopardo»:

Ora então vou apresentar-me. Sou Amador, um jogral ou, como também me chamam aqui por África, um griô. Isto é, a minha vida é viajar de terra em terra, conhecer pessoas e conhecer as suas histórias. Depois, estão a ver: em cada terra a que chego conto as histórias que ouvi nas outras terras. Então, agora que aqui estou, também lhes vou contar. **É uma história de Angola que mostra como ninguém está seguro nem livre onde só há lei da selva, onde os princípios gerais da justiça não têm valor.** (Gomes,1999:3)

Essa é uma espécie de preâmbulo ao conto “A armadilha do leopardo”. Nesse extrato, o destaque em negrito é da nossa responsabilidade. Duas afirmações importantíssimas para a nossa dissertação: “história de Angola” e “lei da selva”. História não é estória. Estória é uma narrativa de ficção. É uma exposição romanceada de factos e episódios, distinta da história, baseada em documentos. A segunda afirmação diz respeito à lei da selva. Segundo António Martins Barata, a lei da selva significa “viver à lei da natureza (da lei da selva): sentir a vida sem raciocinar, sem pensar; viver fora das regras da boa sociedade, ao sabor das paixões desregradas, ao estilo da barbárie” (Barata,1989:154).

No referido conto, um velho leopardo, apertado pela fome, arquiteta uma mortífera estratégia. Usando o filho como mensageiro, convoca todos os animais para uma assembleia. E a mensagem é a seguinte: “Vai a casa de todos os animais e anuncia-lhes que venham cá depressa porque estou doente” (Gomes, 1999:4). De todos os animais que se fizeram presentes na assembleia só o veado descobriu que o leopardo não estava doente. Queria, sim, fazer dos convidados frágeis o seu sustento. Com esse alerta todos fugiram. O último a escapar-se foi o veado. A lição moral desse conto pode ser a seguinte: Os poderosos pretendem ser os únicos a viver neste mundo. Os pequenos, os frágeis, os indefesos são dizimados pelos poderosos.

Tudo isso com base na “lei da selva”. Mas há sempre alguém que desperta os outros para o perigo de vida. Esse tema de os grandes, de os poderosos viverem dos pequenos, como seu sustento, é quase comum nos contos nas diferentes culturas do mundo. No Boletim Cultural *Conto e Reconto - as fábulas* da Fundação Calouste Gulbenkian, encontramos um conto similar ao anterior. Trata-se do conto “Comer sem correr” (1996:15). Neste conto, inspirado numa fábula guineense, o leão, cansado de

correr o mato para poder ter uma refeição, concebe uma estratégia: enviou um mensageiro a anunciar a todos os animais o seguinte: “O nosso rei leão está à morte. Prestem-lhe a homenagem que merece” (ibidem). A homenagem, continua o narrador, devia ser prestada individualmente no mais fundo de uma gruta onde o leão se encontrava. Só a lebre sobreviveu por ter verificado que os que entravam para essa homenagem nunca mais saíam. Fugiu.⁵

No contexto angolano, em muitas culturas desse vasto território, alguns animais se revestem de um profundo simbolismo. Assim, o leão simboliza a lei da força diante dos animais frágeis; o elefante, a majestade; o cágado, a máxima sabedoria; a ovelha, a mansidão, a humildade; o lobo é símbolo do roubo noturno ou, então, aproveitando a ‘noite’ (ignorância) do alvo a abater; a raposa, o roubo diurno e noturno; a lebre, a máxima esperteza. Moral da história: muito ensinamento se faz com essa fábula. Dessa fábula pode extrair-se a seguinte mensagem ou ensinamento: os grandes vivem dos pequenos; e que entre os pequenos há os que pensam; e que a «inteligência vale mais que a força».

Além desses temas, Aldónio Gomes organizou outros contos com os seguintes temas no contexto tradicional angolano para instrução dos adolescentes:

- Necessidade de cada um reconhecer os seus erros na convivência com os outros;
- Cada ser humano é importante;
- O valor de usar a cabeça em todas as situações vida;
- O excessivo egoísmo (os que só pensam em si);
- Lutar contra os defeitos na convivência social;
- Uma boa escolha das amizades.

Vejamos, então, a exposição sintética de cada tema.

2.2.1 Necessidade de cada um reconhecer os seus erros na convivência com os outros

Este ensinamento está contido na fábula *O arrependimento*. Esse ensinamento é o mesmo no contexto de Moçambique e no da Guiné-Bissau. Eis o ensinamento ancestral da fábula:

⁵ O conto “comer sem correr” consta dos anexos desta dissertação.

Todos nós podemos errar, sem dúvida. E cometemos faltas, somos talvez mauzinhos – às vezes sem querer, sem pensar nas consequências dos nossos actos. Mas outras vezes não nos dominamos, tornamo-nos egoístas. Ora o importante é que reconheçamos os nossos erros, que saibamos ouvir os outros, que não caiamos no pecado triste da ingratidão para com eles. (Gomes,1999: 6)

Esse é o resumo do ancião-narrador no que diz respeito à fábula *Arrependimento*. Aqui o contador ou o narrador acentua a coragem de pedir perdão para o restabelecimento da amizade.

2.2.2 A importância de todas as criaturas e o valor de cada ser humano

Este tema vem nos contos *As criaturas não se medem aos palmos; O rato amigo do homem* (contos de Angola) e *Todos dependem da boca* (conto de Moçambique).

A autora desses contos criou um ancião - narrador que apresenta a lição moral de cada fábula antes da narração:

O princípio a ter sempre em conta é que todas as criaturas são importantes. Cada um de nós é uma pessoa que tem o seu na família e na sociedade, que para com elas tem os seus deveres e delas espera os seus direitos. (ibidem:27)

O texto integral de cada um desses contos está colocado nos anexos.

2.2.3 O valor de usar a cabeça em todas as situações da vida

Este é o tema identificado em três contos sendo um de Angola e dois de Moçambique. Eis os títulos dos contos: *Uma corrida extraordinária* (de Angola); *Uma ideia tonta* e *Brincadeiras perigosas* (ambos de Moçambique).

A arte de usar a cabeça (inteligência) é demonstrada pelo sapo-concho face à natureza do cão-selvagem, em termos de corrida. Trata de disputar a mão da filha de um lavrador. Só o vencedor da corrida, organizada pelo pai da donzela, devia casar com a filha. A cena passa-se em Caripande (uma aldeia do Alto Zambeze no Moxico, em Angola, a 600Km da capital, Luena). A corrida foi realizada. Venceu o sapo-concho, pois usou a inteligência. Cada um dos dois contos de Moçambique contém uma informação essencial. Ou seja: uma lição. No conto *Uma hiena tonta* não consegue decidir a que festa deveria ir, das duas que se realizavam à mesma hora. Sem cabeça a funcionar, pôs uma perna em cada caminho. O resultado é a tragédia. No conto

Brincadeiras perigosas, também acontece a tragédia. Pela linguagem usada para enganar, os incautos são gravemente prejudicados. Para a leitura integral desses contos, ver anexos.

O ancião - narrador deixa a seguinte lição moral:

Não há dúvida de que o homem, uma criatura, vale o que vale a sua cabeça. Isto é, uma criatura vale pela sua cabeça e pelo uso que lhe dá: pelo modo como procura resolver os problemas, e pelo estudo que deles faz, bem como pelo respeito pelas decisões dos outros. (Gomes, op.cit: 40)

O ensinamento dos anciãos acerca da necessidade de usar a cabeça é comum nos territórios africanos. Nesta nossa dissertação, a expressão “territórios africanos” refere-se apenas aos PALOP. Estamos na esfera da cultura Bantu. E a cultura Bantu abrange muitos países da África Negra. Vejamos a sábia reflexão do ancião - narrador no conto da Guiné-Bissau:

O que é fundamental para todos, aquilo que decide mesmo a nossa vida e muitas vezes também a vida dos outros, é saber usar a cabeça. Somos animais racionais, logo devemos raciocinar, devemos saber usar a cabeça, pensar bem antes de dizermos qualquer coisa ou decidirmos o que vamos fazer. É por essa capacidade de pensar e de por ela em consciência decidirmos da nossa vida e intervirmos na vida da comunidade que as pessoas são apreciadas e estimadas. Depois, pouco interessa se somos gordos ou magros, fortes ou fracos, coelhos ou cordeiros. A propósito vejam como actua o camaleão, como responde o lavrador quando é interrogado e como se comporta o jovem perante os problemas que lhe são postos – em três histórias da Guiné-Bissau.⁶(ibidem:33)

Essa é a lição moral que o ancião narrador dirige aos adolescentes. São lições de iniciação. Salientamos, aqui, que na página do texto original de que se extraiu o texto acima, tem uma ilustração: um ancião a dirigir-se a dois adolescentes sendo um rapaz e uma rapariga, de mãos dadas. Os contos de que se tirou essa lição moral são os seguintes: *A força e o jeito*; *Bem pensado*; e *O mais inteligente*.⁷ Em Angola, este aspeto de iniciar os adolescentes nos valores culturais conheceu o seu tempo de força. Atualmente pende-se pela trivialização. Muitas iniciações não alicerçadas nas raízes culturais dos povos que fazem Angola. A recuperação dos valores culturais e morais perdidos tem sido objeto de reflexão de alguns jovens estudantes angolanos.

⁶ Ibidem, p.33.

2.2.4 O excessivo egoísmo (os que só pensam em si)

O egoísmo, por si só, já é um defeito. O excesso de egoísmo constitui uma extrema anomalia. Por isso, os antigos anciãos angolanos tiveram, no seu programa educativo dos adolescentes e jovens, essa preocupação. Educar as novas gerações para o altruísmo; para o reconhecimento do valor de quem vive a nosso lado. No contexto da África Negra, concretamente nos países mais tarde designadas de PALOP, o egoísmo também é retratado na literatura tradicional (contos) de Cabo Verde e de S. Tomé. Quanto a esse tema, o conto de Angola intitula-se *Dois espertos – ou talvez não (...)*; os contos de Cabo Verde, *A brincar de madrinha* e *A vaidade acaba mal*; e o de São Tomé, *Quem é a filha da garça?*⁸

Dos três contos desses países diferentes, o ancião narrador tira e transmite a seguinte lição moral aos adolescentes e jovens:

É verdade que às vezes há criaturas que só pensam em si, que têm dificuldade em viver amigavelmente com os outros. São criaturas mal formadas, mal-educadas, que acham que só direitos e que, por isso, podem fazer tudo o que lhes der na cabeça. Estão a ver como é difícil viver na terra deles. E como temos de ter cuidado (...) sobretudo quando se trata da desonestidade, quando não podemos confiar nelas. Reparem no conto de Angola, com os dois Pepos; nos de Cabo Verde, com a madrinha raposa e com Lúcio – e fé – que nos leva ao Inferno; e no de S. Tomé, com a coruja. (ibidem:50)

O texto integral dos contos mencionados encontra-se nos anexos deste nosso trabalho (anexos). Os contos em referência evidenciam a preocupação do ancião-narrador em informar e formar bem as pessoas para os valores universais.

Outro assunto pedagógico nos contos na cultura dos povos de Angola é o que vem no conto *Os teimosos e os burros*. Contudo, o ancião-narrador junta mais dois contos de outro país de Língua oficial portuguesa: trata-se de Moçambique, *O ouro não se come*, e de Cabo Verde, *Uma herança para três irmãos*. Os assuntos abordados são: a ambição, a preguiça, a teimosia tonta. Lê-se:

Mas todos nós temos de lutar contra outros defeitos: ambição, a preguiça, a teimosia tonta. Às vezes até parece que estamos cegos, ou que não queremos ver como são errados certos procedimentos. Este ramalhete de histórias mostra-nos esses males e, se for caso disso, o seu castigo: temos um primeiro conto de Moçambique, depois dois de Cabo Verde e um último de Angola. (ibidem:58)

⁷ Os referidos contos constam dos anexos desta dissertação.

⁸ Os referidos contos constam dos anexos desta dissertação.

Os contos em referência podem ler-se nos anexos desta nossa dissertação. O ancião narrador de Júlia Lisboa tem uma mensagem: combater três grandes defeitos da sociedade nos países referenciados da África negra: a ambição, a preguiça e a teimosia. Esses três defeitos, na cultura dos países citados, geram inimizade e pobreza. Por isso, de antemão, através do conto bem pensado e construído pelos «mais-velhos», as gerações recentes são formadas na linha oposta. Estamos a falar da sociedade angolana tradicional. Nessa sociedade o jovem tinha de demonstrar a sua força de vontade em cultivar a terra e na caça. Uma jovem tinha de evidenciar as capacidades de cultivar a terra e de cuidados da casa a partir do lar paterno. O ensinamento que se transmite é o seguinte: tudo se dever fazer para evitar litígios na sociedade, transformar a riqueza natural em coisa útil para a vida das pessoas; acima de tudo está a vontade de trabalhar.

Por isso, o ensinamento através do conto exigia a prática. Daí o período da iniciação dos adolescentes em tudo quanto é oposto à preguiça e litígios: cultivar a terra com os pais e ser convidado a assistir a julgamentos tradicionais como observador atento.

O assunto sobre o cultivo da terra para combater a fome é abordado por vários escritores dos PALOP. Temas similares encontram-se nas diversas coletâneas dos contos desses países. Para exemplificar, temos os contos: *O ouro não se come*⁹; *O ouro*¹⁰; *Angola é toda a terra onde planto a minha lavra*¹¹; a descrição da vida no kimbo novo.¹²

Esses contos despertam os leitores e os ouvintes para a agricultura. E não para dedicação única de extração de minérios valiosos. Os minérios são valiosos e necessários, mas não são sustento imediato para o ser humano. Daí que, primeiro se cultive a terra para fornecer alimentos ao homem e ter força para extrair minérios. Outro tema com importância igual é o da amizade. Saber fazer amizades, ou seja, saber escolher pessoas para amizade.

2.2.5 Boa escolha das amizades

Acerca do assunto da escolha das amizades, diz o ancião-narrador de Júlia Lisboa:

⁹ Ibidem, p.59.

¹⁰ Cf. Alice Alcobia et al. *Novas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*, coordenação científica de Aldónio Gomes e Fernanda Cavacas, Editorial do Ministério da Educação, 1997, p.53.

¹¹ João Melo, *O Dia em que o Pato Donald comeu pela primeira vez a Margarida* – Estórias, Editorial Caminho, SA. Lisboa, 2006, pp. O Dia 173-182.

¹² Pepetela, *Parábola do Cágado Velho*, 10ª edição, D. QUIXOTE, 2016, pp. 81-104.

Vemos bem que é decisivo para a nossa vida sabermos escolher os nossos amigos. Eles podem ser para nós um apoio, podem até salvar-nos. Mas podem também causar-nos grandes males. É por isso que ninguém quer como amigo o fogo ou o candimba e muitos desconfiam da sua esperteza, às vezes pouco séria, do coelho. É o que vemos nos contos da Guiné-Bissau (...), de Angola (...) e Moçambique. (Gomes, op.cit: 66)

Os contos dos quais o ancião-narrador tirou a lição moral acima exposta são os seguintes: *Com o fogo não há amizades*; *Maus vizinhos*; *Espertezas de coelho*; *O coelho salvador*; *Um grande desgosto*.¹³

Muitos outros contos tradicionais poderiam ser referidos e, até, transcritos. Os que foram apresentados bastam para demonstrar o poder do conto para a educação das novas gerações. Estamos a falar das culturas do povo Bantu de Angola, Moçambique, São Tomé, Cabo Verde e Guiné-Bissau. De acordo com Alice Alcobia e outros, a similitude temática de muitos contos nos povos desses países é sinal evidente da interculturalidade.¹⁴ A interculturalidade não acontece apenas na relação entre esses países, hoje, designados de PALOP. A multiculturalidade é uma realidade, primeiramente, em cada um desses países. Sabe-se que, por circunstâncias históricas, quase todos os países africanos aglutinam diversas culturas. É resultado do conhecido Mapa cor-de-rosa, sobretudo no que diz respeito à África subsaariana. Segundo Carlos Pacheco (2000), esse Mapa-cor-de-rosa está na base de muitos e infintos problemas sociais nessa região da África, pois anulou a autonomia desses povos. No caso de Angola, diz o historiador Carlos Pacheco:

Angola reparte-se por um mosaico de povos distintos entre si, étnica e culturalmente, sendo que os seus processos históricos se desenvolveram praticamente, sem interrupção, e de forma autónoma, durante séculos até à Conferência de Berlim. A chamada soberania colonial portuguesa, circunscrita até então ao litoral e a umas escassas centenas de milhas para o interior, pouco (ou nada) afectava esses povos do vasto sertão que, longe de viverem sujeitos à Coroa portuguesa, desfrutavam de limites de jurisdição territorial próprios. (Pacheco, 2000: 20)

É diante dessa multiculturalidade com propensão a tornar-se conflitualidade que o conto oral ou literário ganha o seu valor. Sobretudo o conto com temas interculturais como o são os contos colecionados por Aldónio Gomes, Alice Alcobia, Luís Alcobia e Marília Ramos (in *Novas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*) e os contos de João Melo (Angola). No caso dos contos de João Melo, esses são contos que abordam

¹³ Os contos referidos encontram-se, em texto integral, na secção dos anexos desta dissertação.

¹⁴ Alice Alcobia et al. *Novas Literaturas Africanas*, vol.2, 1977, p.5.

temas do reencontro, de reflexão sobre o passado e o presente, do abraço entre angolanos (negros brancos e mestiços) visando o desenvolvimento do país. Mais empenho haverá no abraço entre negros angolanos, pois Angola é um mosaico cultural.

2.3 Uma nova etapa do poder do conto literário: O conto no ambiente escolar

Tradicionalmente, o conto oral tinha um local próprio, o Onjango. O período do dia para esse tipo de sessões é à noite. Também o conto tem lugar durante o serão como referencia o escritor Pepetela a propósito duma estória acerca do soba-cazumbi: “Essa estória de soba-cazumbi é sempre contada e recontada no onjango ou nos serões à volta da fogueira” (Pepetela, 2016:30).

Nos tempos modernos, nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, o conto é transmitido em dois contextos: o tradicional (em zonas onde o ancião exerce o seu dever de educador) e o escolar. No contexto escolar, é o professor que orienta a interpretação do conto. A abordagem dos contos reparte-se pelos ciclos letivos, ou seja: há contos para o primeiro, segundo e terceiro ciclos. É resultado de um árduo trabalho desenvolvido por dois coordenadores científicos, nomeadamente: Aldónio Gomes e Fernanda Cavacas. O trabalho consistiu em selecionar contos recolhidos pelos autores Alice Alcobia, Luís Alcobia e Marília Ramos e, seguidamente, a inserção desses contos nos programas de ensino escolar em muitos volumes. Foi um trabalho ingente como atestam os coordenadores científicos Aldónio Gomes e Fernanda Cavacas

[...] A selecção dos textos que constam de todos estes volumes não foi tarefa fácil pela tentativa de ajustar a representatividade dos autores seleccionados com as temáticas tratadas, o nível etário dos alunos destinatários e o tamanho dos livros a editar. No caso do 1º ciclo, optámos por seleccionar histórias tradicionais, porque nos pareceu fundamental dar a conhecer alguns aspectos do imaginário africano e porque, apesar de a língua portuguesa veicular muitas destas histórias em substituição das línguas de origem, quisemos manter algum do sabor oral destas narrativas, tão adequado aos alunos desta fase de escolaridade. Por outro lado, as novas literaturas africanas de língua portuguesa não poderão nunca ser compreendidas sem as suas raízes e o diálogo entre as criações literárias – orais e escritas – é dos factores enriquecedores do maravilhoso artístico que compõe o texto literário. (Alcobia et al.: 1997:4)

Trata-se de uma viragem no modo de apresentar o poder pedagógico do conto em Angola e em outros países africanos de Língua Portuguesa. Não se está a falar da anulação do conto no contexto tradicional para relevância do conto no contexto escolar

e em sala de aula. A novidade consiste na planificação do conteúdo a transmitir. Primeiro: cria-se um leitor do conto e não apenas ouvinte. O leitor do conto não é um destinatário esporádico. É alguém matriculado para aquisição de competências gizadas pelo Ministério da Educação. Competência, aqui, significa ser bem preparado para a arte de viver e conviver. É o saber ser e saber estar que são a porta para obtenção de todo tipo de conhecimento. Outro dado é o seguinte: em vez de um ancião contador surge a figura do professor. O professor não age como um contador esporádico. A mensagem que vem do conto selecionado para aula obedece a uma planificação bem estudada. Essa estratégia encontra-se demonstrada na coleção *Novas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*. Para exemplificar, no que respeita ao plano da aula, selecionamos o conto *O Ouro*.¹⁵ Para o estudo desse conto o professor deverá elaborar o plano da aula com base nos seguintes processos de operacionalização:

- Leitura;
- Exploração do texto;
- Informação;
- Jogo (advinha, técnica de pintura, Língua Portuguesa e matemática).

Aqui a novidade está na presença dos aspetos matemáticos explorados em alguns contos. Para esse assunto, o esclarecimento encontra-se na secção dos anexos desta nossa dissertação. (Bloco 1)

O conto no contexto escolar acrescenta outras estratégias do ensino-aprendizagem com base nos contos tradicionais. Assim, ao escutar o conto e falar (recontar) associam-se outras como ler, interpretar e escrever.

É nessa atmosfera moderna que escrevem os «escritores da Nova Geração»: Botelho de Vasconcelos, Cremilda de Lima, João Melo, João Maimona, João Tala e Lopito Feijó.¹⁶

O contexto escolar é importantíssimo para a educação e instrução com base nos contos, mormente os contos de João Melo. Está em questão a educação das novas gerações dos povos de Angola, o humanismo que se vai atualizando. Essa é também a percepção de José Cassanji Santos (2009).¹⁷ Contudo, é preciso que a escola esteja à altura da realização deste ideal. É indispensável uma biblioteca bem equipada. João

¹⁵ Ibidem, pp.53-55.

¹⁶ Cf. *Programas de Literaturas*, Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento da Educação (INIDE), 2º Ciclo do Ensino Secundário/d.p.25.

¹⁷ Esse é o pensamento e proposta de José Cassanji Santos, angolano, Doutor em Filosofia. Cf. José Cassanji Santos na sua obra *Repensar O Homem na Angola do século XXI* (2009).

César das Neves inspirando-se na frase atribuída a Marcus Tullius Cicero, segundo a qual «*se tiveres uma biblioteca e um jardim, tens tudo o que precisas*», diz o seguinte:

Uma escola é apenas um jardim do conhecimento. A escola é o local onde a humanidade juntou as melhores flores do espírito humano. As peças mais notáveis da literatura, arte, história, ciência, religião, imaginação, humor estão reunidas na escola, para que os jovens passem lá alguns anos, aprendendo para depois irem para a vida. [...]. As grandes obras literárias e poéticas da língua materna e da bibliografia mundial, as maiores peças de todas as artes, os factos mais relevantes da História, os resultados e teorias mais destacados da investigação, são o tema da escola. Não há melhor que isso na produção humana. Estas são as flores, as árvores são as flores, as árvores, as plantas que constituem o jardim onde a juventude passa o tempo. Tudo está arranjado em canteiros, latadas, áleas, estufas e recantos, de forma a ser mais interessante, mais encadeado, mais compreensível. (Neves, 2010: 29)

No caso angolano, muitas escolas de ensino pré-escolar, básico e secundário não têm bibliotecas. As que têm bibliotecas se confrontam com a escassez de livros e de outras obras de consulta imediata.

O escritor em estudo na nossa dissertação tem contos com ensinamentos para sonhar uma outra Angola. Uma Angola em que a corrupção e toda a espécie de imoralidade e criminalidade não seja regra. Contudo, João Melo e outros escritores da nova geração constam do programa de literatura para o ensino secundário, em Angola, apenas como informação. As suas obras não aparecem nas indicadas, pelo Ministério de Educação, como sendo de leitura obrigatória. As obras e textos de leitura obrigatória são de alguns escritores da anterior geração, concretamente as seguintes: *A Corda* (obra), *O Primeiro - Oficial* (texto) – de Pepetela; *Vozes na Sanzala* – Kahitu (Obra) – de Wanhenga Xitu; *Quem me dera ser onda*; *O búzio*, - de Manuel Rui; *Os Imortais* – de Jofre Rocha; e *Nós os do Makulusu* (Obra) – de Luandino Vieira. Estamos a falar do programa da disciplina de literatura angolana da 12^a classe.¹⁸ As obras literárias do escritor João Melo (os contos) são importantíssimas para a educação das novas gerações. São indispensáveis na educação para a convivência pacífica, para a justiça, para o trabalho. Todavia, no programa de literatura angolana não são de leitura obrigatória como já foi referido. Não só não são de leitura obrigatória, como também muitas bibliotecas escolares, no ensino secundário, não têm as obras do escritor João Melo. Para confirmar isso, houve por bem realizar-se uma brevíssima entrevista aos diretores das principais escolas do ensino secundário, na cidade de Benguela, a capital

¹⁸ A página do Programa da disciplina de literatura angolana encontra-se nos anexos desta dissertação

da segunda região académica em Angola. Em nenhuma biblioteca das três escolas secundárias de relevo, se encontram as obras literárias (contos) do escritor João Melo.¹⁹

Os contos do escritor angolano João Melo têm sido publicados não só em Angola como também em Portugal, no Brasil, na Itália e Cuba. São traduzidos para inglês, francês, alemão, árabe e mandarim. Significa isto que as obras de João Melo são de interesse internacional. Têm mensagem em muitas culturas fora de Angola. Os leitores desses países podem conhecer primeiro e melhor a realidade angolana contemporânea narrada com realismo nos contos de João Melo.

¹⁹ Os resultados dessa entrevista estão nos anexos desta dissertação.

3. O fracasso do sonho – o sonho político

Antes de tudo, uma advertência: ler os contos do escritor angolano João Melo requer saber distinguir o conto tradicional (oral) do conto literário. E, mesmo conhecendo as técnicas do conto literário, o leitor confronta-se com aspetos peculiares. A técnica de João Melo na sua narrativa breve tem algo de inovador. A sociedade que retrata nos seus contos, o contexto histórico em que escreve as suas obras, obriga-o a essa inovação. Uma outra maneira de construir a narrativa breve – o conto. Mantém a finalidade dessa tipologia textual: a vertente formativa, pedagógica. Contudo, os contos de João Melo não se destinam a crianças ou pessoas iletradas. É para os que podem ler e interpretar. O assunto central é o fracasso do sonho político. Fracasso do sonho experimentado pela maioria do povo. Para alguns políticos, o antigo sonho foi realizado como mais adiante se demonstra. João Melo constrói os seus contos a partir da realidade atual da sociedade angolana. A esse respeito ele próprio diz em entrevista à ANGOP, revelando a sua fonte de inspiração:

A principal fonte é a vida. Tenho dito que não sou um escritor de laboratório, de biblioteca. Gosto de viver, preciso de viver. E é daí que me inspiro para a escrita. Tenho algumas dificuldades de compreender os autores que são capazes de publicar todos os anos e, às vezes, mais que um livro por ano. Não sei se eles vivem ou se apenas escrevem. Eu confesso que preciso de viver antes de escrever.²⁰

Esta secção constitui o cerne do nosso trabalho. É sobre ideias e ideais que não frutificaram. Resultaram em fracasso e, conseqüentemente, em frustração, desilusão de muitos angolanos refletidos nas personagens nos contos do referido escritor. Antes de passarmos ao tema do fracasso do sonho torna-se necessário esclarecer em que consiste esse sonho. O sonho tem a ver aqui com a independência de Angola e, seguidamente, a construção de uma Angola onde a esperança coletiva e as esperanças individuais se concretizam.

Para tal ideal, muitos jovens angolanos sacrificaram os seus sonhos individuais, em pleno tempo de ocupação portuguesa. Em tão pouco tempo surgiram os três movimentos de libertação de Angola em cujas fileiras militares muitos jovens se integraram. Esses movimentos são: a FNLA, o MPLA e a UNITA. Essa é a ordem cronológica do surgimento dos referidos movimento de libertação de Angola, segundo

²⁰cf.. Entrevista concedida a ANGOP – Agência Angolana de notícias (ver anexo, Bloco 7).

Zeferino Capoco.²¹ Fazemos apenas uma indicação, porque o narrador-autor, em alguns contos, estampa essa realidade dos movimentos de libertação. Afinal “Angola tem de mudar”.(João Melo, 2006: 125). Neste trabalho não tem lugar a apresentação minudente de cada movimento de libertação. Esta é tarefa dos historiadores que escrevem sobre assuntos angolanos.

Nos contos de João Melo, referentes à temática do sonho como ideal, encontramos personagens com diferentes convicções face ao projeto de luta pela libertação do país. Há os que determinantemente idealizaram o sonho. Há os que foram ‘arrastados’ para o projeto. Há os que se entregaram ao projeto sem terem analisado a difícil empresa dessa missão política. O sonho político requer (ia) entrega até ao último preço: morte heroica. E porque nem todos tinham interiorizado as aspirações, a luta pelo sonho coletivo começou fragilizada como veremos nos passos mais à frente.

O tema do fracasso do sonho é recorrente em vários contos do escritor João Melo. Mas sobretudo nos contos que mais adiante apresentamos e comentamos. O período em que se reflete o fracasso do sonho é o pós-independência. Esse assunto constitui tema central no conto *Trinta e cinco anos* (João Melo, 2013:11-30).

Antes de procedermos à leitura e análise do conto *Trinta e cinco anos*, é conveniente termos em conta o *Assento* colocado no fim do volume «*Os Marginais e outros contos*». Este volume é fundamental no que diz respeito ao fracasso do sonho no contexto angolano (político, social e económico). A obra surge como avaliação do itinerário angolano passados trinta e cinco anos de proclamada a independência no dia 11 de Novembro de 1975. Assim, esses contos foram escritos em 2010. Eis o teor do *Assento* documental: “os contos que compõem o presente volume foram escritos em 2010, ano em que Angola assinalou 35 anos de independência em Luanda, Lisboa, Houston, e Rio de Janeiro. Foram revistos em 2011 e 2013” (João Melo, 2013:166, s).

O narrador-autor, no conto *Trinta e cinco anos*, apresenta personagens reunidas, entre as quais a personagem protagonista. Esta personagem-narrador procura levar à reflexão as outras personagens para avaliação decorridos trinta e cinco anos depois da proclamação da independência.

²¹ As datas históricas da formação de alguns Movimentos de luta pela independência de Angola têm sido objeto de investigação. Zeferino Capoco um dos atuais investigadores em assunto do nacionalismo angolano apresenta os resultados do seu estudo quanto à ordem do surgimento dos «conhecidos por movimentos de libertação» na obra *Nacionalismo e Construção do Estado – Angola [1945 – 1975]*. Escolar Editora, 2012, Lobito-Angola, pp.118-126.

3.1. Reflexões, interrogações da personagem protagonista sobre o idealizado e o vivido

Nos contos de João Melo encontram-se reflexões e interrogações das personagens sobre o projeto comum fracassado. O sonho era: ver Angola independente e construir um país melhor. Para isso, muitos jovens abandonaram os sonhos individuais para abraçar um sonho coletivo. O narrador de João Melo (por vezes é apresentado como narrador-autor e escritor) ilustra esse projeto coletivo em vários contos. Vejamos esse aspeto nos seguintes contos que são como uma espécie de avaliação dos ideais gizados e dos resultados observados:

3.1.1- Conto Trinta e cinco anos

No conto *Trinta e cinco anos* o narrador-autor utiliza uma personagem não identificada. Esta personagem protagoniza um encontro de antigos amigos e companheiros no sonho comum. Assume, dessa forma, o estatuto de personagem-narrador (narrador autodiegético). São doze as personagens que fazem parte do encontro. É o que resta. Inicialmente eram quarenta e dois que partilhavam o mesmo sonho. Por isso, se juntaram, depois de muitos anos de separação como diz o narrador-personagem:

Dos exatos quarenta e dois que partilhámos, trinta e cinco anos atrás, sonhos desencontrados, estávamos doze: um bom número, se tivermos em conta os corrosivos efeitos do tempo, das doenças, das dores e das desavenças sobretudo as não explicitadas. (ibidem:13)

E o protagonista do encontro continua inquieto:

Há trinta e cinco anos, tudo parecia possível e ao alcance de todos, em especial dos seres absolutamente comuns, indignos e, mais do que isso, inomináveis [...] Não acreditávamos em qualquer predestinação, mas apenas na nossa própria vontade, estrita, simples e pura: tínhamos uma escolha a fazer e fizemo-la. Marchámos voluntariamente ao som de canções colectivas, acreditando que poderíamos alcançar o sol com as nossas próprias mãos e levantar sobre a cabeça expectante da humanidade, para que, exorcizados todos os crepúsculos, ele brilhasse eternamente sobre ela, per saecula saeculorum. (ibidem:14-15)

Nessa reflexão não faltou a memória dos mortos em nome do sonho como, a seguir, espelha o narrador:

Passaram-se trinta e cinco anos desde aqueles dias, quando abandonamos tudo para ajudarmos a construir o sonho comum de uma pátria

independente, livre e, sobretudo, generosa com todos os seus filhos e com todos aqueles que queriam fazer dela a sua única mãe [...] precisávamos de inventar o povo, construir a nação e o país. Éramos jovens, logo, podíamos tudo [...]. Mas as notícias das nossas perdas particulares não se fizeram esperar. Noélio, por exemplo, cobardemente abandonado por aqueles que o convocaram em nome do futuro, foi morto no planalto do Bié e o seu corpo esquartejado e lançado às águas do Kwanza [...]. Pensei: alguém se lembrará de recordar o Noélio? (ibem:16,17)

O tema do reencontro é recorrente nos contos de João Melo. Estamos perante um narrador-personagem que reúne os antigos colegas de luta pelo antigo e fracassado sonho patriótico. Contudo, mais de três décadas passadas depois da proclamação da independência, não há sinais, segundo a observação do narrador-personagem, da concretização do sonho coletivo. Há uma crítica digna de nota na persistente interpelação do protagonista do encontro. Trata-se de Noélio. Noélio simboliza todos aqueles que, em nome do futuro, foram convocados e morreram na guerra. Os que convocaram Noélio, morto, desfrutaram da independência do país. A dor do narrador-personagem vem da ‘distração’ do coletivo sobrevivente. O narrador-personagem lamenta o facto de não haver nem recordação nem memória, nem honra a muitos que, em nome do futuro, foram mortalmente sacrificados. O promotor do encontro, antes da separação, mais uma vez leva à reflexão os antigos amigos. Insiste, interiormente, naquilo que pode ser considerado o fio condutor do tema do encontro: *Trinta e cinco anos* depois da independência do país, o fracasso do sonho. O narrador-personagem carrega consigo interrogações que não exterioriza. Os longos anos de separação requerem alguma prudência. Uma outra interrogação que o narrador-personagem não exterioriza é a seguinte: “Quem somos realmente nós, depois destes trinta e cinco anos?” (ibidem: 26). Ainda na sequência das interrogações não manifestas pela personagem está a seguinte: “Há trinta e cinco anos juntámo-nos para ajudar a fazer uma nação e um país. Hoje o país está feito, a nação consolida-se, já não nos pertence, pelo menos formalmente, a todos” (ibidem:27). Estamos na sequência de interrogações não exteriorizadas. Mas aquela que pode ser considerada a pergunta basilar é: “Quando é que começamos a perder-nos?” (ibidem:24). Também esta pergunta não foi feita. O narrador-personagem, onisciente, sabe que todos transportavam consigo essa preocupação. Contudo, nenhum deles exterioriza as interrogações que trazem no íntimo. Importa agora ver o que, nessa atmosfera do encontro, o narrador constata:

Ninguém, contudo, se atrevia a fazer a pergunta. Quando é que começamos a perder-nos? Na verdade nenhum de nós fez essa pergunta por

uma razão elementar: ninguém sabia a resposta. Além disso, tentar formulá-la implicaria, por certo, ter de desvendar alguns não ditos improváveis, mas, ao mesmo tempo, terrivelmente claros e transparentes. Ora, ensina-nos a história, a exegese de certos factos sem explicação e sem solução, além de impossível, é profundamente dolorosa, podendo, inclusive, causar conflitos altamente destrutivos. Como é óbvio, não era esse o objectivo do nosso primeiro jantar, trinta e cinco anos depois. (ibidem)

Estamos diante de uma interrogação profunda. Também esta pergunta não foi exteriorizada pela personagem. Neste conto a personagem protagonista carrega consigo muitas dúvidas e muitas questões. Muitas não são reveladas seja pelo narrador omnisciente, seja pelas personagens. Algumas dessas interrogações vêm à tona com alguma prudência do narrador-autor. Instalou-se um certo clima de desconfiança. Os longos anos de separação estão na base deste comportamento. Sobretudo porque alguns, diante da desilusão, tinham abandonado ideias e ideais coletivos, como afirma o narrador:

Alguns começaram a ser delatados pela cor da pele...Outros, simplesmente, não suportaram o doloroso peso das coisas: ameaças e invasões externas, os conflitos internos, as carências insuspeitadas e generalizadas, as insuficiências, em suma, a degradação e a destruição aparentemente totais e irreparáveis...Por isso, partiram em busca de outros caminhos, se não mais exaltantes, pelo menos mais seguros. A maioria assumiu – teve de fazê-lo – novas identidades. Alguns, porém, não sei se mais fortes ou fracos, transformaram-se em seres em trânsito, deslocando-se permanentemente entre paragens díspares e inusitadas. (ibidem:25-26)

3.1.2 Tristes vivências

É ainda importante ter em conta o seguinte: o reencontro das personagens, para esse jantar, depois de longo tempo de separação, reveste-se de um singular simbolismo. Nesse conto o reencontro é dos que um dia partiram para a concretização de um sonho coletivo, como vimos. O espaço geográfico e social nos contos de João Melo é Luanda. E, por extensão, o espaço retrata todo o país. Os movimentos nacionalistas são três: MPLA, UNITA e FNLA, como já foi referido anteriormente. Mas este último é pouco referenciado nos contos de João Melo. Por uma simples razão: depois de proclamada a independência, esse Movimento abandonou as armas. Começava uma outra fase da luta, novas teses. A indicação explícita desses Movimentos de libertação vem noutros contos, sobretudo no conto *Abel e Caim*, na *Obra Filhos da Pátria*, e no conto *Esplendor e*

Frustração, na Obra *Os Marginais e outros contos*. Este aspeto vem pormenorizado mais adiante. O essencial da mensagem do escritor é que as personagens no conto em análise representam a voz dos frustrados dos três Movimentos de libertação. Na sequência da verificação do comportamento dos seus colegas do antigo *sonho coletivo*, o narrador-personagem descobre que só ele teimava na edificação em refletir sobre o fracasso do sonho como se lê: “o único acometido por essa angústia inútil era eu, É verdade que todos se referiram à sua profissão, descrevendo vagamente o que fazem agora, mas o meu desespero não se satisfaz com essas respostas burocráticas” (ibidem:27). Há aqui uma evidência indiscutível: a existência de duas alas face à realidade – sonho coletivo não realizado. Uns poucos que sofrem pelos nobres objetivos não atingidos (simbolizados pelo “eu”, narrador) e uma maioria que encontrou nas oportunidades de emprego uma espécie de panaceia em detrimento do nobre sonho coletivo. Contudo, o protagonista encontra mais um espaço para outras e as últimas interrogações para encerrar o encontro: “o que é que cada um de nós fez com o nosso sonho? Pode um sonho, depois de morto, continuar a inspirar alguém? [...] O nosso grande sonho está morto, o que fazemos aqui?». (ibidem: loc.cit.)

O protagonista do encontro, antes da separação, mais uma vez, procura levar à reflexão os antigos amigos. A primeira pergunta evidencia a preocupação de apurar responsabilidades de cada um deles no fracasso do sonho coletivo. Insiste naquilo que pode ser considerado o fio condutor do tema do encontro: o assunto dos Trinta e cinco anos depois de proclamada a independência. Mas nesse encontro o protagonista confronta-se com o silêncio e até uma certa insensibilidade dos antigos amigos quanto a um possível novo projeto comum em prol da nação. O novo sonho. E o protagonista do encontro insiste em interrogações para a reflexão dos presentes:

Há trinta e cinco anos juntámo-nos para ajudar a fazer uma nação e um país. Hoje o país está feito, a nação consolida-se, já não nos pertence, pelo menos formalmente, a todos. (...) A nação perdeu alguns dos seus filhos para outras nações! Quererá algum resgatá-lo? (...) Alguém – quem? – Deve ter percebido o meu cepticismo. Por isso, e a fim de reabilitar o espírito do encontro, propôs um novo brinde: - Acima de tudo, ao nosso afeto! Apesar de tudo, ergui-me da cadeira com genuíno entusiasmo e alegria e juntei o meu copo ao brinde geral e confuso. Sim, afeto. Mas que combustível o pode alimentar trinta e cinco anos depois? Apenas as nossas lembranças? Serão elas suficientes para manter a nossa cumplicidade, apesar da separação que pouco a pouco foi acontecendo entre nós? (...) Em qualquer processo histórico, é possível, irrefutavelmente, apontar culpados e identificar as vítimas, mas serão todos eles inocentes? (ibidem:28).

A personagem - protagonista da ação continua a reflexão individual. Cria, interiormente, outras perguntas aos presentes no jantar. E, segundo a leitura que faz, coloca a possibilidade de um novo projeto: um novo sonho como se pode ler:

Hoje, o que nos separa é, sobretudo, uma dupla pergunta: Ainda somos os mesmos de há trinta e cinco anos? Ainda podemos identificar um sonho e lutar por ele, com resolução e irreverência sem nos questionarmos mutuamente de onde viemos, mas apenas desejando um caminho que todos possam trilhar, essa pergunta é agravada por um a sombria inquietação: esse caminho ainda existe? O nosso jantar de ontem foi super agradável, mas eu cheguei a interrogar-me o que fazia ali, se o nosso caminho não existe mais. Aliás, os caminhos comuns morreram, o que torna perturbador o tempo que vivemos presentemente, **trinta e cinco anos** de termos iniciado um caminho onde apenas prosseguem alguns de nós, mas sem saber, na realidade, se ainda continua a ser o mesmo caminho que todos começámos (...) O que resta são afetos individuais. Quem com delicada doçura, quase um rumor de gaze, proferiu essa afirmação – por que não consigo lembrar qual de vocês o fez? – Dirigia-se certamente aos meus pensamentos perplexos e doloridos. **Será esse, então, o novo sonho? Vamos, como sugeriu Saramago, fundar uma Internacional da Bondade? Uma conspiração sem fronteiras, línguas, culturas, credos, regimes, governos, exércitos e polícias e espantando ódios, preconceitos, ressentimentos, raivas, medos e tristezas?** Não sei o que assomou ao meu rosto, se um sorriso crédulo e ingénuo ou um esgar elegante carregado de cinismo, mas fui despertado do meu torpor por um animado brinde feitos pelo Barbas: - Ao nosso Grande Encontro, no próximo ano!” (ibidem: 29-30)

O narrador-personagem vê a necessidade de o grupo se erguer novamente unidos para um novo sonho. É fácil perceber que esse novo sonho não requer guerras. O narrador faz referência à fundação de uma «Internacional de Bondade» inspirado na sugestão de Saramago, escritor português. O novo sonho deverá ter como combustível o clima de bom relacionamento, depois de superada toda espécie de tensão coletiva de vária ordem. São bons conselhos que a personagem protagonista do (re) encontro procura dar aos velhos amigos. Há aqui um forte apelo à pacificação das consciências. O novo sonho, na ótica da personagem, consiste, em primeiro lugar, numa boa organização social. Resumindo, a paz social, chave para o desenvolvimento. Este ensinamento que o narrador-personagem (= narrador-autor; = escritor) quer passar a todos reflete a preocupação do Papa Paulo VI, Carta Encíclica «*Populorum progressio*» (desenvolvimento dos povos) na década de 1976. Nessa Carta Encíclica o Papa Paulo VI diz o seguinte sobre o «*Amanhã*» dos povos:

[...] Não bastam os investimentos realizados, privados ou públicos, as dádivas e empréstimos concedidos. Não se trata apenas de vencer a fome, nem tão-pouco de afastar a pobreza. O combate contra a miséria, embora urgente e necessário, não é suficiente. Trata-se de construir um mundo em que todos os homens, sem exceção de raça, religião ou nacionalidade, possam viver uma vida plenamente humana, livre de servidões que lhes vêm dos homens e de uma natureza mal domada; um mundo em que a liberdade não seja uma palavra vã e em que o pobre Lázaro possa sentar-se à mesa do rico.²²

Cerca de trinta anos depois da Carta Encíclica do Papa Paulo VI, o narrador de João Melo retrata o mesmo assunto, no âmbito da sociedade angolana na era da modernidade. Note-se que no trecho acima destacamos a frase «*que lhes vêm dos homens*». Essa designação aparece também no conto de João Melo *Angola é toda a terra onde eu planto a minha lavra*. Nesse conto, o narrador-personagem relata que dois grupos de «os homens» foram à aldeia dele para saquear e matar tudo. Diz que primeiro chegaram «os primeiros homens». Quando quase tudo estava destruído, os sobreviventes viram chegar «os segundos homens». Os dois grupos vinham de diferentes corporações de soldados. Foram a causa do deslocamento de alguns para o campo de refugiados. A mesma designação de «os homens» aparece no romance *A Parábola do Cágado Velho*, do escritor Pepetela. Procedem da mesma maneira como os do conto de João Melo. O cenário é semelhante. Os restantes habitantes da aldeia abandonaram a aldeia para fundarem um novo Kimbo. Esse assunto será desenvolvido nos próximos capítulos. O importante para nós é apreender o significado ou o sentido dessa expressão «os homens». Afinal significa os ‘poderosos’.

Daí que os contos de João Melo não sejam «para adormecer» nem para entretenimento. São contos que remetem o leitor para a leitura da sociedade em que vive; remetem para assuntos da história de Angola que ainda não constam dos manuais escolares. Por isso, nesta nossa dissertação, os classificamos como sendo contos remissivos. Remetem o leitor a documentos históricos credíveis para uma informação complementar essencial.

²² O Papa Paulo VI publicou a Carta Encíclica *Populorum progressio* no dia 26 de março de 1967. Essa Encíclica aborda o tema do desenvolvimento dos povos em todo o mundo. Cf. O Desenvolvimento dos Povos, Carta Encíclica «*Populorum Progressio* de S.S. Paulo VI, Edições paulistas 1989, p 49.

3.1.3 – Conto *Esplendor e frustração*

Neste conto, o narrador-autor relata a história da personagem Dombaxi, a sua participação nas várias fases da guerra em Angola. Dombaxi representa todos os jovens que sacrificaram a sua juventude deixando os sonhos individuais para construir um futuro melhor para o país. Contudo, os sacrifícios consentidos e os riscos de vida a que se expôs desde a juventude desembocaram em frustração como se pode ler no seguinte extrato:

Aos 18 anos de idade, Dombaxi resolveu abandonar os estudos e juntar-se a todos os que, vindos de tantas origens e lugares e portadores de experiências e conhecimentos tão diferenciados, se reuniram para construir um país, alegadamente sem quaisquer intenções obscuras [...] Todos juravam para ajudar a edificar, sobre a vergonha e a ignomínia do passado, uma nova sociedade isenta de úlceras, mágoas e anátemas, limpa e translúcida como uma madrugada inaugural [...] aderiu com entusiasmo e convicção a uma exaltante palavra de ordem: “Independência total e imediata». (João Melo, 2013: 56).

Dombaxi é uma personagem cuja convicção na guerra contrasta com a do seu amigo e confidente, Samuel. A personagem Samuel representa nesse conto os que fizeram encaixe de sonhos individuais no sonho coletivo. Nesse aspeto, Dombaxi representa todos os que não fizeram da guerra ou da paz uma oportunidade para o enriquecimento não justificado. Chegou a ser promovido a general. Dombaxi é uma personagem conhecedora da ética militar como se pode ver na voz do narrador:

Não pensava, então, nem em cargos nem em benesses. Queria apenas contribuir, para usar a palavra da época. Aceitou tornar-se soldado, ingressando nas Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (amorosamente designadas pela sigla, FAPLA [...] que, pelo grandioso sonho de liberdade, haviam combatido durante anos contra as tropas portuguesas. [...] Terminada a guerra, em 1992, pediu a reforma das FAPLA. Sou apenas um general de circunstância [...] - afirmou aos amigos, explicando os motivos da sua decisão. O que ele queria fazer era, mesmo, era ajudar a reconstruir o país. Segundo, acreditava, com o fim da guerra, era preciso refazer tudo o que tinha sido destruído por aqueles anos insanos, felizmente terminados [...]. A reforma que recebia das FAPLA, por si só, era demasiado magra para o custo de vida do país. [...] O Samuel, seu grande amigo e único confidente, com quem partilhava, desde sempre, todos os sonhos, esperança, dúvidas, angústias e pavores, perguntou-lhe: Perdeste o juízo? Então vais deixar o exército e deixar que os teus antigos subordinados ocupem o teu lugar?! Em África, os militares são a instituição mais poderosa, em especial num país que passou por uma guerra, como o nosso. Podes usar a tua posição para resolver a tua vida! (ibidem: 58)

Estamos perante um trecho narrativo em que o narrador relata a convicção da personagem Dombaxi nas diversas circunstâncias da guerra em Angola. Dombaxi representa, assim, outros tantos jovens de Angola, de então, que se foram disponibilizando para a guerra visando abrir o caminho para a reconstrução do país. Por isso, no fim de cada fase da guerra, voltava para junto da família, com sentimento do dever cumprido. Nunca teve outros interesses. Tudo fez apenas por amor à pátria. Tudo pelo povo. A sua vida foi sendo exposta ao perigo pela causa mais nobre: o bem-estar de todos os filhos da Pátria. Samuel “seu grande amigo e único confidente” (ibidem) banaliza as heroicas opções que Dombaxi foi tomando. O narrador-autor, neste conto, recorre tanto ao cómico de situação quanto ao cómico de linguagem. Neste caso, o cómico de linguagem reflete-se na expressão «seu grande amigo e único confidente». Por outro lado, as palavras “perdeste o juízo” (...) e “Podes usar a tua posição (de General) para resolver a tua vida” (ibidem) revestem-se não só do aspeto cómico como também denunciam a estratégia de prosperar através da patente militar. O cómico de situação, presente no conto, resume-se no título: *Esplendor e Frustração*. Essas duas situações refletem a vida das personagens Samuel (Esplendor) e Dombaxi (Frustração). Sendo Dombaxi e Samuel personagens tipo, a situação de cada um deles é a mesma daqueles que neles são representados na vida real. Em suma Dombaxi não se revê nos seguintes versos do poeta Agostinho Neto:

As minhas mãos colocaram pedras
nos alicerces do mundo
mereço o meu pedaço de pão.²³

Dombaxi não reclama a sua recompensa. Porque mantém a sua tese. Tudo fez para contribuir para a construção de uma Angola melhor.

3.1.4. Os Marginais

No conto *Os marginais* figuram duas personagens: Pedro Buta, o «Esperança do Povo», e Carlos Dias. Essas personagens têm cada uma triste recordação do passado. Há perguntas que trazem no seu interior e não as exteriorizam. Mas a onisciência do narrador trá-las à tona. Esse facto de as personagens, em alguns contos, não exteriorizarem as preocupações que trazem, no diálogo com os antigos amigos na luta

²³ Esses versos do poeta angolano Agostinho Neto aparecem como preâmbulo na obra *poesia angolana de revolta* – antologia - Paisagem Editora, 1975, Porto, p.9.

por um país melhor, constitui motivo de estudo. O conto «*os Marginais*» começa com a seguinte interrogação: “será mesmo que, como dizes, a nossa geração está perdida à margem da história? Não passamos, então, de meros «marginais históricos», condenados ao esquecimento total e irrevogável?” (João Melo, 2013:145)

Ressalta aqui um pormenor. A pergunta surge depois de uma exposição/afirmação anterior do interlocutor. Pressupomos, a partir da pergunta, que seria esta a afirmação: *a nossa geração perdeu o rumo, sem história e glória*. E quem fez a exposição/afirmação?

O autor-narrador esclarece:

Esta pergunta, ferozmente dilacerada, como todas as perguntas ingênuas e fundamentais, quase shakespearianas, quis Pedro Buta, o «*Esperança do Povo*», fazê-la ao amigo Carlos Dias, **mas conteve-se, talvez com o medo da resposta**. Os dois estavam sentados num café em Paris, onde haviam combinado encontrar-se depois de dez anos sem se verem. (ibidem)

O narrador-autor bem como as personagens pautam pela prudência cautelar. Esse aspeto é notório, sobretudo, nos contos: *Trinta e cinco anos* e *Os Marginais*. Digno de nota é o seguinte dado no trecho acima: Pedro Buta o «*Esperança do povo* «conteve-se, talvez com o medo da resposta». Essa atitude pode entender-se, aqui, pelo facto de ter havido um longo período de separação. Daí a desconfiança e receio.

No conto *Trinta anos*, a personagem protagonista do encontro entre velhos companheiros no antigo sonho, não exteriorizou as interrogações que trazia consigo. O narrador-personagem justifica essa opção a partir da leitura da vida dos outros. Durante Trinta e cinco anos de separação, muitos, diante do fracasso do sonho e suas consequências, “partiram em busca de outros caminhos [...] mais seguros. A maioria assumiu – teve de fazê-lo – novas identidades” (João Melo, 2013: 26). É esse o contexto que justifica a cautela para não haver traições no que se refere às interpretações das palavras por parte de cada personagem. Tudo isso, porque a linguagem não é coisa fácil. Friedrich Hölderlin, falando acerca da linguagem, afirma o seguinte: “a linguagem é o bem mais precioso e também o mais perigoso que foi dado ao homem”²⁴. Daí as más interpretações, mentiras, falsidades e traições. Essa prudência é notória nas personagens nos contos de João Melo.

²⁴ O autor foi referenciado para citação no âmbito da Filosofia da linguagem. Entre as diversas temáticas da Filosofia da linguagem está a possibilidade de usar as palavras fora do significado denotativo convencional. Cf. Fonte eletrónica: Kdfrases.com/frase/148442

A questão de Angola como país sujeito a estar fora do mapa é também preocupação de alguns escritores angolanos. Alberto Oliveira Pinto, no seu romance *Travessa do Rosário*, põe a personagem Paulina a descrever a cidade de Luanda nos seguintes termos:

Esta cidade é horrível – disse Paulina quando o Nissan- Patrol, logo depois de deixarem a casa de Fernanda e ao subirem a Rua da Misericórdia para dar a volta de sentido obrigatório pelo Largo do Hospital, meteu uma das rodas numa fenda enorme. – É buracos nas ruas por todo o lado. Circular aqui só mesmo de jipe. E o cheiro a esgoto que sai das poças no meio do alcatrão? Agora com o calor, ainda vá lá que não vá, é só o mau cheiro. Mas havia de ver o que é no cacimbo com água parada que ficou das chuvas. E não há meio de resolverem o problema da água. Nós, felizmente, temos água canalizada. Mas não imaginas o que o Rui paga todos os meses. Crianças brincavam descalças à porta dos antigos sobradões, Graça reparou num bebé de dois anos que se arrastava de fralda pelo passeio. Mulheres de lenço na cabeça vendiam cigarros avulsos sentadas no chão. Alguns mutilados de guerra, encostados aos muros das casas, falavam sozinhos. – Olha-me para esta gente. Não faz nada, fica para aí embasbacada todo o dia. Estão ali só por estar. Agora descansam, daqui a bocado levantam-se e vão descansar para outro lado. Para que quiserem eles a Independência? Um país com gente desta é um país que não anda. Nem é um país. Está já riscado do mapa. (2007:57-58)

A descrição da cidade de Luanda feita no trecho acima não é apenas sobre o espaço geográfico. Trata-se, sobretudo, do retrato social da cidade que reflete os diversos mundos frustrados no período que se seguiu à proclamação da independência. Para o narrador deste romance, Luanda é o rosto ou espelho através do qual se vê todo o país.

Por isso, a partir da descrição da cidade de Luanda passa para o país. Angola, para o narrador de Alberto Oliveira Pinto, já está fora do mapa. A pergunta que a personagem Pedro Buta no conto *Os Marginais* não chegou a revelar, a personagem Paulina, no romance *Travessa do Rosário*, é perentória sobre o desaparecimento de Angola do mapa. Vários escritores angolanos retratam nas suas obras a drástica situação social angolana. Contudo, os contos de João Melo têm efeito rápido no leitor por se tratar de narrativa breve. Outros escritores abordam os mesmos assuntos em romances. A leitura de qualquer romance exige do leitor máxima concentração, pois há várias histórias encaixadas na história principal. O conto, sendo narrativa breve, é direto. Apresenta apenas o acontecimento principal. Ou seja: a hi (e) stória).

3.1.5 «O Pato revolucionário e o pato contra-revolucionário»

Ainda no concernente ao tema do fracasso, temos, neste conto, a personagem Pedro Muanza Agostinho, jovem de 18 anos que integrou as fileiras do MPLA e foi enviado à Coreia do Norte para uma acurada preparação para realizar um sonho coletivo, como diz o narrador:

Pedro Muanza Agostinho – assim se chamava ele – era um antigo estudante de pouco mais de 18 anos, que aderira ao MPLA para ajudar a realizar um sonho que, na altura, era ardentemente partilhado pela maioria dos angolanos: expulsar os colonialistas portugueses e tornar Angola um país independente. (João Melo, 2006:38)

A personagem Pedro Muanza Agostinho vive uma profunda frustração. Foi militante na luta contra o regime colonial. Os portugueses (muitos) deixaram Angola. A independência foi proclamada, mas o país melhor não surgiu. Todo o seu sacrifício resultou em nada. O escritor João Melo cria, em alguns contextos narrativos, «personagens-tipo». Essa categoria de personagem desempenha o papel de representatividade segundo Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes.

[...] Tipo pode ser entendido como personagem-síntese entre o individual e o colectivo, entre o concreto e o abstracto, tendo em vista o intuito de ilustrar de forma representativa certas dominantes (profissionais, psicológicas, culturais, económicas [...]) do universo diegético em que se desenrola a acção, em conexão com o mundo real. (Reis & Lopes, 2007: 411.)

Nessa perspetiva, a personagem Pedro Muanza Agostinho, no conto em análise, e outras como Dombaxi e Samuel, no conto *Esplendor e frustração*; Nsami e Francisco, no conto *Dialética e poder*; só para exemplificar, são personagens representativas. São personagens-planas ou personagens-tipo. Cada personagem representa uma coletividade em situações vivenciais opostas; esplendor e frustração.

3.2 - Indicadores do fracasso dos ideais de construção de um novo país/nação

O narrador-autor de João Melo, no conto *Trinta e cinco anos* é onisciente e autodiegético. Apresenta reflexões do coletivo juvenil sobre os ideais de independência, no passado, e as frustrações depois de proclamada a independência. As personagens que fizeram decisões heroicas no passado em prol da independência confrontam-se com o

inacreditável. Tudo acontece e tem início na noite em que se proclama a Independência do território (Angola). A personagem protagonista do encontro faz uma analepse e lembra o triste cenário da noite da proclamação que qualifica de trivial como se pode ler:

Passei a noite de 10 para 11 de Novembro na cama no hospital, por causa de uma apendicite! Essa solene e ridícula declaração fazia parte de uma espécie de jogo: cada um devia dizer onde estava na noite em que a pátria, ameaçada e cercada por todos os lados, fazia a sua entrada na história, orgulhosa e intrépida, disposta a sobreviver e afirmar-se ou a soçobrar. Naquela noite faiscante, em que o céu ganhou novas estrelas, que tombaram sobre as cabeças dos homens como um chuva ao mesmo tempo benigna e exaltante, o velho dilema hamletiano impunha-se com toda a sua brutalidade: a pátria existiria contra todas as conspirações, secretas ou não. O sonho que nos fizera largar tudo, para persegui-lo com urgência e a inimputável irresponsabilidade da juventude, ardia na voz do homem no centro da praça. (João Melo, 2013:20-21)

Outro dado digno de nota é de o narrador-autor descrever o triste cenário da noite da independência com mágoa. Depois de uma juventude gasta na guerra, antevê-se o fracasso do sonho de liberdade. Trata-se de um cenário desolador: lágrimas, desabelhamento, receios, novos ódios, nova guerra como se regista no seguinte extrato:

Eu estive toda a noite em cima de um Unimog, à espera da ordem para avançar para Kifangondo. A pátria nascia sob a ameaça das botas e dos estrangeiros. Também tivemos, pois, os nossos guerreiros, que não hesitaram em desnudar o peito diante dos tenebrosos emissários da morte [...]. (ibidem:22)

O motivo dominante nesse reencontro no discurso do narrador é, sobretudo, a reconciliação entre os velhos companheiros de luta, depois de ultrapassadas as terríveis histórias das separações, por fracasso do sonho. Essa realidade do sonho destruído tinha provocado feridas na vida das personagens. Isso suscitou no narrador as reflexões e perguntas que já foram apresentadas anteriormente.

O tema do fracasso do sonho é recorrente em muitos dos contos de João Melo. E esta situação gerou uma outra: a frustração. Neste caso, a frustração é vivida pelos que se debateram pela libertação dos pais (jovens no MPLA, na UNITA e na FNLA) e frustração do povo que esperava novos tempos de ‘bonança’. O «*sonho de ouro*» ainda não aconteceu para a maioria dos povos de Angola.

No conto *Esplendor e frustração* já há exteriorização das intenções. Nesse conto, o narrador apresenta duas personagens: O narrador põe à luz que a frustração de

Dombaxi tem início no dia da proclamação da independência do país (11 de novembro de 1975). Mas, contrariamente a algumas personagens nos outros contos, neste conto a personagem abre o livro do seu passado individual e coletivo. Não acautela questão alguma interior que pode ser vista como perigosa. Relata factos acontecidos na sua vida em datas marcantes a nível do país como, por exemplo, o seguinte:

Quando a independência foi proclamada, com orgulho, na praça grávida de esperanças, Dombaxi estava na frente do Ebo onde a arrogância boer foi travada. A liberdade desejada e urdida em dias e noites de humilhações, raivas, sonhos, lutas e sacrifícios, chegara, finalmente rondada, porém, por ameaças poderosas [...]. (ibidem: 6)

De notar que no conto *Trinta e cinco anos* o narrador protagonista diz ter passado a noite da independência em cima do unimog atento ao exército que vinha do Kifangondo (direção norte de Luanda). Trata-se de uma personagem, bravo soldado do MPLA, que representa todos os que lutaram pela independência do país. E na noite de festa, a da proclamação da independência, ainda se travavam combates. O narrador não identifica o exército invasor. Contudo, o leitor que viveu o cenário do dia independência sabe que não é exército português, porque já se tinha retirado para Portugal. Trata-se da tropa da FNLA, expulsa da capital poucos meses antes da proclamação da independência, auxiliada pelo exército zairense. Também Dombaxi, no conto *Esplendor e frustração*, representa o exército do MPLA que, na mesma noite da independência, trava combate na província sul de Luanda, concretamente no Kwanza Sul, antigo Novo Redondo. Tratava-se de travar a UNITA apoiada pelo exército sul-africano para recuperar o seu espaço perdido em Luanda. Era o início da guerra fratricida que é retratada no conto *Abel e Caim*. (João Melo, 2001: 151-161)

O narrador tece um comentário a esse cenário. Na sua ótica, a criação e a harmonia da pátria teriam sido uma realidade se estivessem alicerçadas na união de todos os combatentes pela independência, inclusivamente a voz do povo. Lê-se no trecho:

Insensatos, atreveram-se a pensar que tinham poder para, sozinhos, construir a pátria, sem reparar que a nação nascia fraturada. Na verdade, só muito mais tarde se depararam, estupefactos, com a crucial interrogação: como edificar a pátria sem nação? (João Melo, 2013:65)

Mais uma vez a onisciência do narrador a revelar o interior das personagens. Tudo isso, depois de a guerra agora ter mudado de alvo, ou seja: guerra fratricida, “angolanos matando angolanos” (João Melo, 2011:154). Essa guerra estendeu-se a toda

a escala do país, o que não aconteceu na guerra pela independência. Essa guerra, logo a seguir à proclamação da independência, é um dado indicador do fracasso do sonho coletivo, como diz o narrador no conto referido.

A guerra espalhou-se, pois, pela terra inteira e o sangue manchou todos os rios, vales, montanhas e savanas da pátria embrionária. Na realidade essa guerra era um profundo e dramático equívoco, mas podia sabê-lo? Sim, o sonho que procuravam defender era belo e grandioso, mas ilusório que era igualmente, tornou-se soberbo e arrogante [...]. (ibidem:65)

O assunto da guerra fratricida é narrado com alguns pormenores no conto *Abel e Caim* (João Melo,2011:151-161). Nesse conto o narrador-autor cria duas personagens centrais que representam os dois lados beligerantes. Trata-se da personagem Adalberto Chicolomwenho, do MPLA, e da personagem Miguel Ximutu, da UNITA. Antes de aderirem aos movimentos revolucionários de militância, tinham sido amigos íntimos de longa data. Depois a atmosfera de uma singular amizade deu lugar a uma terrível e mortal inimizade como diz o narrador:

Embora eu não saiba quem é que tomou a decisão primeiro, a verdade é que Adalberto Chicolomuenho e Miguel Ximutu deixaram de se falar por causa das respectivas opções partidárias. Deixaram mesmo de se saudar quando, ocasionalmente, se encontravam na rua (...) passaram a trocar insultos e até ameaças de morte por meio de solícitos e agoirentos intermediários. Quer dizer: o percurso dos dois amigos, até então comum, cindiu-se de vez. (ibidem:158)

Ainda segundo o narrador, depois dessa separação por motivos ideológicos, outros fatores agudizaram a situação: o afastamento a nível geográfico e também separados pelo tempo. O narrador tem domínio da história do país no que se refere à guerra civil que tornou o país em ruína e em desespero. A separação dos amigos tem um significado histórico na sociedade angolana no período pós-independência: país dividido em dois como veremos mais adiante. É desses dois territórios onde cada um deles foi saindo para formação militar no estrangeiro naturalmente para alargar muito mais o abismo da separação. Sobre isso prossegue o narrador:

Miguel Ximutu esteve em Marrocos, a fazer treino militar, foi representante da UNITA na Costa de Marfim, no tempo do velho Boigny e combateu nas províncias de Malanje, Moxico e Kuando Kubango enquanto Adalberto Chicolomuenho trabalhou nas estruturas do MPLA no Bié, depois esteve em Cuba a concluir agronomia e acabou em Cabinda, como delegado provincial da Agricultura. Durante esse longo período, não tiveram notícias um do outro, pois, como se sabe, os serviços de correio, em Angola, não funcionam. Os anos paradoxais vividos e Angola durante a década de 90 não permitiram o reencontro de Miguel Ximutu e Adalberto Chicolomuenho. Nesse período, e salvo algumas tréguas fugazes, a guerra continuou, muito

mais virulenta e destruidora do que no passado, pois, pela primeira vez, atingiu pesadamente cidades perfazes (...) Adalberto Chicolumuenho continuava em Cabinda...ao passo que Miguel Ximutu permaneceu nas matas combatendo o governo. (ibidem: 159)

O conto *Abel e Caim* pode ser considerado o clímax da tragédia em Angola depois da proclamação da independência. No momento em que elaboramos esta nossa dissertação, estes relatos encontram testemunhas. O texto faz referência, realmente, ao que se verificou, em quase todas as localidades no vasto território angolano. E aquilo que, a nível político e militar, eclodiu nos confrontos armados entre os movimentos de libertação, teve incidência nas famílias. Traduziu-se nas alterações ou confrontos verbais, físicos, inimizades, e até perseguições mortais, entre pais e filhos, esposa e marido, sogros e noras ou genros; entre amigos, vizinhos, colegas de trabalho. Essa cólera era extensiva aos haveres do perseguido. Numa palavra: quando não se atingia o visado, desferia-se o golpe nos seus haveres. Tudo era tomado ou dizimado por razões como estas: o proprietário não é dos nossos, ou seja, é *fantoche* como se atesta no conto *Esplendor e Frustração*. Trata-se da personagem Dombaxi que desiste dos estudos, em Lisboa, para se juntar às FAPLA em Luanda conforme se lê no extrato:

Quando regressou a Angola, depois da queda do fascismo em Portugal, foi com genuína alegria que abraçou muitos deles, na sede do MPLA em Luanda, no meio da agitação então existente, por causa da possibilidade de guerra com os outros movimentos nacionalistas. Um esgar contrai de leve o seu rosto, quando recorda a palavra com que esses movimentos eram classificados: fantoches. (João Melo, 2013: 63,64)

De notar que a designação *fantoche* foi empregue, oficialmente, por Agostinho Neto no discurso da proclamação da Independência, no dia 11 de Novembro de 1975.²⁵ A designação de *fantoche* é sinónimo de “reacionário”, “contrarrevolucionário”, “traidor” como se lê no conto *O pato revolucionário e o pato contra-revolucionário* (João Melo, 2006: 33-41). Nisto, famílias inteiras dividiram-se, dispersaram-se e desapareceram por medo de um dos membros da família, amigo ou vizinho, sobretudo a confusão e divisão nas famílias por opções políticas. As personagens Adalberto Chicolumuenho e Miguel Ximutu são apresentadas pelo narrador, no conto *Abel e Caim*, como tendo sido grandes amigos de longa data antes das opções políticas diferentes como foi dito anteriormente.

²⁵ O discurso de proclamação da Independência de Angola, no dia 11 de novembro de 1975, pode ser lido nos anexos.

Outro modo ou forma de tratar os da UNITA ou os residentes nas áreas controladas por esse movimento é a designação «rebeldes» cujo líder é, então, Jonas Savimbi como ilustra o conto *O Canivete agora é branco*:

Em 1994 foi assinado o acordo de paz entre o governo e a UNITA, o protocolo de Lusaka, mas a guerra continuou, até que no dia 22 de Fevereiro de 2001 (?), o líder rebelde, Jonas Savimbi, foi morto em combate, em cuecas listradas verde e brancas, quando se preparava para ouvir pela rádio para ouvir o relato do jogo de futebol Sporting – Guimarães, a contar para o campeonato português, o que possibilitou a assinatura, no dia 4 de Abril do mesmo ano, de um Memorando de Entendimento entre o exército governamental e as tropas da UNITA [...] (ibidem: 123).

Mais uma vez, nesse extrato, o leitor é remetido à história de Angola de 1992 e 2002. E parte para essa consulta com elementos essenciais da informação. É o clima de acérrima inimizade e sangue (fratricídio). Contudo, apesar dessas dolorosas e sangrentas separações, o narrador de João Melo lança sementes do reencontro. No conto *Abel e Caim*, na última parte da narração, descreve o breve reencontro de Adalberto Chicolomuenho e Miguel Ximutu, em Luanda, depois de vários anos de separação e de ódio. Tal reencontro teve lugar num dos cemitérios de Luanda por ocasião das cerimónias de enterro de um antigo colega dos dois:

Sem o saberem, tinham-se os dois ido ao mesmo funeral, em Luanda, o que, pensando bem, não terá sido tão ocasional assim: afinal de contas, o defunto era um antigo colega deles da faculdade de agronomia do Huambo, o Aires, um mulato do Ambrizete, muito popular na altura em que estudavam. Quando se encontraram, talvez já estivessem cansados de mais, depois de todas as experiências por que passaram, por se terem odiado tanto (vinte e cinco anos pode ser pouco para um país, mas parece uma eternidade para qualquer indivíduo, sobretudo em Angola, onde a esperança média de vida é de 42 anos), pois o facto é que para surpresa dos presentes, encaminharam-se um para o outro como se impulsionados de repente por uma poderosa mola e, enquanto cada um deles gritava o nome do outro, abraçaram-se energicamente, sacudiram os braços um do outro, voltaram a abraçar-se, bateram-se mútua e efusivamente nas costas, sem cessar de se nomear [...] (João Melo, 2001:160)

O reencontro dos dois velhos amigos, obviamente, é ocasional. Para o escritor João Melo, nessa preocupação de as velhas amizades se renovarem, qualquer lugar e momento servem. A reconciliação é inadiável, segundo a ótica do escritor. A narrativa não é fechada. O narrador mantém-na aberta, cabendo ao leitor ditar o desfecho. Por isso, depois desse inesperado encontro, acontecido no funeral do antigo colega dos dois, pode ser que tenham feito a reconciliação. Essa estratégia de narrativa aberta é

recorrente nos contos do escritor João Melo. É para pôr o leitor a pensar e dar uma solução.

3.3 - Consequências do fracasso do sonho

3.3.1 -Primeira consequência: «O país dividido em dois» - a guerra civil

A primeira consequência do fracasso do sonho, depois de proclamada a independência a 11 de novembro de 1975, é a divisão do país em dois. A guerra feita para a independência grassou no Norte do País. Proclamada a independência, a guerra estende-se pelo país inteiro, diz o narrador do conto *Esplendor e frustração*: “a guerra espalhou-se, pois, pela terra inteira e o sangue manchou todos os rios, vales, montanhas e savanas da pátria embrionária” (João Melo,2013:65). É esse contexto que dividiu o país em dois. Essa realidade narrada em alguns contos de João Melo foi facto em Angola. Contudo, esse facto não aparece relatado nos manuais de História de Angola. E prossegue o narrador participante:

Para a informação das novas gerações mais recentes, posso dizer que, nessa época, era realmente difícil viver em Angola. Assim, naquilo a que podemos chamar o país oficial, administrado pelo governo, os cidadãos passavam os dias desesperados de bicha em bicha ou, então, a pensarem em esquemas multiformes de sobrevivência. No outro país controlado pelos rebeldes, os cidadãos deambulavam pelas matas, à espera, cada vez mais inutilmente, do dia em chegariam a Luanda, apenas quebrando a insuportável monotonia dos seus dias quando o Mano Mais Velho decidisse lançar algumas feiticeiras à fogueira ou quando chegasse algum grupo de jornalistas portugueses à procura do sinaleiro da Jamba. (João Melo,2006:167-168)

O tema da divisão do país em dois é de capital importância por ser crucial. Diante desta realidade, com atrocidades nos dois lados (Governo e UNITA) alguns preferiram emigrar para Portugal como relata o narrador-autor:

A existência da Jamba, a segunda Angola ou a outra Angola, na guerra pós-proclamação da independência vem ainda relatada no conto *Porquê que a tia Lurdes continua desdentada?* Essa insistência no assunto reflete a preocupação do narrador-autor ou escritor em informar as novas gerações. Nesse conto o narrador-autor diz o seguinte acerca da Jamba, capital dos territórios ocupados pela UNITA:

A tia Lurdes vivia na Jamba, o quartel-general da UNITA durante o tempo da guerra. Era casada com o coronel Torra cubanos, cujo nome verdadeiro já ninguém sabia. O seu ódio contra os expedicionários cubanos – como ele e todos os seus companheiros de armas lhes chamavam – era tão visceral, que até parecia que, quando nasceu, olhou à volta e perguntou logo: Onde é que estão esses cabrões? Até à assinatura do acordo de paz com o governo, em Bicesse, ficara conhecido por nunca ter perdido uma batalha com as tropas cubanas, o que lhe valeu, então, o nome pelo qual todos o chamavam. A tia Lurdes era, digamos assim, mais light. A sua função na Jamba era dar aulas aos alunos da 1ª a 4ª classe. Mas, além disso, também dava cursos de corte e costura, de cozinha e de boas maneiras às jovens adolescentes que passavam pelo campo. Eu nunca soube o que a fazia estar sempre tão serena, tão dedicada ao seu trabalho e tão afável a todos. Seria confiança no futuro? Mas que futuro? Para mim, era-me muito difícil acreditar nessa possibilidade, pois, apesar do discurso triunfalista dos chefes, em especial do Mano Mais-Velho, (Jonas Savimbi) a verdade é que nunca mais chegávamos a Luanda, como eles nos prometiam. (João Melo, 2004: 89-90)

Uma observação importantíssima: a respeito da divisão do país em dois, durante a guerra civil (1975-2002), dos extratos expostos acima, ressalta o seguinte: No primeiro trecho o narrador posiciona-se do lado de Luanda (“governo oficial”), mas está largamente informado dos assuntos da Jamba (“o outro país”). No segundo o narrador está na Jamba. O narrador não esconde uma espécie de desespero do povo sob a égide dos governantes da Jamba. O ponto de chegada, que é Luanda, parecia inatingível.

3.3.1.1 Pais dividido em dois em textos de investigadores estrangeiros

A existência da Jamba, capital dos territórios ocupados pela UNITA, é atestada por vários investigadores estrangeiros interessados em assuntos angolanos, como Justin Pearce, da Faculdade de Política e Estudos Internacionais na Universidade de Cambridge. O referido investigador relata a saída da UNITA do Huambo (antiga Nova Lisboa), uma caminhada que ficou conhecida por «A longa marcha». O lugar de destino era incerto. Mas a «longa marcha» termina no sudeste de Angola, hoje província do Cuando Cubango. O investigador sobre «Longa Marcha» e Jamba diz o seguinte:

Segundo Samuel Chivuale, que, mais tarde, viria a ser comandante em chefe da UNITA, a retirada das cidades teve início em Janeiro de 1976 em função da progressão do MPLA e das forças cubanas. Quando o MPLA entrou no Huambo e no Cuíto, em Fevereiro, escreve Chivuale, “a desbandada foi total: tínhamos perdido a ‘nossa’ capital. “A 9 de Fevereiro de 1976, cerca de cinco mil soldados da UNITA saíram do Huambo, enquanto forças cubanas e do MPLA se aproximavam da cidade, batendo em retirada para leste de Vila Nova. Um grupo de civis não registados acompanhou-os. (Justin Pearce, 2017:91-92)

Vila Nova situa-se no planalto central. Não garantia segurança para os militares e civis ‘convidados’ ou forçados a ir com a UNITA. Por isso, os dirigentes da UNITA viram a urgente necessidade de procurar, caminhando, um outro lugar seguro, onde se pode criar uma espécie de pátria dos resistentes e inconformados por verem o sonho longe de ser realizado como relata o já referido investigador:

A criação de uma base de retaguarda, no Sudeste de Angola, surgiu como uma opção militar estratégica para a UNITA, mas a sua concretização veio a tornar-se um elemento fulcral para o imaginário político que sustentaria a legitimidade do movimentado aos olhos dos seus seguidores nos seguintes. A partir de 1977, ano em que o governo iniciou as suas ofensivas contra as bases da UNITA na província do Huambo, a principal base de Jonas Savimbi foi transferida, para não ser detectada, até o movimento se instalar na Jamba, em Dezembro de 1979. O Leste de Cuando Cubango foi considerado a localização mais adequada para sediar o quartel-general devido à distância em relação aos centros de poder do MPLA e à proximidade com a Namíbia, então ocupada pela África do Sul. Em 1978, foram enviados batedores em busca de um local apropriado e bem fornecido de água, tendo começado a UNITA por usar a Jamba como um centro de reeducação de condenados, um objectivo repressivo distante das memórias idealizadas da Jamba evocadas por quem aí viveu na década de 1980. [...] Os que se mantiveram leais à UNITA depois da guerra referiram-se ao significado de uma «capital» permanente como prova da aspiração acalentada pela organização de criar um estado soberano e independente. Conforme descreveu o general Chiwale: «Estávamos, assim, a lançar as sementes para a criação de um estado dentro do estado. Angola caminhava irremediavelmente para um país com duas capitais. (ibidem:163)

O investigador nas várias entrevistas feitas aos que estiveram na Jamba, no que concerne à organização da localidade, obteve o seguinte registo, a partir de Jardo Muekalia, dirigente da UNITA:

Como capital da resistência, [a Jamba] representava o símbolo da nossa força e a expressão da nossa capacidade organizativa», através do fornecimento de «eletricidade, água canalizada [...] Escolas para o ensino primário e secundário, uma escola de secretaria, uma igreja protestante e outra católica». (ibidem:166)

3.3.1.2 Jamba: condições básicas de vida e o sonho do regresso à terra natal

Entretanto, Jamba, apesar de ser um lugar sem privações de mantimentos, continua a ser uma situação provisória. É um lugar de sobrevivência política e de proteção física. Os que aí se encontravam tinham sido forçados a essa realidade. Por isso, tinha outros anseios como se pode ler a seguir:

Um homem que migrou para o território controlado pela UNITA com a família quando era criança e que cresceu na Jamba expressou, ainda assim, o desejo de regressar, um dia, ao lugar onde nasceu. A Jamba era vista como uma terra temporária. Alimentávamos o sonho de que o *inimigo* que ocupara as nossas terras se retiraria. (ibidem:167)

As pessoas na Jamba experimentaram um novo modo de vida. Apesar da limitação de movimentos, as necessidades básicas eram garantidas pelos órgãos administrativos como se relata um dos entrevistados pelo investigador Justin Pearce:

O modo de vida era como se fosse uma cidade. As questões de saúde eram asseguradas gratuitamente, ao que acontece hoje com o governo [do MPLA]. A educação também. A primeira vez que vi dinheiro foi em 1995. Se alguém ficava doente, ia para o hospital sem pagar. Éramos auto-suficientes no que diz respeito à alimentação, que tirámos da agricultura, mas também o partido ajudava. Aqui [sob o domínio do MPLA, em 2008] uma criança de seis anos que entra na escola tem de pagar propinas e tem de dar alguma coisa [um suborno] ao professor. As merendas escolares, oferecidas por patronos, são vendidas no mercado. Aqui não chega nenhum material escolar. O governo anda a dizer que estas coisas existem, mas não existem. Na zona onde o meu pai esteve estacionando [Moxico, a centenas de quilómetros da Jamba] não havia ensino. Por isso, eu vivia com a minha tia, para beneficiar do ensino na Jamba. Havia filmes, com os quais aprendíamos como era uma cidade. Havia antenas parabólicas – a partir de 1990, passamos a ver jogos de futebol internacionais. Estudei até à sétima classe, na Jamba. Depois, cheguei à idade de cumprir o serviço militar – que era um dever de todos os cidadãos. Também recebíamos formação quando estávamos no exército. Formação cívica, como noutros países – qualidades de comportamento em sociedade. E formação política, sobre o nosso partido. Aprendemos que foi um desentendimento entre irmãos que levou à guerra. Também tivemos algumas aulas sobre as origens dos nossos reinos e a vida no período colonial. (ibidem:168)

Nos últimos dois trechos é notório o tema da inimizade. É importantíssimo para o tema da nossa dissertação. A expressão «o inimigo» marcou a sociedade angolana. Passou a ser uma espécie de pronome de tratamento. Quem está do outro lado político ou geográfico é inimigo. É a força exacerbada da identidade política. Informação importante é esta que vem da boca do entrevistado acerca da politização na Jamba (capital do território da UNITA): “Aprendemos que foi um desentendimento entre irmãos que levou à guerra”. Ora, isso corresponde ao que o narrador de João Melo relata no conto *Abel e Caim* na obra já referenciada *Filhos da Pátria*.²⁶ Estamos perante uma trágica situação na sociedade angolana nesse momento do percurso da história do país.

²⁶ O escritor João Melo faz recurso ao episódio bíblico – Caim e Abel – para descrever o assunto da guerra civil em Angola. O relato bíblico encontra-se no livro do Génesis, capítulo quarto, versículos 1-16. Abel (pastor) e Caim (lavrador). Caim mata o irmão porque a Deus agradou a oferta de Abel, pois sacrificou o animal gordo do seu rebanho. Caim ofereceu o que não agradou a Deus. Diz uma nota bíblica:

“Estamos perante uma história de dois irmãos, tomada como paradigma da luta fratricida entre as pessoas desde o princípio da humanidade. O drama do paraíso chega, agora, ao *pecado* propriamente dito, isto é, à morte de um outro homem, do irmão. São as eternas tensões entre grupos humanos [...]” Cf. Nova Bíblia – dos capuchinhos; Difusora bíblica, ISBN 972-652-155-6.

Outro investigador sobre assuntos angolanos é Tony Hodges. Falando da comunicação social em Angola, ele focaliza os dois lados no tempo da guerra civil. Luanda (MPLA-Governo) e Jamba (UNITA-oposição armada). Recolheu informações sobre os dois territórios beligerantes no que concerne à liberdade de expressão, mais concretamente, «os meios de comunicação social». Acerca disso, diz o investigador:

Durante o período do partido único, todos os meios de comunicação social nas zonas controladas pelo Governo pertenciam ao Estado, que proibia os meios de comunicação social privados. Da mesma maneira, nas zonas controladas pela UNITA não havia nenhuma liberdade de imprensa, sendo o único meio de comunicação social existente a estação de rádio anti-governamental A Voz da Resistência do Galo Negro (VORGAN), dirigida pela organização, que acabou por ser silenciada em 1999. (Hodges, 2002:131)

O extrato acima é útil para a presente dissertação, não no que diz respeito à situação da comunicação social, mas ao seu aspeto documental, ou seja, por ser um texto sobre a realidade «dois territórios» durante a guerra civil, em Angola. O narrador de João Melo fala mesmo em dois países.

3.3.2 Segunda consequência do fracasso do sonho: «degradação moral»

3.3.2.1 - No território do Governo e no território da UNITA (Jamba)

O narrador apresenta duas situações de extrema indignidade humana. Estamos diante de dois espaços físicos, dois espaços sociais e dois espaços psicológicos. É uma focalização externa que leva o narrador a fazer o relato objetivo da situação das personagens (cidadãos de ambos os lados).

No que diz respeito à degradação moral no território do governo, entre várias coisas que ressaltam, transcreve-se apenas o seguinte extrato do conto *O engenheiro nórdico*:

Um país onde um Touareg é carro de amante não é um país! [...] Angola está perdida [...] Um país onde um jipe Touareg é carro de amante não é um país! [...]. Pouca – vergonha! [...] Deve ser amante de algum general, algum ministro, algum camanguista, sei lá! [...] Olhem-me para aquilo [...]. Isso é vestido para usar a esta hora da tarde, com este sol, esta poeira, este lixo, esta degradação? [...]. O pior era a degradação moral. Não há mais princípios. Não há valores. É um vale tudo. (João Melo, 2009, 21,27)

3.3.2.2. No território da UNITA (Jamba)

No tocante à degradação moral na Jamba, o investigador Justin Pearce diz o seguinte:

As memórias de Chiwale, publicadas seis anos após a morte de Savimbi, incluem um relato mais pessoal da violenta repressão político praticada na Jamba. O autor descreve uma atmosfera de paranoia e suspeita mútua, e refere a brutalidade com que os presumíveis dissidentes eram tratados, incluindo ele próprio, quando foi acusado de conspirar contra Savimbi. (Pearce,2017:175)

Dessa acusação de conspirar contra Savimbi, segundo o investigador já referenciado, Chiwale enfrentou a seguinte humilhação:

Chiwale, foi convocado, sem aviso prévio, para assistir ao casamento da mulher com outro homem. No início de 1986, foi chamado por Savimbi e informado de que ia ser reabilitado, pois as acusações contra ele continuavam por provar. No final do encontro, Savimbi disse-lhe: “Também te queria informar que eu sei que as tuas mulheres te abandonaram, mas não te preocupes que eu hei-de arranjar-te uma outra. Para a estrutura dirigente da UNITA, as mulheres eram uma mercadoria, que podia ser negada como castigo ou oferecida como recompensa. (ibidem: Chiwale conta que, em 1983, já despromovido e caído em desgraça depois de ter sido acusado de conspirar contra 176)

Quanto à queima das feiticeiras, na Jamba, a que o narrador de João Melo faz referência no conto *O escritor*, Justin Pearce revela o seguinte relato de Samuel Chiwale, antigo dirigente da UNITA a presenciar o suplício da tia na fogueira:

Organizou-se um julgamento onde participaram anciãos, oficiais e quadros dos mais elevados escalões do partido: os inocentes foram libertados e os culpados foram condenados à pena capital, ou seja, à morte na fogueira, conforme rezam os costumes africanos. (ibidem:175)

Nenhum dos dois lados do país (Luanda e Jamba) ditaria vida promissora ao povo. Significando isso o fracasso do sonho que era sentido ou vivido pela maioria dos angolanos. Essa situação de vida promissora para poucos e morte para muitos levou alguns, a todo transe, a procurar outros lugares fora de Angola. Esta pode ser considerada a terceira consequência do fracasso do sonho.

3.3.2.3 - Terceira consequência do fracasso do sonho: exílio ‘voluntário’

O tema do exílio voluntário está presente em vários contos. Há exilados voluntários forçados. São brancos nascidos em Angola e outros que viveram em Angola até às portas da proclamação da independência. Deixaram Angola por não terem vislumbrado um futuro seguro nas três vertentes do existir humano: económica, social e política.²⁷

Também há angolanos negros que partiram em busca de novas terras no estrangeiro por não terem certeza no futuro do país. No conto *O escritor*, só para ilustrar, a personagem «o escritor», depois de ter conhecimento da vida levada na Jamba (território da UNITA) e ter enfrentado a dura vida em Luanda (MPLA-governo) decide, voluntariamente, emigrar como relata o narrador:

Diante destas duas alternativas, o escritor não hesitou: bazou (pôr no glossário) para Massamá, uma desconhecida freguesia perto de Lisboa, onde viveu tranquilamente até que se começou, timidamente embora, a vislumbrar o fim das confusões em Angola. (ibidem:168).

Outros contos que abordam a situação do exílio voluntário são: *O homem que nasceu para sofrer* (João Melo, 2001: 73-93) cujo teor já foi apresentado anteriormente e *O exilado* (João Melo, 2004:83-88) no qual o narrador descreve a vida da personagem Ngolo Valentim que se encontra fora de Angola, saído da localidade de Andulo, planalto central. Acerca dessa personagem, o narrador diz o seguinte:

Ngolo Valentim vive em Estocolmo desde os anos 50. Zaira do Andulo, onde nascera, quando tinha apenas 18 anos, com uma bolsa de uma missão americana na região, para estudar Filologia Românica em Lisboa. Mas acabou por ir parar à capital sueca, onde vive até hoje (...) De vez em quando, chegava até ele, inadvertidamente, alguma notícia sobre o que se passava no país, principalmente sobre as tragédias que o assolaram nas últimas décadas: guerra, fome, doença, corrupção. Ainda hoje isso continua a acontecer. Mas, felizmente, é tudo muito distante. Para ser sincero, não lhe dói muito. Ele está muito bem no seu exílio voluntário [...]. (ibidem:83,87,88)

Estamos perante uma espécie de ‘eternização’ das injustiças resumidas em uma só palavra: corrupção. Essa é a realidade vivida da atualidade na sociedade angolana. A tendência de emigrar. Emigrar, sobretudo, para a Europa, como se ilustra nos contos supracitados. O assunto *exílio voluntário* nos contos de João Melo continua atual e não

só para Angola como também para alguns países africanos. Tal situação poderá durar enquanto não houver novo sonho com reais compromissos. O exílio voluntário ariscado regista-se nos refugiados africanos que atravessam perigosamente mares procurando refúgio na Europa. Muitos deles encontraram a morte durante a travessia do mar Mediterrâneo. É o fracasso do sonho dos nacionalismos africanos. Igualmente, fracasso do fenómeno «Negritude» nas suas diversas vertentes. As vertentes do fenómeno *Negritude*, segundo Fernando Neves são: Negritude «literária», Negritude “política e revolucionária; e Negritude filosófica” (Neves, 1975:114-143). Os fundadores e defensores da Negritude ainda estão longe de ver os seus objetivos atingidos. A luta terminou na proclamação das independências. O futuro, segundo os contos do escritor João Melo referenciados anteriormente, ainda requer reflexão. O futuro do progresso social. Contudo, outro entrave existe: a corrupção.

3.3.3 Quarta consequência do fracasso do sonho: corrupção generalizada nas últimas décadas

A corrupção é a peste invencível na ótica das personagens nos contos de João Melo. Mesmo com críticas a esse vil procedimento das elites, o resultado não se faz sentir. Lola Geraldes Xavier sobre a corrupção na Angola moderna diz o seguinte:

A crítica à corrupção, tema central do conto “O falso corrupto”, expõe ironicamente personagens como Mário Alberto Alves da Costa de “O Ex português”. É um tema recorrente ao longo dos seus livros, porque, como refere o narrador de “O falso corrupto”, uma das “verdades universais mais irrefutáveis é que a corrupção grassa livre e impunemente em Angola”. No entanto, a ironia irrompe do facto de “apesar da existência da corrupção no país ser uma autêntica unanimidade nacional e internacional, ninguém conhece nenhum corrupto angolano.”²⁸

A personagem Rui Jordão, no conto *Um angolano especial*, começando por uma interrogação, traça o seguinte retrato de Angola, na atualidade, no que se refere à corrupção. Lê-se:

A morte do líder dos rebeldes, Jonas Savimbi, em combate, foi recebida por Rui Jordão – tal como sucedeu com a maioria dos angolanos - com o profundo alívio. Depois dela, a guerra

²⁷ Este assunto do exílio voluntário de brancos nascidos em Angola por razões de segurança, no contexto conturbado no período pós- independência, é narrado no conto Ngola Kiluanje, do escritor João Melo. Cf. João Melo, Filhos da Pátria, Editorial Caminho, SA, Lisboa, 2001, pp.95-149.

²⁸ Fonte eletrónica MULEMBA, Revista Científica, ISSN 2176 – 381 X, <https://revistas.ufjf.br/article> view

acabou em todo o território angolano, praticamente de repente, como que num passe de mágica [...] após o fim da guerra, passou a acreditar que a resolução de todos os problemas da nação seria também uma questão de mágica. Obviamente, porém não tenho o direito de confundir os leitores, alterando a personalidade da minha própria personagem no fim da estória. A verdade é que ele já esperava o que sucedeu. Como se trata de vicissitudes actuais, a literatura não deve retratá-las, por falta do distanciamento recomendado por todos os homens de boa vontade. Rui Jordão, contudo, pode: O que mudou nestes cinco anos? É certo que não há mais tiros, mas até quando? Todo o mundo parece que só pensa em ficar milionário do dia para a noite! [...] Todo o mundo, vírgula! Uma meia dúzia, os mesmos de sempre [...] As melhores terras, diamantes, telecomunicações, transporte, petróleo [...] Eles ficam com tudo, não deixam nada para ninguém! [...]. Sim, estão a fazer umas estradas, umas pontes, umas escolas [...]. E o resto? Nem a maca da água e da luz conseguiram resolver em cinco anos! [...] E a corrupção? As coisas, agora, são feitas às claras, parece que ninguém tem vergonha [...]. ²⁹(João Melo, 2009: 59)

O narrador, no extrato acima, leva o leitor à reflexão sobre os culpados da miséria em Angola. Durante a guerra, esta justificava tudo. Sobretudo porque Jonas Savimbi era tido como o causador de todas as confusões no país e, *ipso facto*, o responsável pela miséria nacional. Ele, Jonas Savimbi, e o seu exército. Depois de morto, o seu exército fez a paz com o exército do governo. Mas a corrupção continua.

Para o narrador do conto *A Virgem Maria do Sambila* há justificação de toda essa trágica situação. O problema está no DNA (ou ADN) como refere:

São poucos, por conseguinte, os acontecimentos que emocionam os homens e as mulheres que habitam o musseque do Sambila, em Luanda. Nem choros de crianças, nem gritos de mulheres espancadas pelos maridos, nem farras barrulhentas, nem ruídos de brigas em plena rua, nem tiros, nem sirenes da polícia ou de ambulâncias, nem demolições, nem notícias de assaltos, assassinios, óbitos esperados ou imprevistos ou epidemias desconhecidas – nenhum desses factos é considerado suficientemente inusitado para comover os habitantes do Sambila, levando-os a alterar a sua rotina de várias décadas. Digo «décadas» pelo menos em termos de existência do bairro, mas, do ponto de vista daqueles homens e mulheres, talvez fosse melhor falar em séculos, pois a miséria estás inscrita no seu ADN histórico há muitos e muitos séculos. (ibidem,2009:33)

O tema da corrupção em Angola é recorrente nos contos de João Melo. Também no conto *Maria*, a personagem Maria mostra-se estupefata ante o fenómeno da

²⁹ João Melo, *O Homem que não tira o palito da boca*, Edições Caminho, 1ª edição, Lisboa, 2009, p.49.

corrupção em Angola, mesmo depois de terminada a guerra. Afinal, existe uma justificação, uma causa profunda. A causa disso tudo reside no «ADN histórico» como diz a personagem:

Em 1975, o MPLA proclamou a independência. Eu tinha então vinte anos. Fui dos raros jovens que não abandonou os estudos nem ingressou na política [...]. Não gostei do que vi, sobretudo da marginalização e mesmo perseguição aos funcionários antigos e aos quadros...Desde os primeiros momentos, tive uma grande dificuldade em compreender todas as transformações e sobretudo confusões que ocorreram entre nós nas duas últimas décadas. Nunca soube destrinçar o que era pior: a guerra ou a corrupção? Para alguns, a guerra é mil vezes pior, pois, além dos seus efeitos diretos, tem uma série de consequências indirectas, entre elas facilitar e servir de «justificação» da própria corrupção. De acordo com a História, parece que é assim em todas as épocas e lugares. Mas, então, porquê que, tendo a guerra terminado completamente entre nós, a corrupção não dá sinais de amainar, antes pelo contrário? (João Melo, 2004:81)

As questões que a personagem *Maria* coloca são as mesmas que a personagem *Rui Jordão* coloca no conto *Um angolano especial* como vimos acima. Sem dúvida que essas questões são o grito do povo. O tema da corrupção na sociedade angolana no período pós-independência também preocupa o narrador do conto *O elevador* (João Melo, 2001:13-30). O narrador onisciente penetra os pensamentos da personagem Pedro Sanga. Pedro Sanga encontra-se no elevador indo ao encontro do seu «velho amigo», Soares Manuel João que mora no último andar. Pedro Sanga carrega consigo profundas inquietações. Partindo da observação que faz da realidade descomunal da sociedade luandense, questiona o futuro do país. É isso que se reflete na seguinte interrogação da personagem:

Mas o que será amanhã deste país, se os autoproclamados herdeiros de fortunas anteriormente inexistentes e todos os acumuladores primitivos de capital, os neofundamentalistas, os pseudo-intelectuais e os medíocres de toda a sorte continuarem a ocupar todos espaços assim? (João Melo.2001:16)

Noutro passo do conto *O elevador*, o narrador desvenda o meio que levou Soares Manuel João a uma rápida prosperidade. Lê-se:

Enquanto foi ministro, conseguiu duas casas conseguiu duas casas em Luanda e uma quinta em Viana, além de ter montado uma autêntica frota de carros de vários tipos, cores e tamanhos (turismos

utilitários e de luxo, jipes, carrinhas, etc.) sem ter gasto um tostão, mas apenas abatendo à carga os veículos do próprio Ministério [...] segundo os mujimbo, adquiriu igualmente um apartamento em Lisboa, mais concretamente, em Massamá, na Freguesia de Queluz (2001: 23)

Essa é uma das vias de enriquecimento em Angola. A personagem Soares Manuel João é, nesse conto, o rosto dos que em Angola enriquecem, prejudicando o país.

A numeração das consequências desse sonho é apenas uma questão metódica. É para condensar as diversas temáticas que emergem nos contos de João Melo referentes ao caos angolano. Essas temáticas vêm elencadas a seguir.

3.4 Outras temáticas emergentes que refletem o fracasso do sonho

Os contos de João Melo não são uma ficção. O estudioso dos contos que se aventurar constatar, in loco, a sociedade angolana pode chegar a essa conclusão. Não é preciso percorrer todo o território. Basta cingir-se à sociedade luandense, conhecida como sendo a cidade crioula. Pires Laranjeira, em jeito de recensão da obra do escritor João Melo, *O Homem que não tira o palito da boca*, identifica os seguintes temas:

O autor usa uma linguagem magnificamente técnica, semiótica, de lógica formal e jurídica – obsessivamente perfeccionista, requintada, paranoicamente explicativa – para tratar de questiúnculas ou pelos contrário, explicar formalmente, com uma lógica administrativa, a podridão familiar, política, económica, o quotidiano de miséria, prostituição, indecência, malfeitoria e sacanice (no Sambila e outros bairros) de pobres diabos e cidadãos abandonados pelos coevos. Histórias de casais e traições infidelidades são uma das obsessões divertidas de Melo. E, depois, há o tema das raças, cores de pele, classes, mas também o do assassinato piedoso, entre tantos [...] Parece um ensaísta que perdeu o pé na ficção: dá lições de moral e outras [...].³⁰

A sociedade, assim retratada, é expressão do caos e não de um mudo organizado. Os contos de João Melo são um manancial temático inesgotável. Lendo, atentamente, os contos do escritor em referência podem vir à tona outros temas como os seguintes:

³⁰ Estas palavras traduzem a apreciação literária de Pires Laranjeira em jeito de recensão à obra de João Melo (ver contracapa) - *O Homem que não tira o palito da boca*, Editorial Caminho, SA, Lisboa 2009.

3.4.1 «Angolanos matando angolanos»: trágico destino da nação (ódios, separações, preconceitos).

Esse aspeto é descrito nos contos: *Abel e Caim*, *O elevador*, *O engenheiro nórdico*, *Os Marginais*. Quanto ao ódio levado ao extremado depois de uma amizade fraternal, vê-se a ilustração no conto *Abel e Caim*:

Miguel Ximutu e Adalberto Chicolomuenho [...] eram aquilo a que se costuma chamar dois amigos do género unha-com-carne. Conheceram-se primeiro no Lubango, onde concluíram o curso de regentes agrícolas, e depois, foram ao mesmo tempo para o Huambo, a fim de estudarem agronomia...não passavam um sem o outro. Conversavam longamente a sós sobre tudo o que na época era proibido [...] embora eu não saiba quem é que tomou a decisão primeiro, a verdade é que Miguel Ximutu e Adalberto Chicolomuenho deixaram de se falar por causa das respectivas opções partidárias. Deixaram mesmo de se saudar quando, ocasionalmente, se encontravam na rua [...] De igual modo passaram a trocar insultos e até ameaças de morte por meios de solícitos e agoirentos intermediários. Quer dizer: o percurso dos dois amigos, até então comum, cindiu-se de vez. [...] Miguel Ximutu esteve em Marrocos, a fazer treino militar, foi representante da UNITA na Costa de Marfim, no tempo do velho Boigny, e combateu nas províncias de Malanje, Moxico e Kuando Kumbango, enquanto Adalberto Chicolomuenho trabalhou nas estruturas do MPLA no Bié, depois esteve em Cuba a concluir agronomia e acabou em Cabinda como delegado provincial da Agricultura [...] Os anos paradoxais vividos em Angola durante a década de 90 não permitiram o reencontro de Miguel ximutu e Adalberto Chicolomuenho. Nesse período, e salvo algumas tréguas fugazes, a guerra continuou. Muito mais virulenta e destruidora do que no que no passado, pois, pela primeira vez, atingiu pesadamente cidades inteiras [...] Miguel Ximutu permaneceu nas matas combatendo o governo, apesar dos acordos de paz [...]. (João Melo.2001: 135-139)

Na mesma senda de ódios, separações e preconceitos que matam a longa amizade está o cenário das personagens Pedro Sanga e Soares Manuel João, no conto *O Elevador*.

Tinham combatido contra o status quo colonial, mas o novo status quo que queriam edificar no país não coincidia. Inclusivamente naquele tempo, ou seja, no tempo em que os dois combatiam de armas na mão contra o colonialismo português (e não, claro está, no tempo em que decorre a presente narrativa e Pedro Sanga pode ser observado dentro de um elevador, num dos raros novos prédios edificadas em Luanda após a independência do país, com a cara visivelmente carregada), o Soares era muito mais radical do que ele. Misturando, de forma desconexa, mas convicta, uma retórica marxista absolutamente vulgar, mal colada a cuspe, com violentos sentimentos raciais e tribais, fruto de contraditórios complexos que lhe ardiam na memória, mas que o narrador não vai esmiuçar, dizia que os catetes é que teriam de mandar na Angola do futuro, pois eram os únicos que já tinham estudado, como o demonstrava, aliás, o exemplo de Agostinho Neto, poeta, médico e revolucionário que iria conduzi-los até à vitória final.

Nessa «Angola do futuro» que o Soares projetava, seria criado uma «homem novo», que teria a missão, de modificar o socialismo científico, o regime mais avançado da história da humanidade, onde todos os homens são iguais, sem burgueses, nem proletários, nem brancos, nem mulatos <muito menos bailundos>. Pedro Sanga jamais chegou a esclarecer se Soares – que sabia perfeitamente que ele era natural do Bié – lhe dizia isso propositadamente, para espezinhá-lo; ou se tratava daquelas contradições do ser humano – mais habituais do que alguns imaginam -, que (o artigo que usarei a seguir refere-se, como é obvio, ao ser humano em geral e não apenas ao Soares) o costumam atrair precisamente para aquilo que, no mais secreto e por vezes mais vil recanto da sua alma, odeiam profundamente. Ódio? Talvez não [...]. (ibidem: 18-20)

O narrador-autor não descarta a possibilidade da reconciliação dos amigos desavindos. Essa é a razão da interrogação retórica na parte final do extrato acima. Para o narrador-autor é possível superar o sentimento do ódio nas suas diversas manifestações. No conto *Trinta e cinco anos* o narrador-personagem faz referência a Saramago, escritor português, pelo seu tema sobre a fundação de uma «Internacional da bondade». Ou seja: dos abraços, como é notório no desenlace do conto. Nesse âmbito, o narrador-autor preconiza a superação das distinções “nitistas” e “não nitistas” (conto: *Trinta e cinco anos*) e savimbistas e não savimbistas (conto: *O engenheiro nórdico*). É, assim, notório o Leitmotiv dos contos do escritor João Melo: os abraços depois de superados os motivos das prolongadas separações.

3.4.2 Luanda – o rosto do país

Quanto a esse cenário da sociedade em Luanda, temos o seguinte extrato do conto *O engenheiro nórdico*. O conto em referência narra a adaptação de Jan Andresen à cidade de Luanda. Deve ter contactado com alguma literatura sobre Luanda, cidade organizada. Mas confronta-se com uma realidade oposta. Luanda é descrita pelo narrador da seguinte forma:

Quando acordou, perguntou: Mas que cidade é esta? Esse episódio dividiu a classe política local. Para a oposição, por exemplo, tinha ficado clara, mais uma vez, não apenas a falta de capacidade, mas sobretudo a profunda insensibilidade do governo perante os problemas do povo, pois há muito tempo que os cabriteiros do Roque Santeiro, e não só, reclamavam em vão por melhores condições de trabalho a fim de poderem mitigar a fome do povo e até mesmo, se não a fome propriamente dita, pelo menos o apetite dos estrangeiros, no mínimo daqueles que, dando mostras do seu multiculturalismo exemplar, faziam questão de experimentar os quitutes nacionais, recusando-se, portanto, a viver apenas de importados e enlatados.

Por seu turno, os que, por um desses mistérios em que a humanidade é pródiga, apoiavam o governo, respondiam a esses ataques com algumas perguntas aparentemente simples, mas altamente insidiosas: E o motorista? De onde que ele é? Porquê que levou o engenheiro nórdico ao Roque Santeiro? Porquê que não fez um clister? O próprio ministro do Interior foi a televisão, em cadeia nacional, qualificar de savimbistas todos aqueles que se atrevessem a pôr em xeque o empenho do governo em melhorar as condições higiénicas da cidade e, principalmente, em bem aqueles que, de boa-fé, vinham a contribuir com o seu esforço para a reconstrução e desenvolvimento do país. (João Melo, 2004:28-29)

Este texto narrativo do escritor João Melo é do século XXI. No início do século XX, em 1903, o cronista Francisco Castelbranco apresentava o seguinte retrato social de Luanda citando a revista *Luz e Crença*:

Loanda, a capital de Angola, proporcionava aos seus habitantes a vida mais estúpida, mais embrutecedora que dar-se pode. Aqui não se vive, vegeta-se. Arrastamos a existência como o boi puxa o carro. Não há nada, absolutamente nada que desenvolva o gosto pela literatura, que divirta instruindo, que incite o amor ao estudo. É tudo material, sem evolução nem coisa que com isso se pareça. Ao sairmos de casa avistamos, por exemplo, um grupo. Aproximamo-nos no intuito de surpreendermos uma conversa que aumente os nossos escassos conhecimentos, e ouvimos que Fulano exportou tantos sacos de café e Beltrano tantas pipas de aguardente. Desiludidos prosseguimos o nosso caminho, quando um outro grupo chama a nossa atenção. Passamos por pé dele e o que ouvimos? A enumeração dos ofícios que Cicrano fez repartição de tal, ou a descrição detalhada dos factos mais insignificantes que se tenham passado nessa e noutras repartições o Estado. Mais adiante, num terceiro grupo, discute-se acaloradamente; de que se trata? Da próxima nomeação de um capitão de 2ª Linha para chefe dum concelho. São estas, com pequenas variantes, as conversas mais atraentes, mais substanciais, e que provocam discussões nos cafés, nos passeios públicos, por toda a parte. Ora isto, todos os dias, a todos os instantes, obceca, aniquila o espírito, numa palavra – bestifica. (Amaral, 2000, 24-25)

Estamos perante duas descrições acerca da mesma cidade, ou seja, o mesmo espaço social narrativo-descritivo. A primeira descrição data de 1903. Mais de 100 anos depois dá-se o relato no conto do escritor João Melo. A sociedade luandense, “em 1903, é constituída de 28.000 habitantes dos quais 5000 europeus” (ibidem). Essas dificuldades foram-se arrastando até à modernidade. Por isso, o narrador de João Melo, no conto *O canivete agora é branco*, diz, a partir do que acontece em Luanda, com extensão a todo o país, que está a fazer-se «pior que os colonos ou cadavez pior», como foi referido em itens anteriores como fundamentação no conto *O Canivete agora é branco*.

3.4.3 Sortes diferentes dos antigos companheiros na luta pela independência

As personagens são: Canivete e Kiteculo. Essa estória é relatada no conto *O Canivete agora é branco*. Nessa personagem e na do Kiteculo vê-se, claramente, o contraste de vidas dos velhos companheiros e amigos. A força das circunstâncias políticas bruscamente os separou por muito tempo como se refere no trecho anterior. O que contribuiu para a vida próspera de Canivete é o facto de ter ido para as matas para combater de arma na mão e ter permanecido. O narrador-autor evidencia, assim, que o fator antigo combatente reconhecido é determinante para a prosperidade em jeito de sonho individual realizado. Canivete dirige-se a um restaurante, em Luanda, e não reconhece o antigo companheiro e amigo Kiteculo.

O motorista do jipe abre a porta do barriga cheia, este desce cheio de estilo, pendurado numa magrinha toda escura com uma testagem loira, quase até no rabo, escondendo a carapinha rala, vestido com uma racha até no meio da coxa, sapatos com quase meio metro de altura e bico fino, tipo mata barata, o barriga cheia aperta-lhe bem contra ele, dá-lhe uma palmada na bunda empinada, talvez para relaxá-la, enquanto se dirigem decididamente para a porta do restaurante, quando a luz lhes dá no rosto eu tenho vontade de pular e de gritar, Canivete, Canivete, hesito, é mesmo ele, não é, nunca mais lhe vi desde que desapareceu na bomba de gasolina a caminho do Luso, já lá vão mais de trinta anos, mas a verdade é que nunca lhe esqueci um dia só (...) como podia esquecer o Canivete, é ele mesmo, está diferente, parece branco, onde é que ele andou estes anos todos, o que lhe aconteceu, o que é que lhe fizeram para ele estar assim tão transformado [...] (João Melo, 2006:132)

De realçar que, dos que abraçaram o sonho de um país melhor, essas duas personagens estiveram nas três fases da guerra: primeiro, a guerra pela independência (14 anos); segundo, a guerra pós-proclamação da independência (16 anos) e a guerra pós-eleitoral em 1992 (quase 10 anos).

Outras personagens, símbolos dos que prosperam, são as duas personagens no conto *O Rabo do chefe*. Neste conto o elemento cómico, umas das características do escritor, vai desde o título ao fim do conto. A personagem que abre o conto inicialmente é desconhecida. Trata-se de uma personagem subordinada a uma outra personagem – o chefe. Mas a personagem subordinada antes não nomeada, é apresentada, logo a seguir, pelo narrador-autor como Doutor Chico. Um título académico que é contrastado por algumas personagens como relata o narrador:

O Doutor Chico era director da E.L.M.A. U.E.E. há mais de dez anos. O rigor ninguém sabia em quê é que ele era doutor. Este gajo, no tempo colonial, não passou de terceiro-oficial, como é que agora é doutor?!», espalhava em surdina, pelos corredores da empresa, um velho funcionário da mesma, meio pirado de tanto beber e trabalhara com ele antes da independência do país [...]. (João Melo, 2004: 31)

A outra personagem é o *chefe* a quem está ligada a subalterna personagem, o *Doutor Chico* que enriquece, em poucos anos, graças à amizade existente entre os dois. O *chefe*, neste caso, é o facilitador do seu subordinado, colocando-o como diretor-geral de uma empresa como ele declara numa assembleia de trabalhadores. O objetivo da assembleia era: “análise da gestão do senhor diretor-geral” (ibidem:35). O narrador-autor apresenta um corpus de trabalhadores maduros, decidido a pedir explicações ao chefe acerca da sua riqueza injustificada em tão pouco tempo. O Doutor Chico responde iniciando de forma cómica e, assim, até terminar a sua intervenção:

Sim, meus senhores! Eu vejo o rabo do chefe todos os sábados!... Eu penso que alguns de vocês já sabem que eu sou amigo do chefe desde os tempos do liceu. Éramos colegas carteira com carteira, jogámos futebol juntos, namorávamos as mesmas garinas [...] Quando voltou das matas, era natural que procurasse os seus velhos amigos, para trabalharem com ele [...] Eu estou com ele praticamente desde que ele voltou! Sou, digamos assim, o seu ajudante-de-campo! [...] Auxílio-o no trabalho, cuido dos seus negócios, dou-lhe informações sobre os seus inimigos [...] Além disso, entro em casa dele livremente, sempre que eu quiser! [...] Todos os sábados, por exemplo, recordamos os velhos tempos do liceu e jogamos um bom trumfo de manhã [...] Depois do jogo, o único que entra no balneário com ele sou eu! Portanto, não pensem que estou a falar à toa quando digo que todos os sábados vejo o rabo do chefe [...] É a mais pura verdade! [...] Aqueles que estão por detrás das campanhas que são feitas contra mim aqui dentro da empresa é bom que se lembrem do que eu estou a revelar agora! [...] É melhor pararem, portanto, com essas bocas de corrupção, autoritarismo e outras que tais! [...] Isso tudo é inveja, pois não conseguem subir na vida, como eu [...] Mas não se iludam: o chefe confia em mim, pois todos os sábados eu vejo o rabo dele e, até agora, ainda não lhe deixei ficar mal! (ibidem:35,36)

O narrador de João Melo é observador atento. Descreve a sociedade angolana com minudência. É essa a realidade atual no que tange ao acesso rápido ao enriquecimento por privilégios ilegítimos. De realçar ainda o que o escritor transmite em *O rabo do chefe* e no conto *O Canivete agora é branco*. Neste, o velho amigo rico não reconhece o amigo miserável, depois de longos de separação. Naquele, o velho amigo, chefe de alguma empresa, promove com base na amizade, mesmo sem competência, o amigo.

Continuando o tema da frustração, há também desilusão dos escritores. Esta narração encontra-se no conto *O escritor*. Neste conto o narrador relata a situação dramática do escritor que, apesar do seu *curriculum vitae* na área da literatura angolana, nunca foi premiado. Por um motivo. O ser escritor angolano preto como essa personagem esclarece:

O sucesso! É absolutamente imperioso repartir mais equilibradamente o sucesso! [...] Não se pode admitir que sejam sempre os mesmos escritores a ganhar todos os prémios! [...] Eu, por exemplo, por que motivo escuso o meu valor ainda não fui publicamente reconhecido, apesar de já ter quilómetros e quilómetros de textos literários e não só? Eu dediquei a minha vida a este país! [...] Durante o colonialismo, tinha de ir todas as semanas, depois de sair do escritório, prestar declarações à Pide [...] Era sagrado! [...] Por outro lado, quando chegou a independência, participei na campanha nacional de alfabetização e integrei-me voluntariamente nas brigadas que foram colher café no Bengo [...] Durante a guerra, nunca fugi do país [...] Porquê que nunca recebi um prémio literário? É por não ser mestiço ou branco? (João Melo, 2006: 170)

Aqui o problema é o fator cromático da pele. Lamentação em solilóquio. Significa isto que na sociedade angolana, na ótica do escritor João Melo, a cor da pele determina o rumo para o sucesso em alguns ramos de serviço. É uma preocupação do escritor que não deixa de apresentar a sua estratégia para um futuro melhor do país. Com esse novo sonho pode salvar-se o sonho presente na obra poética *Sagrada Esperança* de Agostinho Neto de que se fez referência no capítulo anterior.

3.4.4 Luta pela sobrevivência - crianças e adultos

A luta pela sobrevivência é o tema central nos contos: *O homem que nasceu para sofrer*; *Tio me dá só cem*; *O feto*; *O livro da Deambulação*; *Um dia na vida de Chico Russo*; *O Esquadrão Marreco* e *Império da velocidade*.

O conto *O homem que nasceu para sofrer* apresenta a vida da personagem José Carlos Lucas que se autoavalia como extremamente azarado na vida. Todos os projetos pessoais, inclusivamente o projeto de construir um lar em Angola, seu país, tornar-se rico, a todo o transe, até mesmo cavando ilicitamente diamantes na Lunda Norte, tudo isso deu em nada, como diz o narrador:

Esta é a última viagem que José Carlos Lucas faz, mas ainda não o sabe. Por enquanto, está na pia do WC do avião que o leva de Luanda para Lisboa, experimentando uma extraordinária sensação de alívio [...] Mil vezes azarado...Antes do 25 de Abril, não tinha conseguido acabar o antigo sétimo ano, pois como os pais morreram num acidente de trânsito, teve de interromper os estudos e começar a trabalhar. Em Maio de 1974, mais ou menos um mês depois do 25 de Abril, tinha tudo acertado com um grupo de amigos para se juntar ao MPLA no Mayombe, mas...acordou tarde e

acabou por não ir, perdendo, talvez, a oportunidade de ser hoje mais um general, como todos os seus amigos. Quando os guerrilheiros entraram em Luanda e começaram a tomar conta do país, o seu primo Lucas, que era comandante, convidou-o para ir trabalhar com ele numa das empresas estatais [...]. José Carlos recusou-se, preferindo continuar a trabalhar como funcionário público. Mas, ao saber, pela rádio, que os funcionários públicos, afinal de contas, eram todos uns pequeno-burgueses contra-revolucionário e que estavam a ser acusados por um inflamado comissário [...] achou mais prudente tentar outro emprego: começou então a dar aulas numa escola primária onde se manteve até aos anos 90 [...] e visto também, que iria entrar em breve “ casa dos entas” [...] decidiu cuidar da vida. A primeira providência foi pedir ao primeiro Lucas que lhe arranjasse um furo naquela nova petrolífera americana que iria abri as portas. O primo tinha realmente conhecimentos e conseguiu-o. É incrível: nessa altura, tudo me parecia tão promissor! Só faltava mesmo faltava mesmo uma mulher! [...] Contado, ninguém acredita: contra todas as previsões e garantias, a direcção da petrolífera decidira dar por findo o estágio de José Carlos Lucas e dispensá-lo, por falta de aptidões para o lugar...Em menos de uma semana, tinha-se juntado à multidão de garimpeiros de todas as origens que escavava o território da Lunda Norte à procura de diamantes, pois tinha de enriquecer rapidamente, a fim de ir buscar Maria de Lurdes a Lisboa, onde quer que ela estivesse. Até que teve sorte, pois, seis meses depois, já tinha conseguido um bom lote de diamantes, com o qual iria começar a vida outra vez [...].Os diamantes que José Carlos Lucas engolira, para fugir à fiscalização da polícia, tinham-se [...] evaporado pela pia abaixo [...] Tantos sacrifícios passou ele nas Lundas, tantas coisas inenarráveis, para tudo acabar assim. (João Melo,2001:73-79)

Mais uma vez é notório o estilo direto do escritor João Melos nos seus contos. Os recursos estilísticos são escassos. Há justificação para esse procedimento. O narrador-autor apresenta factos conhecidos ou vividos por muitos angolanos. A escassez dos recursos estilísticos é colmatada pelo elemento cómico que está presente em quase todos os contos. A presença desse elemento cómico torna lenitiva a leitura. O leitor pode fazer paragens durante a leitura para dar azo ao risível, e prosseguir a leitura, sempre atento à mensagem e à forma como é transmitida.

A luta pela sobrevivência é relatada noutros contos de João Melo. No conto *Tio, mi dá sô cem* o narrador cria uma personagem adolescente, refugiado de guerra. Deambula pelas ruas a esmolar. E não poucas vezes recorre à violência. Deste conto fazemos uma breve análise. Assim, depois de uma leitura atenta, seleccionámos as seguintes palavras para análise na perspetiva da criminalidade na sociedade angolana: fome, matar/morrer) e pistola. Essas palavras (verbos e substantivos) ocorrem muitas vezes no texto. O espaço narrativo, em análise, é Luanda. Mas, na técnica narrativa o espaço social é abrangente. O que se passa na capital do país tem reflexos nas províncias.

Eis o registo e análise de algumas palavras:

O substantivo *fome*

O substantivo «fome» ocorre sete vezes no texto de nove páginas como se pode ver:

Tio, mi dá só cem, só cem mesmo pra comprar um pão, tô com fome inda não comi nada desde anteontem [...], a nossa fome é tão grande que somos capazes de matar esses moços verdes, todos eles bem nutridos, bonitinhos, bem cheirosos [...] estava com uma fome [...] as minhas irmãs se arrastavam no chão cheias de ranho, moscas, lágrimas, era fome, tio, o mundo lá em Chipeta era só fome e silêncio [...] é de mais tio, eu não aguento, mi dá só cem, tio, estou com bué de fome [...] a minha fome é do tamanho da minha dor [...]. (ibidem: 31-39)

A insistência da criança denota grande preocupação por se ver, quase, à beira da morte. Morrer de fome. Mas o adulto, financeiramente capaz de responder à necessidade da criança, parece insensível a julgar pela insistência do pedido do rapaz.

Verbo matar

O verbo «matar», nas diversas formas verbais, ocorre cinco vezes.

Vejamos:

A nossa fome é tão grande que somos capazes de matar [...] eu rodeei o carro, abri a porta dela e disse vamos daqui, miúda, os antimosins vão chegar, só que ela em vez de me obedecer teve uma reação estranha, lançou-se contra o meu peito, começou a arranhar-me, a dar-me bicos nas canelas, mataste o meu amigo, **mataste** o meu amigo, ele ia mi colocar, ia mi dar um filho [...] calma, garina, ele é que pediu para morrer [...] mas porque que lhe mataste [...] nos piores momentos quando tenho mais vontade de **morrer** como naquela noite que **furei**_(matei) a muata do Mercedes [...] a minha mãe já tinha morrido, os meus irmãos andavam só à toa [...] nesse dia matei um homem. (ibidem)

Estamos perante uma trágica situação na sociedade angolana. Os verbos **matar/morrer** que ocorrem no texto em análise denunciam uma situação preocupante. O leitor do conto depara-se com o cenário de uma mortal violência. As formas verbais no modo infinitivo evidenciam uma certa tendência para a prática de ação, ou seja, o ato continuado de matar. Já as formas verbais no pretérito perfeito e no pretérito mais que perfeito denunciam atos consumados.

O substantivo «pistola»

A palavra *pistola* ocorre três vezes no texto:

Aponte a pistola na direcção da miúda e disse tu ficas aqui, vá, sai do carro [...] Quando ela tentava tirar-me a pistola da mão, calma dizia eu, calma garina, ele é que pediu para morrer [...] então agarrei-lhe os pulsos e encostei-lhe no peito, a pistola caiu na areia da praia [...] (ibidem)

A palavra *pistola* pertence ao campo lexical bélico ou, restritamente, ao campo lexical militar. No texto em análise, o possuidor deste instrumento para matar não é militar. É um jovem civil ‘desgraçado’ e ‘pedinte’. Deve ter encontrado algures a pistola. O narrador-autor quer informar que as armas de fogo (de guerra ou de serviço de proteção do cidadão) encontram-se nas mãos dos civis. Em Angola constitui uma realidade preocupante. O ato de matar é algo que se faz com serena naturalidade. Tudo isso é para sobrevivência. E a luta pela sobrevivência, em Angola, é facto constante nos contos do escritor João Melo.

Em suma, este conto retrata a realidade - fome em Angola. É uma situação que separa famílias procurando cada qual uma solução para sobreviver. Está-se diante da prática do maquiavelismo, pois tudo pode acontecer para atingir os fins.

A luta pela sobrevivência é também tema no conto *O feto*. O narrador também cria neste conto uma personagem adolescente. É uma rapariga também refugiada de guerra. Envereda pela prostituição a mando da mãe para contribuir para as despesas da casa de frustrados por causa da guerra. Diz a personagem:

A verdade mesmo, esse feto que está aí no chão esvaindo-se totalmente no meio do lixo era meu mesmo senhor, pra quê que vou mentir então, não preciso, eu não queria esse **canuco**, seria mais um só pra me atrasar a minha vida, além disso quem é mesmo o pai dele, não sei, eu sou puta, fodo com todo o mundo, brancos, pretos, mulatos, filipinos também a minha mãe mesmo é que me mandou na rua mas não vale a pena lhe condenarem só à toa, aqui mesmo no nosso contexto quem é que pode atirar pedradas nas costas dos outros, ela já não aguentava mais, desde de chegámos do mato vida dela é só levar porrada do meu pai, o meu pai não trabalha, de manhã fica só a olhar lá muito longe, o coração dele ninguém sabe onde está, de tarde vai na **praça**, chupar caporoto de noite todos dias porrada na minha mãe, os meus dois irmãos desapareceram na guerra, na escola não me aceitaram, porque não onde está o certificado, porque como é que vamos provar que você estava mesmo na quarta. [...]. (ibidem:141)

Do trecho acima ressaltam aspetos que refletem o caos da sociedade angolana. O espaço geográfico e social que o narrador focaliza é a cidade de Luanda, o rosto de toda a sociedade angolana. O narrador-autor relata o tema da luta pela sobrevivência

envolvendo adultos e adolescentes (rapazes e raparigas). Essas são personagens que representam o mundo do sofrimento

Como dissemos em passos anteriores, o tema da luta pela sobrevivência é relatado em muitos contos do escritor João Melo. O narrador é onisciente no que se referente ao mundo exterior e interior das personagens.

Também o conto *Retrato da personagem em busca do escritor* retrata o assunto da luta pela sobrevivência. Uma personagem não nomeada, como nos contos anteriores, não esconde o seu desespero:

Vocês têm de conhecer a minha história. Sim, com agá. Acham que algum escritor se pode interessar por ela? Ei-la: Nunca tive infância. Pelo menos, o que é a mesma coisa, não me lembro dela. Quando digo isso, quero dizer realmente que não me lembro de nada. Zero. Absolutamente. Não sei quando me soergui pela primeira vez, abandonando a indefesa vegetativa, ou quando comecei a engatinhar [...]. (João Melo, 2006:63)

É, assim, evidente, que com o tema da luta pela sobrevivência, o narrador-autor focaliza e relata o mundo dos fragilizados de Angola. São adultos, jovens e crianças, no período pós-independência. O valor do humanismo é relegado para o segundo plano. Há um escandaloso fosso de desigualdade social. É preciso não perder de vista o seguinte: o fio condutor nos contos do escritor João Melo é (in) formação das novas gerações para estas sonharem uma Angola melhor. Mas há uma outra realidade na sociedade angolana moderna que o escritor bem identifica: ‘doutorite’.

Quanto ao tema ‘doutorite’, em muitos quererem ser tratados por doutor, uma espécie de doença, lê-se nos seguintes contos:

O Rabo do chefe

Neste conto encontramos personagens que se confrontam com uma surpresa: O Chico agora é doutor sem nunca ter frequentado o nível de ensino superior como se lê no seguinte extrato:

O que é que este sacana quer dizer com isso? O Doutor Chico era director da E. L. M. A, U.E.E. há mais de dez anos. A rigor, ninguém sabia em quê é que ele era doutor. «Este gajo, no tempo colonial, não passava de terceiro-oficial, como é que agora é doutor?! A maka é que da referida indústria, e pelo menos a acreditar – o que não é apenas uma questão de higiene mental, mas constitui, sobretudo, um dever nacional – nos mujimbos que circulavam pela cidade, ele só sabia como se mamava. Vou ser mais claro (se é que isso é necessário): o Doutor Chico, em vez de dirigir

convenientemente e a E.L.M.A, U.E.E., como rezam os manuais de gestão da coisa pública (pelo menos desde que o capitalismo, nos principais centros, se civilizou), utilizou o seu cargo de director-geral para resolver os seus inúmeros problemas pessoais, ou seja, para se safar, como costuma afirmar o já várias vezes mencionado povo em geral. É por isso que, a partir de uma dada altura, quando a roubalheira passou a ser às escâncaras, isto é, quando a gestão se transformou, digamos assim, em simples «mamação» os trabalhadores o apelidaram de «Chico Mamão» (o que, obviamente, não tem nada a ver com a fruta homónima. (João Melo, 2004:33,34)

Como diz o narrador, o apelido Mamão nada tem a ver com a fruta. É mesmo «mamação» (de mamar). O termo mamar, em Angola, é polissémico. Vai desde mamar (em sentido denotativo) a mamar (sentido conotativo). Assim, mamação significa enriquecimento. Faz mamação quem vende exorbitando os preços e até com produtos falsos; faz mamação o empregado astuto; faz mamação o chefe diretor perverso e ardiloso. E nesta mamação em fase adulta, é preciso ter olhos bem abertos para localizar ‘as tetas’, fontes de preciosos alimentos. Enriquece-se com extrema facilidade como se sorve o leite da mãe sem pagar. O narrador-autor estampa uma situação de desonestidade no local de serviço. Constatam-se dois polos de situações: o topo e o sopé. Os subordinados ao poderio dos chefes (os trabalhadores) são personagens sacrificadas que estão atentas às mentiras do diretor da empresa com base no conto em estudo.

O narrador-autor usa, quase em todos os relatos, personagens-tipo. São personagens que representam uma coletividade de seres humanos nas mesmas situações em diferentes contextos vivenciais. Ainda acerca de ‘doutorite’ lê-se no seguinte conto:

Um dia na vida de Chico Russo

Neste conto o leitor é informado pelo narrador- autor sobre o retrato real da sociedade angolana na era contemporânea. Veja-se o seguinte trecho:

Os doutores e os ministros, ocupadíssimos como sempre, ainda dormem o sono dos justos por enquanto- as mulheres começam a ocupar os seus postos: bancas dos mercados, as esquinas, as ruas, praças e avenidas da cidade, vendendo os seus produtos, dos tradicionais aos globalizados. (ibidem:61)

Mais uma vez a omnisciência do narrador-autor permite-lhe fazer a radiografia da sociedade luandense (o mesmo é dizer: a radiografia da sociedade angolana). Mais uma vez aqui, é visível a dimensão cômica no conto de João Melo. Os agraciados na vida dormem, numa ‘santa’ tranquilidade, porque estão sempre a trabalhar, cumprindo

as suas obrigações para com a sociedade. Essa sociedade que se reflete, neste conto, em mulheres lutando, por todos os meios, pela vida dos filhos e até, em muitos casos, para sustento dos maridos. Não há nada de invenção ou de imaginário neste relato. Um tom crítico do narrador é notório: não há progresso social. Há aqui um realismo do retrato social apresentado com uma fina ironia e comicidade, estilo peculiar do escritor. O elemento cómico e irónico transparece na expressão: “ocupadíssimos como sempre, ainda dormem o sono dos justos”. O lado real é ilustrado nas mulheres que anseiam pela aurora para ocuparem os seus postos que são: “bancas dos mercados,” “as esquinas,” “as ruas,” “praças e avenidas,” “vendendo os seus produtos, dos tradicionais aos globalizantes”. Este é mais um retrato real da sociedade angolana; a luta pela sobrevivência. As que ocupam os bancos do mercado são as que se sujeitam ao tarifário da fiscalização; e as que deambulam pela cidade, são as chamadas mulheres zungueiras (ou mããs zungueiras). Por serem ambulantes, não estão sujeitas à fiscalização. O narrador-autor leva, quase sempre, o leitor a fazer interrogações diante de algumas situações como esta: sendo mulheres pobres, que lutam pela sobrevivência, onde e como conseguiram os produtos globalizantes para revender? Estamos, mais uma vez, perante um elemento risível. Alguém dos ‘poderosos’ pôs a trabalhar as pobres mulheres. O narrador-autor põe diante do leitor uma situação de contraste de classes sociais. Há uma classe desafogada e uma sufocada. Não há termo médio equivalente à classe média.

Como se constata, só a literatura é capaz de relatar essas situações da realidade angolana. Só mesmo a boa literatura na ótica do narrador-autor nos contos de João Melo. Outra situação de contraste na sociedade angolana reflete-se no conto *O Canivete agora é branco* onde se verificam situações de penúria para uns e opulência para outros. As personagens são: Kiteculo e Canivete. Dois antigos companheiros no trabalho de ajudantes do senhor Antero, “um branco camionista”. O narrador descreve a personagem Canivete como sendo um contestatário diante das injustiças do patrão. Kiteculo é mais recatado. Durante as viagens, de Benguela ao Moxico, era frequente da boca de Canivete virem expressões como estas: “o que é que esses colonos pensam que são? Isto um dia vai acabar! Angola tem de mudar!” (João Melo, 2006:125). Um dia desses, Canivete foi resoluto, tomou uma decisão como relata o narrador:

O Canivete desapareceu um dia qualquer, no meio de uma viagem entre a antiga Silva Porto, hoje Kuito, e a antiga cidade do Luso, hoje Luena, em avisar ninguém, o senhor Antero tinha parado numa bomba de gasolina

pouco depois da fronteira entre o Bié e o Moxico, eram seis horas da tarde.
(ibidem:125,129)

Canivete tinha partido para a luta pela independência de Angola, segundo o narrador:

Foi juntar-se a um grupo de guerrilheiro do MPLA com o qual ele já mantinha contactos há algum tempo, esteve com esse grupo apenas dois dias e depois foi mandado para a Zâmbia, onde chegou mesmo a tempo de ser integrado num grupo de jovens que foi estudar na União soviética, esteve dez anos nesse país, estudou na Universidade Patrice Lumumba, considerada pelas forças reacionárias de todo o mundo...como universidade para pretos, regressou a Angola já nos anos 80 com o título de comandante, embora nunca tenha dado um tiro na guerrilha, foi nomeado administrador da empresa de diamantes, no início dos anos 90 deu uma entrevista em que jurou nunca ter sido marxista-leninista, foi governador provincial durante alguns anos, mas foi exonerado por suspeitas de vender combustível aos rebeldes, agora é um dos mais conhecidos empresários genuinamente angolanos [...]. (ibidem:133)

Também Kiteculo depois veio a participar na luta pela independência. Durante a guerrilha esteve sempre em Angola. Foi testemunha de muitos acontecimentos relevantes que foram determinantes para a história do país. Foi, sobretudo, a desilusão como relata a própria personagem:

Eu limitei-me então a viver na carne as incríveis mudanças sofridas por Angola nas últimas década, perdi-me no turbilhão de acontecimentos de que fui testemunha ocular e não só, andei à deriva pelo país, estive na guerra, nos dois lados, fiz muitos filhos à toa, que não conheço, deixei-lhes mais à toa ainda, fugi, estive no garimpo, fui parar num campo de refugiados na Namíbia, agora estou aqui em Luanda, não tenho casa, não tenho família, não tenho absolutamente ninguém, vivo na rua, deambulo pela cidade, o meu último poiso é este restaurante, venho aqui todas as noites, perto das 11 horas, à espera das sobras do jantar, assim como da gorjeta da barriga cheia, como esse por exemplo está chegar num bruto jipe [...]. (ibidem:132)

Estamos perante duas personagens com 'sortes' diferentes depois de todas as fases da guerra em Angola. Kiteculo, que esteve na guerra, e com triste situação no fim de todos os conflitos; e Canivete que integrou nas fileiras das FAPLA. Sem nunca ter disparado um tiro, teve um futuro próspero, fora enviado para alguns países para cursar ciência militar. A personagem Canivete representa os que têm sucesso depois do período longo de guerra. Ricos mesmo sem esforço. A personagem Kiteculo representa os votados aos infortúnios, apesar de terem andado na guerra. Por uma simples razão: fugiram das fileiras da guerrilha, para evitar a morte precoce. Deambulam, hoje, pelas ruas das cidades, com marcas de guerra na pele e na alma, entregues à caridade de pouquíssimos. Frustração! O narrador apresenta os factos numa mais fiel cronologia. A

personagem Kiteculo enfrenta a humilhação depois de assinado o memorando de paz, em 2002. É desilusão. É fracasso do sonho. O coletivo desagregou-se.

Questões tribais-raciais

O tribalismo nos contos de João Melo não é tema relevante. Nos seus contos é notória a tónica do convívio entre os angolanos (negros, brancos e mestiços ou mulatos). No conto *Abel e Caim*, o narrador-autor apresenta a naturalidade de Adalberto Chicolomuenho e Miguel Ximutu, os amigos que depois de um longo tempo, se odiaram mortalmente. É uma apresentação das personagens com base na naturalidade associada ao espaço cultural. Desse modo, Miguel Ximutu é descrito como sendo filho de um pai Kimbundo (quase ao norte de Angola) e mãe Umbundo (planalto central de Angola); Adalberto Chicolomuenho é natural do Namibe (litoral sul de Angola), filho de pais originários do Huambo (antiga Nova Lisboa). É, por isso, umbundo. O litígio que surgiu entre os dois amigos não foi por motivos tribais, mas por opções partidárias diferentes como já foi referido.

A questão do tribalismo aparece, de forma desvelada, nas interrogações do narrador-autor no conto *Maria* como se pode ver:

Mas, então, porquê que, tendo a guerra terminado completamente entre nós, a corrupção não há sinais de amainar, antes pelo contrário? Outro fenómeno inexplicável, para mim, é o facto de, após o fim da guerra, muita gente ter começado alimentar angústias literalmente esdrúxulas, para não dizer mórbidas, tais como contabilizar quantos ministros, escritores, desportistas ou milionários pretos, brancos e mestiços existem; ou saber quantos bacondos estão a dirigir departamentos da saúde ou das finanças, assim como quantos ovimbundos são juízes, padres ou bispos. Ao invés disso, melhor seria se os referidos patrulheiros da pureza étnico-racial do país se preocupassem masé com a incapacidade do governo, a corrupção, a fome e a miséria [...] (ibidem:81.82)

Salta à vista uma certa lamentação da personagem diante do infundo fenómeno de corrupção antes justificado pela vigência da guerra civil. É como diz o narrador-autor no conto *Dialética e Poder*: “a guerra e a corrupção são como dois irmãos gémeos (...)”³¹. Para a personagem do conto *Maria* essa tese está fragilizada, pois a guerra terminou. As perguntas da personagem estão carregadas de ironia. Afinal o problema é do ADN (João Melo: 2013:71).

O tema do tribalismo fragilizou os próprios guerrilheiros nos primórdios da luta armada, nas fileiras das FAPLA. E pode ser considerado também como uma das causas

do fracasso do sonho (o sonho político). Quanto a esse aspeto, há dados que ressaltam de obras literárias de outros escritores angolanos. Neste âmbito, o fracasso do sonho começou no início da implementação do mesmo sonho. Na obra *Mayombe* do escritor Pepetela, no seio dos guerrilheiros que lutavam nas matas do Mayombe (Cabinda) já havia manifestações de desavenças com base no tribalismo. É o que se depreende do seguinte trecho no concernente às relações entre guerrilheiros na floresta do Mayombe:

EU, O NARRADOR, SOU MILAGRE, O HOMEM DA BAZUKA. Viram como o comandante se preocupou tanto com os cem escudos desse traidor de Cabinda? Não perguntam porquê, não se admiram? Pois eu vou explicar-vos. O Comandante é kikongo; embora tenha ido apequeno para Luanda, o certo é que a sua família veio do Uíje (antiga cidade Carmona, Norte de Angola, Província fronteira com o Congo Democrático). Ora, o fiote (o de Cabinda) e o kikongo são parentes, é no fundo o mesmo povo. Por isso ele estava tão furioso por se ter roubado um dos seus primos. Por isso ele protege Lutamos (um guerrilheiro), outro traidor. E virão a raiva com que ele agarrou o Ingratidão (nome de um guerrilheiro)? Porquê? Ingratidão é Kimbundu (povo do norte de Angola, próximo de Luanda). Está tudo explicado os intelectuais têm a mania de que somos nós, os camponeses, os tribalistas. Mas eles também o são. O problema é que há tribalismo e tribalismo. Há tribalismo justo, porque se defende a tribo que merece. E há o tribalismo injusto, se quer impor a tribo que não merece ter direitos. Foi o que Lenine quis dizer, quando falava de guerras justas e injustas. É preciso sempre distinguir entre o tribalismo justo e o tribalismo injusto, e não falar à toa. É verdade que todos os homens são iguais, todos devem ter os mesmos direitos. Mas nem todos os homens estão ao mesmo nível; há uns que estão mais avançados que outros, são eles que sabem. É como as tribos: as mais avançadas devem dirigir as outras e fazer estas avancem, até se poderem governar. Mas, o que se vê agora aqui? São os mais atrasados que querem mandar, eles vão apanhando os lugares-chave, enquanto há dos nossos que os ajudam. É como o parvo do Comissário (um guerrilheiro) que não percebe nada do que se passa. [...]. Eu sofri o colonialismo na carne. O meu pai foi morto pelos tucas. Como posso suportar ver pessoas que não sofreram agora mandarem em nós, até parece que sabem do que precisamos? É contra esta injustiça que temos de lutar: que sejam os verdadeiros filhos do povo, os genuínos, a tomar as coisas em mãos». (Pepetela, 2013:47,48)

Note-se que o escritor Pepetela foi um dos guerrilheiros do MPLA. Provavelmente nas matas do Mayombe, em Cabinda. Natural de Benguela, centro litoral de Angola, deve ter vivido o que retrata na sua Obra.³²

³¹ João Melo, *Os Marginais e outros contos*, Editorial Caminho, SA, 2013, Lisboa, p.83.

³² Pepetela (Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos) nasceu em Benguela, Angola, em 1941. Licenciou-se em Sociologia, em Argel, durante o exílio. Foi guerrilheiro do MPLA, político e governante. A atribuição do Prémio Camões (1997) confirmou o seu lugar de destaque na literatura lusófona. Cf. interior da capa, op.cit.

3.5 O fracasso do sonho face à obra literária «Sagrada Esperança» de Agostinho Neto

Agostinho Neto é conhecido por «O poeta angolano». Escreveu poemas, alguns deles na cadeia em Portugal. Na antologia «poesia angolana de revolta» (1975) os seus poemas são a maioria. Tem a obra poética *Sagrada Esperança*. Marga Holness, autora do texto introdutório da obra, diz o seguinte:

Os poemas deste volume narram a história épica do alargamento da consciência de um povo lançado num moderno movimento de libertação. Aqui, a necessidade premente não é a de preservar os elementos do passado que p presente destrói, mas a de libertar o futuro das cadeias do presente, superando tudo obsta ao caminho da história, seja medo, ignorância, passividade, evasão ou todo o arsenal da tirania armada. [...]. **O seu sonho é o anseio do povo por uma vida que viveu, por um sol que viu.** A urgência está em desenvolver o esforço supremo com vista a despoletar o heroísmo frustrado do povo.³³

O entendimento que Marga Holness tem dos poemas que fazem a obra «Sagrada Esperança» é fruto de uma boa interpretação textual. Mas, à luz dos narradores e personagens nos contos do escritor João Melo, quatro décadas depois da proclamação da independência, o povo ainda não teve essa *vida que nunca viveu nem experimentou a luz do sol que nunca viu*. Vive-se, desta forma, a frustração.

3.5.1 Consciência de Agostinho Neto como «Esperança do povo»

No seu poema de «Adeus à hora da Largada», de oito estrofes, o sujeito poético diz na terceira estrofe:

[...]
Eu já não espero
Sou aquele por quem se espera.

*Nós vamos em busca de luz
Os teus filhos Mãe
(todas as mães negras cujos filhos partiram)
Vão em busca de vida.*

(Neto.1973:39)

Para muitas personagens nos contos de João Melo a esperança na vida sonhada e prometida continua.

³³ Cf. Marga Holness, texto introdutório à *Sagrada Esperança*, de Agostinho, Edições ASA – Divisão Gráfica, 1988, Rio Tinto, Portugal, pp.31-32. Informação adicional: Esse texto introdutório já não consta das edições. Foi retirado.

É sabido que a poesia brota da inspiração. Ser poeta ou poetisa significa ter o dom de entender a linguagem da natureza que outros não podem captar. Agostinho Neto proclamou a independência de Angola a 11 de novembro de 1975. Mas a guerra continuou como narra a História e também alguns contos de João Melo. A consciência que Agostinho Neto teve de ser «Esperança do povo» deve estar na base da sua vontade de, antes de morrer, negociar com a UNITA. Nessa altura a UNITA encontrava-se nas matas numa segunda fase da guerra; a guerra civil. Essa vontade de negociar com a UNITA é referenciada no conto *Os Marginais* do escritor João Melo, assunto que vem tratado no capítulo quarto. O poeta (Agostinho Neto) via, nessa situação, que a «luz» e a «vida», prometidas a «todas mães negras cujos filhos partiram», não tinham caminhos para se transformarem em realidade. É o fracasso do sonho.

3.5.2 Agostinho Neto e o poema «Havemos de voltar»

O sonho fracassado teve um primeiro momento de realização. Foi a proclamação da independência. O poema «Havemos de voltar», do mesmo poeta, reflete esperança. O poeta escreve esse poema na cadeia de Aljube, Portugal, em outubro de 1960. Essa esperança evidencia-se nas oito estrofes que compõem o poema. É, sobretudo, nas duas últimas estrofes que se vê a parte nobre dessa esperança como se pode ler:

[...]
A bela pátria angolana
Nossa terra, nossa mãe
Havemos de voltar

Havemos de voltar
À Angola libertada
Angola independente.

(Neto, 1973:134)

Trata-se de um poema que representa a voz de uma coletividade de exilados, presos políticos e todo o povo que anseia pela liberdade. Nesse sentido, a libertação dos presos políticos e a proclamação da independência constituíram o primeiro passo da realização do sonho político.

Depois disso, a «Sagrada Esperança» foi substituída pela desilusão geral. No contexto posterior, de acordo com o narrador-autor e personagens nos contos do escritor

João Melo, o sonho coletivo fracassou; contudo, os sonhos individuais foram realizados, assunto recorrente nos contos do escritor.

4 Datas e factos nos contos de João Melo

4.1 Acontecimentos de relevo omitidos nos manuais de história de Angola

Nos contos de João Melo encontram-se datas e factos da história de Angola. Este é um dado que exige dos estudiosos uma nova denominação ou classificação dos seus contos. Os contos de João Melo remetem o leitor para a pesquisa no concernente à história de Angola. Há assuntos angolanos que a história de Angola omitiu, mas que os contos de João Melo relatam, remetendo, assim, o leitor a outras leituras e à observação da vida social do dia-a-dia.

O presente capítulo debruça-se sobre datas e factos nos contos de João Melo. Os acontecimentos com datas e localização geográfica real (no mapa angolano) são uma realidade. Esta é uma realidade que nos obriga a encontrar uma outra designação para os contos de João Melo. O leitor pode colocar a questão: está-se perante contos ou estamos a ler a história de Angola? E ainda: ou estaremos diante de contos que são o “diário” (crónicas) da sociedade angolana na era da modernidade? E ainda: ou os contos do escritor angolano João Melo aglutinam a realidade global da sociedade angolana nas seguintes vertentes: social, histórica e política? O leitor atento encontra respostas nos contos do escritor.

João Melo cria personagens, mas não a história. A história é real. No que respeita aos nomes de personagens, tem uma estratégia. Mesmo estas, às vezes, com nomes (de renome) conhecidos na sociedade angolana, pertencentes a um partido político, apresenta-os como sendo do outro partido. É o caso da personagem Adalberto Chicolomuenho, no conto *Abel e Caim*. Neste caso junta dois nomes de pessoas diferentes. São nomes de personalidades bem conhecidas na sociedade angolana. Uma outra personagem é Ngolo Valentim no conto *O exilado*. Também o narrador junta dois nomes de personalidades bem conhecidas na sociedade angolana. Quem conhece a realidade *in loco*, facilmente se apercebe desta estratégia. A isso se associa o dado «datas e factos». Muitos dos contos de João Melo são uma real história de Angola. História escrita com neutralidade, ou seja: os acontecimentos presentes nos contos remetem o leitor ao manuseamento de obras da história de Angola para buscar mais pormenores. Mas só em obras de historiadores neutros, ou seja, imparciais.

É uma evidência que em muitos contos de João Melo encontramos datas e factos sobre acontecimentos relevantes em Angola. A par disso, também há indicação de

localidades. Tudo isso porque os acontecimentos são datáveis num espaço geográfico. Lemos muitos contos de outros contistas angolanos. Mas contos com datas e factos da história de Angola, só nos contos de João Melo. Atestam-no os seguintes registos históricos.

4.1.1 Situação política e militar na noite da Proclamação da Independência de Angola a 11 de novembro de 1975

Quanto a essa data, os manuais de história de Angola (11^a e 12^a classes) registam o evento. Mas não a atmosfera conturbada em que se proclamou a independência. O cenário da proclamação da independência só é descrito nos contos de João Melo, mormente no conto *Trinta e cinco anos*, com mais detalhes no terceiro capítulo, sobre o fracasso do sonho.

4.1.2 Divisão do país em dois com duas capitais (Luanda e Jamba)

Este assunto é narrado, com pormenor, no segundo capítulo da nossa dissertação. A existência da Jamba, capital das zonas da UNITA, não aparece nos manuais de história de Angola para informação das novas gerações. Só o leitor dos contos de João Melo pode ter essa informação.

4.1.3 Acontecimentos de 27 de Maio de 1977

O narrador relata o que a personagem Rui Jordão sentiu nessa data, no conto *Um angolano especial*:

Rui Jordão vangloria-se também da sua lucidez. O que aconteceu em Maio de 1977, por exemplo, chocou-o dolorosamente, inclusive por ter perdido amigos tanto entre golpistas como entre as forças legais ao governo e ao presidente. Talvez por isso, chegava a perder a calma quando certas análises pretendiam fazer crer que os nitistas não tentaram realizar um golpe de Estado. (João Melo, 2009:46,47)

O 27 de maio de 1977 é ainda referenciado pelo narrador do conto *Os Marginais*:

Os confusos acontecimentos, históricos e pessoais, em que Carlos Dias estava cada vez mais enredado, embora sem consciência, só não tiveram um desenlace infeliz devido à atitude que Pedro Buta teve no episódio do 27 de Maio de 1977, quando Nito Alves ensaiou um golpe de Estado para tentar derrubar o primeiro presidente do país, António Agostinho Neto. (João Melo, 2013:148)

Os manuais de história de Angola por nós consultados não relatam os acontecimentos de 27 de maio de 1977. Nem sequer constam da designada “TABELA CRONOLÓGICA”.³⁴

Os acontecimentos de 27 de maio de 1977 são narrados e descritos na obra *Purga em Angola* de Dalila Cabrita Mateus e Álvaro Mateus (2014). O título da obra reflete a ideia de ‘limpeza política’ em Angola, depois do 27 de maio. Nessa tragédia, entre os desaparecidos estão os antigos dirigentes do MPLA: Nito Alves, Sita Valles e Zé Van Dunem. Uma testemunha das torturas que se seguiram ao 27 de maio diz o seguinte:

Já antes do 27 de Maio havia pessoas presas e torturadas. Maria da Luz Veloso recorda-se de ter ido ter com Agostinho Neto, dizendo-lhe que devia fazer como Samora Machel, que, ao ouvir dizer que havia pessoas presas e maltratadas, se metera num jipe e fora à cadeia ver o que se passava. Só que Neto nada fez. Depois do 27 de Maio, as torturas tornaram-se uma prática corrente. (Dalila Mateus & Álvaro Mateus, 2014: 129)

Orlando Castro à guisa de recensão à obra *Purga em Angola* relata:

Os acontecimentos de 27 de Maio de 1977 em Angola, que provocaram milhares de mortos, foi um “contra-golpe” resultado de uma provocação, longa e pacientemente planeada, tendo como responsável máximo Agostinho Neto, que temia perder o poder. Esta é uma das principais conclusões do livro “Purga em Angola (O 27 de Maio de 1977)”. Nesse ano, Nito Alves, então ministro da Administração Interna sob a presidência de Agostinho Neto, liderou uma manifestação para protestar contra o rumo que o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) estava a tomar. Segundo o livro havia que evitar que os ‘nitistas’ chegassem ao Congresso, anunciado para finais de 1977 porque existia o sério risco de conquistarem os principais lugares de direcção.³⁵

Percebe-se, assim, a expressão «nitistas» (de Nito Alves) no conto *Os Marginais* no que se refere aos acontecimentos de 27 de maio de 1977. O narrador-autor fala da sorte da personagem Carlos Dias na trágica atmosfera de vida ou morte:

Carlos Dias lembrou-se de como tinha sido útil ao longo de todo aquele tempo. Várias vezes se tinha perguntado por que razão também não foi preso após o 27 de maio, pois as suas simpatias pelas ideias de Nito Alves eram notórias. A verdade é que não apenas não

³⁴ O 27 de maio de 1975 marcou negativamente a história de Angola. Os suspeitos de ter ensaiado o golpe de Estado sucumbiram inclusivamente familiares e amigos. Esse acontecimento tem sido objeto de investigação por alguns poucos angolanos que, de forma incessante, buscam a verdade dos factos. Alguns investigadores estrangeiros continuam a buscar a verdade. Contudo, João Pedro Fernandes e Pedro Almeida Capumba, autores do manual de história de Angola, 12ª classe, omitiram essa data na referida cronologia. (cf. Cronologia em anexo. Fernandes & Capumba, 2006: 83).

³⁵ Cf. Anexo nesta Dissertação, Bloco 6.

foi molestado, em momento algum, como chegou a director nacional do ministério onde trabalhava. Pensando bem, outros nitistas, irrefutáveis ou supostos, alguns dos quais a ser presos, foram nomeados ministros e, inclusive, vários deles acabaram por ser eleitos para a direcção do partido, o que, para alguns, comprova que a reconciliação com os responsáveis pela intentona de 27 de maio de 1977 já fora feita. Ele nunca concordara com essa tese, pois as organizações devem discutir abertamente os seus problemas e não varrê-los para debaixo do tapete. (João Melo, 2013:152)

O assunto é do interesse de muitos intelectuais e investigadores imparciais nacionais e estrangeiros. Tony Hodges acerca do 27 de maio de 1977 diz o seguinte: o seguinte:

Lutas ferozes entre facções (no seio do MPLA) culminaram numa tentativa falhada de golpe de estado levada a cabo por um antigo comandante da guerrilha, Nito Alves, a 27 de Maio de 1977, o que acabou por permitir que o presidente Neto eliminasse os seus rivais e conseguisse uma supremacia incontestada dentro do MPLA. (Hodges, 2002:76,77, 120)

David Birmingham na sua investigação da história moderna de Angola, entre vários assuntos, faz referência ao acontecimento do 27 de maio de 1977 no contexto do regresso de angolanos a virem do exílio no Congo:

Abrir um espaço político e económico para estes retornados punha, por vezes, grande pressão sobre o frágil Governo pós-colonial, que só lentamente ia recuperando das purgas violentas que se seguiram à tentativa de coup d'état de 1977. (Birmingham, 2017:146)

Carlos Pacheco, historiador angolano, no seu livro *Repensar Angola*, pôs o seguinte título ao oitavo capítulo: “Escritores angolanos, Portugal e o golpe de 27 de maio” (Pacheco, 2000:70). O historiador diz ter sido considerado presumível implicado no golpe de Nito Alves. Por esse facto, teve de enfrentar a designada «Comissão de lágrimas». Dessa comissão de lágrimas faziam parte os seguintes escritores angolanos: Rui Monteiro, Pepetela e Costa Andrade com o pseudónimo de Ndunduma no mundo da literatura angolana (Pacheco, 2000:75). Ainda acerca da referida comissão de lágrimas, constituída para interrogatórios dos presumíveis implicados no golpe, o historiador referido diz o seguinte:

Falo por mim próprio. Também eu fui vítima do braço monstruoso da repressão e confrontado com essa comissão que me interrogou durante cerca de duas horas e meia. Tudo valeu a esses senhores para me humilharem. Um verdadeiro pesadelo. Eles sabiam perfeitamente que eu não estava mancomunado com tramas golpistas. O objectivo liminarmente era só um: aterrorizarem-me para conseguirem arrancar informações sobre o trabalho secreto que, com uma equipa de angolanos e portugueses, desenvolvi junto do

presidente Agostinho Neto em Agosto/Março de 1975-76.
(ibidem:75,76)

O assunto de prisões, torturas e assassinatos vem relatado também na obra *Holocausto em Angola*, de Américo Cardoso Botelho, da qual se extraiu o seguinte:

ANGOLA 1975. Enquanto em Luanda, sob o troar dos canhões na batalha de Kifangondo, Agostinho Neto proclamava a independência de Angola, em simultâneo, em Carmona e em Nova Lisboa, Holden Roberto e Jonas Savimbi, proclamavam a República Democrática de Angola. O que resultou dessa dupla declaração foi uma das mais sangrentas guerras fratricidas que dizimou mais de 100.000 pessoas. A maior parte deles, presos, torturados e assassinados sumariamente sem culpa formada e sem julgamento legal. Sobretudo após 27 de Maio, quando, face ao golpe Nitista, os ânimos e ódios se extremaram e Agostinho Neto, não olhou a meios, mesmo os mais sanguinários, para o conquistar. As prisões e campos de concentração encheram-se de cidadãos, acusados dos mais diversos crimes.

Com o auxílio dos soviéticos e cubanos, o MPLA de Agostinho Neto e as forças da ordem, DISA e militares, não pouparam nenhum dos opositores ou dissidentes do regime e os fuzilamentos em massa entraram na ordem do dia. É neste cenário terrível que o autor, Américo Cardoso Botelho, detido na prisão onde são cometidos os maiores atentados à vida e aos direitos humanos. Durante 5 anos, conheceu os horrores desse inferno e com uma coragem excepcional, resistiu às provações impostas e conseguiu registar tudo o que viu e lhe contaram outros prisioneiros, alguns deles ainda vivos e citados no livro. Os casos de barbárie e crueldade humana que assistiu e lhe transmitiram são narrados, para uma assunção de justiça e julgamento dos autores (alguns a ocuparem lugares de relevo no governo de José Eduardo dos Santos), pela memória de todos quantos foram vítimas e em respeito às famílias que ainda hoje ignoram onde param os corpos dos seus parentes.³⁶

Vê-se, obviamente, o pendor remissivo dos contos de João Melo. Os contos remetem o leitor para vários assuntos da sociedade angolana, sobretudo para o contexto vivencial no período pós-independência. Buscamos, em historiadores de mais reconhecida craveira em assuntos angolanos, registos de acontecimentos históricos de Angola referenciados em alguns contos. Na perspetiva de Peter Mendelsund, o leitor ao ler uma obra é remetido ao outro lado da realidade, como refere:

Deve notar-se que há momentos, quando lemos, em tudo o que vemos são palavras. Aquilo para que olhamos quando estamos a ler são palavras, feitas de letras, mas estamos treinados para ver através delas: para ver aquilo em cuja direção as palavras e as letras apontam. As palavras são como setas: elas são algo e também apontam na direção de algo. (Mendelsund.2015:322)

³⁶ Cf. Anexo, Bloco 6.

De facto, as palavras têm os seus referentes. Os referentes são as realidades expressas através das palavras. Nesse aspeto, as palavras são como o dedo indicador. Obrigam o leitor a confrontar-se com o mundo real. É a partir desta perspetiva que qualificamos os contos de João Melo de remissivos. O leitor é remetido à história de Angola e às vivências do povo de todo desesperado. É a frustração do povo. O povo, inicialmente, não sabia que havia no país movimentos nacionalistas a lutar pela independência da nação. Só os povos do norte de Angola, em cujas matas se desenrolou a guerrilha, se confrontaram com as consequências da guerrilha. Por isso, muitos desses povos se refugiaram nos países vizinhos. Os demais povos tomaram conhecimento através da escuta clandestina ou discreta da rádio dos revolucionários. Mais tarde, o povo viu e acolheu os guerrilheiros nacionalistas (FNLA, MPLA e UNITA) em 1974. Contudo, a maior parte do povo não festejou a independência proclamada em contexto de guerra fratricida. Decorridos vários anos de independência, a personagem Kitekulo, no conto *O Canivete agora é branco*, diz que não há diferença entre o regime português e os governantes atuais:

[...] nesta nossa terra de Angola estão a acontecer coisas tão estranhas, tão improváveis, a gente fica só de boca caté na nuca, pessoas foram mesmo na luta se esqueceram das razões que lhes levaram até lá, **estão** a fazer igual os colonos fizeram naqueles tempos do antigamente, ou cadavez pior, agora o Canivete, por exemplo, virou branco, ele que era preto como eu. (João Melo, 2006:134)

O extrato reflete uma linguagem popular. Aqui, a língua portuguesa obedece à sintaxe e semântica de uma das línguas nacionais de Angola. Significa isto que essa lamentação é de uma maioria dos angolanos. Frustração geral!

De notar que o assunto de frustração geral da sociedade angolana também é relatado pelo historiador angolano Carlos Pacheco. O historiador traz à luz pensamentos e desabafos da maioria dos angolanos que considera o comportamento das «lideranças de Luanda» como piores que os dos portugueses antes da independência. Mais uma vez a coincidência temática da obra literária de João Melo com a do historiador, ambos angolanos, a narrar assuntos angolanos. Diz o historiador:

Angola afunda-se, lenta e imparavelmente, em factores adicionais de perturbação e conflito, com os povos suspeitando das lideranças de Luanda e hostilizando-as cada vez mais, a ponto de as qualificarem já de colonizador mil vezes pior do que Portugal. (Pacheco, ibidem: 141)

Há duas constatações preocupantes. A primeira, a da personagem na obra literária; a segunda, a do historiador angolano Carlos Pacheco. É uma gritante situação no seio da sociedade. E essa frustração do povo pode ser considerada como sendo a morte literária de Agostinho Neto em muitos dos seus poemas na obra *Sagrada Esperança*. Depois de tudo, a esperança anunciada foi substituída pela desilusão

4.1.4 Agostinho Neto e o seu plano de fazer a paz com Savimbi

Antes da sua morte, em 1979, Agostinho Neto, primeiro Presidente de Angola, que proclamou a independência, quis negociar a paz com Savimbi. Esse plano de Agostinho Neto é revelado pela personagem Pedro Buta «Esperança do Povo», como relata o narrador no conto *Os Marginais*:

Pedro Buta interrogou-se qual teria sido a reação desses históricos, ao saberem, anos mais tarde, que Agostinho Neto, antes de morrer, estava a tentar chegar a um acordo com Savimbi, o líder da UNITA, para o estabelecimento da paz em Angola. A verdade, entretanto, é que, mesmo que o quisesse, o presidente José Eduardo não poderia dar esse passo, pois, a partir dos anos 80, a guerra adquiriu uma dimensão assombrosa em todo o país. (João Melo, 2013:158)

O narrador revela um dado importantíssimo. Este assunto tem sido conversa de bastidores. Pela primeira vez, aparece em texto e no texto literário do escritor João Melo. Os que escrevem a história de Angola desconhecem ou ignoraram esse plano que é do domínio das pessoas atentas da sociedade angolana.

Nós podemos considerar essa decisão de Agostinho Neto como sendo resultado de profunda reflexão acerca do sonho político que estava votado ao fracasso. Sabe-se que Agostinho tem textos literários (poemas) compilados com o título «Sagrada Esperança». Na linha interpretativa da nossa dissertação, pode ter lugar a seguinte hipótese.

O assunto de o Presidente José Eduardo dos Santos, substituto de Agostinho Neto, em 1979, não negociar com os «fantoques», ou seja, UNITA, seguindo os conselhos dos «Históricos» vem no conto *Os marginais*:

Em 1979 Agostinho Neto morreu e foi substituído por José Eduardo dos Santos, então com 37 anos. Os históricos que, dois anos antes, tinham estado ao lado de Neto, contra a intencão conduzida por Nito Alves, fazia discursos em que exigiam do novo presidente que não se desviasse um milímetro sequer do caminho que, segundo pensavam eles, grotescamente, tinha sido definido pelo primeiro para toda a eternidade, como se a história fosse imutável. Uma das suas exigências era que José Eduardo jamais negociasse com os fantoches. (ibidem:157,158)

Agostinho Neto foi substituído por José Eduardo dos Santos. Mas a decisão do novo Presidente de não negociar com os «fantoques» resultou, segundo o narrador, do desconhecimento de algum dado por parte dos designados «Históricos». Afinal Agostinho Neto, antes de morrer, quis fazer acordo com Savimbi. Agostinho Neto tinha um plano de negociar a paz com Savimbi segundo o narrador.

Esses são alguns dos acontecimentos referentes a Angola que os manuais de História não narram, mas que alguns contos de João Melo registam. Nesse sentido, o narrador-autor nos contos de João Melo constrói alguns textos com assuntos remissivos, ou seja: remetem o leitor a obras sobre história de Angola escrita por investigadores neutros (angolanos e estrangeiros).

João Melo insere em alguns dos seus contos acontecimentos históricos ocorridos e que ocorrem na sociedade angolana, numa linguagem direta. Aí está, segundo um narrador dos seus contos, o poder da literatura face a muitos narradores angolanos da história do país.

4.1.5 O poder da literatura no contexto angolano

As temáticas literárias dos escritores angolanos, muito antes de 1975, são temáticas revolucionárias. Existe, quanto a esse aspeto, uma antologia intitulada «poesia angolana de revolta». Há ainda a obra de Mário de Andrade intitulada «Antologia Temática de Poesia Africana 1».

Os manuais de literatura do ano 1976 compõem-se de seis unidades didáticas, a saber: «*Sociedade Tradicional Angolana*», «*Evocação*», «*Desolação*», «*Opressão colonial*», «*Libertação*» e «*Resistência*». As aulas de Língua portuguesa eram mais dedicadas às três últimas unidades didáticas. É óbvio que o objetivo é informar e politizar os alunos sobre o contexto anterior à independência. Estamos em 1976. Um ano após a proclamação da independência. Os manuais de história de Angola estavam ainda a ser elaborados. Havia uma disciplina (cadeira curricular) denominada «Ciências Sociais». Nesta disciplina curricular, a abordagem era, sobretudo, acerca dos antigos reinos de Angola. Mas o cenário da luta pela libertação nacional era veiculado através do texto literário.

No período pós-independência, o narrador nos contos de João Melo releva o papel da literatura angolana numa vertente mais neutral. No conto *O segredo* o narrador põe ênfase no papel da literatura ante o jornalismo: “o jornalismo não é a forma de

comunicação mais completa, precisa e exata (da objectividade, então, nem se fala). Mais uma vez, portanto, é a literatura chamada a salvar a humanidade ou, no mínimo, os leitores” (João Melo, 2006:27).

A literatura em Angola, na ótica do narrador-autor de João Melo, suplanta, em alguns factos angolanos, os manuais de História de Angola. Não significa que todos os escritores angolanos estejam a produzir literatura de qualidade. Para João Melo a literatura não deve ser feita «a partir do laboratório», mas a partir da vida real do dia-a-dia da sociedade como se fez referência anteriormente. Significa isso que os que escrevem a história de Angola omitem ou desconhecem alguns acontecimentos relevantes. Isso torna pobre o conteúdo dos manuais de história da Angola. O narrador do conto *O pato revolucionário e o pato não revolucionário* diz o seguinte dirigindo-se à personagem Chug Park Lee relativamente à história de Angola:

Se o camarada Chung Park Lee soubesse um pouco de história angolana. Não aquela ensinada nos manuais e nos compêndios, mas a história quotidiana, a qual, na verdade, ainda está por escrever, pois trata-se de uma empreitada que implica ultrapassar uma série de ideias feitas e preconceitos gerais [...]. (ibidem:35)

Os manuais de história angolana são tidos, pelo narrador, como sendo limitados. É preciso recorrer à observação quotidiana. Estar atento ao evoluir das coisas em Angola. Diante dessa situação, as obras de João Melo, na Angola moderna, são as mais indicadas para colmatar as lacunas dos manuais de história.

Outro aspeto do poder da literatura diante da história consiste no seguinte: a história fixa, relata factos, mas não os comenta. Não aponta caminhos novos ou novos rumos. Os caminhos novos dependem da capacidade de reflexão do leitor. Na literatura cabe um mundo de personagens. Por isso, têm lugar comentários das personagens sobre situações narradas ou descritas. Na literatura angolana, o escritor, diante da desorientação (ou des-orientação) da sociedade, pode criar uma personagem que pode despertar a sociedade, através de histórias bem construídas, para abrir novos caminhos, novos sonhos para uma vida melhor. Mas, em Angola, é necessário que as obras dos escritores não sejam lidas à lupa e à luz da ideologia política. O escritor de craveira não deve condicionar o seu talento à política, pois perde qualidade e mensagem. O narrador nos contos de João Melo é objetivo, neutral. Mas, ainda assim, tem pouca confiança na capacidade do leitor em interpretar os seus textos. É o que nesta nossa dissertação designamos de ‘prudência do narrador nos contos de João Melo’ Ou seja: o narrador-autor ou narrador-personagem nos contos de João Melo pauta por essa prudência em

função de uma literatura “politicamente correta” (João Melo, 2004:34). Decorrido algum tempo, para o escritor João Melo, atualmente narrador-autor justifica-se. Afinal em Angola a literatura deve ser «politicamente correta». Decorrido algum tempo, para o escritor João Melo, atualmente, “a literatura angolana está no bom estágio”.³⁷

4.1.6 A prudência do narrador de João Melo

A designação *Prudência do narrador de João Melo* tem justificação. Ao longo da leitura e análise dos contos, foi notório esse pormenor. Tudo isso, porque ser escritor imparcial em Angola é ser herói. E a dificuldade está do lado do leitor que, normalmente, usa a lupa para encontrar a identidade política do escritor. Por isso, em alguns momentos da narração o narrador chama a atenção do leitor para uma interpretação objetiva do texto.

No conto *O general ciumento* o narrador diz o seguinte na apresentação das personagens:

Antes de mais nada, portanto, apresento as três personagens desta estória: O General Y, a misse e o namorado da misse. Como se vê, nada de novo na frente oriental: trata-se de mais um triângulo amoroso, o que, desde logo, permite alimentar as suspeitas relativas ao desfecho desta narrativa. Resta acrescentar, nestes prolegómenos, que não revelo o verdadeiro nome do General Y por razões que os leitores decerto compreenderão, mas que não esclareço, para não poluir a literatura de politiquices. Direi apenas que, como escritor africano, tenho de tomar as minhas cautelas, quer em relação aos generais quer aos exegetas literários forâneos de quem depende a validação da nossa literatura. As outras duas personagens vou chamá-las pelos nomes com que eram mais conhecidas: Maria das Graças e Ruca. Acreditem. (João Melo, 2009: 110)

É notória nesse extrato uma certa prudência do narrador. Torna-se assim evidente com essa prudência do narrador de João Melo que em Angola narrar e escrever textos literários com objetividade pode ser uma empresa periclitante.

Também no conto *Porra*, mais um elemento de comicidade (o cómico de linguagem), transparece a atitude prudente do narrador:

Um país onde um Touareg é carro para amante não é país! Quem disse isso, claro, não fui eu. Aliás ninguém disse, pois se há virtude que os angolanos possuem é ser comedidos e terem jogo de cintura. Isso tem-lhe, claro s permitido sobreviver a todos os azares

³⁷ Cf. Anexos, Bloco 7 (entrevista feita por ANGOP ao escritor João Melo).

que, desde há séculos, lhes têm teimosamente perseguido.
(ibidem:21)

Uma vez mais a referência ao «ADN histórico» da miséria nos povos de Angola. Mais adiante, no mesmo conto, o narrador diz explicitamente sobre a dificuldade de ser narrador, neste caso, no contexto angolano como refere:

[...] Devo dizê-lo – com a maior boa vontade, pois acreditem, ser narrador não é fácil. Somos malvistas por toda a gente. Uns pensam que temos alguma coisa a ver com o autor, quando este, regra geral, não passa de um pobre coitado, como é o meu caso. Eu bem tento explicar que, quando escrevo, sou possuído por algum espírito que apenas deseja a minha desgraça, mas ninguém acredita na minha inocência. Repito: a de narrador não é fácil. Aliás, não é à toa que o senso comum afirma peremptoriamente que quem conta um conto acrescenta sempre um ponto. (ibidem:22)

É perceptível a preocupação do narrador em convencer o leitor quanto à dificuldade de ser narrador ou escritor no contexto angolano. O apelo recorrente é: «acreditem».

No conto *Retrato da personagem em busca do escritor*, a personagem enfrenta penosamente a sua existência desde tenra idade. Lembramos que o espaço social e psicológico da personagem é Angola, concretamente na sociedade luandense. A personagem não atribui a sua desgraça nem ao governo nem à oposição. É uma atitude mais cautelosa. Esta atitude tanto pode significar prudência ou conformismo como se lê no seguinte extrato:

Resta dizer que, além de não ter, aparentemente, um passado próprio, o futuro também não me mobiliza, nem inquieta. Não faço planos, não tenho causas, não milito em nenhuma organização. Não advogo sequer em causa própria. Por isso, não discuto com ninguém, nem em casa, nem na rua, nem no escritório. Não culpo a família pela minha desgraça. Não falo mal do governo, nem da oposição. Se para mim o passado é um enorme buraco negro, o futuro é uma tela branca e lisa, onde não é possível fixar nenhuma projeção. Sou um ser anódino. (ibidem:67)

O autor põe aqui um narrador cuja existência não tem horizonte. Total estagnação. Não há mais lugar para sonhar. Ainda assim, ninguém é culpado. O narrador de João Melo assume essa postura de equilibrar a balança da justiça. Essa estratégia visa a reconciliação. Diante da situação trágica da sociedade angolana, o narrador prefere usar a balança equilibrada nos que se refere à culpabilização. É uma espécie de distribuir o mal pelas aldeias. Essa questão vem no capítulo seguinte denominado: O Novo Sonho.

5 João Melo e as novas e velhas gerações de Angola – o novo sonho

5.1 Para as novas gerações

5.1.1 Necessidade de uma boa literatura

Neste capítulo é importantíssimo descobrir o papel da literatura na visão de João Melo. Em alguns contos é notória a preocupação do autor no que diz respeito à qualidade da literatura angolana. Nesses contos o narrador denuncia uma certa pressão sobre os escritores no âmbito da literatura angolana, pois tem de ser «politicamente correta». Contudo, num outro passo o narrador-autor manifesta uma outra posição da literatura em Angola no período pós-modernidade, ou seja, deve ser também moralmente correta, como se lê:

A literatura angolana, na actual fase de reconciliação em que estamos, felizmente, a viver, não deve ser correcta apenas política, mas também moralmente, este é o meu pensamento antes de me levantar e dirigir-me para abraçar o Canivete [...]. O tipo parece mesmo branco [...]. (João Melo, 2006: 134)

Para o narrador-autor, a qualidade da literatura angolana depende muito da qualidade do escritor. A entidade narradora sabe que é fácil ver o conteúdo valioso da obra. Mas avaliar o autor como um bom escritor, em Angola, torna-se difícil. Tem a ver com o fator «cromático». No conto *O Escritor*, o narrador não esconde a existência de ódios e inimizades entre os escritores. E a isso se junta, então, o fator cor da pele, ou seja, Negros, Brancos e Mestiços. Uma situação ou realidade especial. Por isso, a personagem que pretendia ter sucesso através dos seus escritos, “não hesitou: bazou para Massamá, uma desconhecida freguesia perto de Lisboa” (João Melo, 2006: 168). Já a personagem «*O escritor*», vendo-se longe de Angola, concebeu uma tese como diz o narrador:

Criou e divulgou, em altas parangonas – com o auxílio de um jornalista amigo, que se intitulava antigovernamental, mas que, também conformes certos mujimbos, seria um agente da bófia –, uma tese revolucionária acerca da literatura angolana, baseada – acreditem – na relação entre o mérito individual dos escritores e a cor da pele de cada um [...]. (ibidem)

Perante esse cenário, o escritor, no confronto com jornalistas, teve de ouvir uma pergunta difícil de responder:

Alguns jornalistas fizeram-lhe mesmo perguntas incómodas, como, por exemplo, quais os nomes que ele eliminaria da literatura angolana ou que acções propunha para promover o respectivo equilíbrio cromático. (ibidem: 169).

Estamos perante o trecho que releva o papel da literatura e as dificuldades de fazer literatura angolana de qualidade.

5.1.2 Informação

A preocupação de João Melo é informar e formar (educar) as novas gerações, apresentando-lhes um percurso dos pais nos últimos 50 anos como já foi referenciado anteriormente. O narrador – autor não se limita apenas a informar as novas gerações sobre o passado trágico do país. Procura, também, despertar as mesmas gerações para observarem o que se passa na atualidade: sofrimento de muitos, tragédia social, país sem rumo e à margem da história da humanidade, ou seja, seres humanos diferentes dos outros seres humanos em quase tudo. Esse assunto também já foi visto nos capítulos anteriores, concretamente no conto *Os Marginais*.

O narrador-autor procura transmitir a memória coletiva do país em torno dos seguintes momentos históricos: guerra pela independência, proclamação da independência, guerra civil após a proclamação da independência; fracasso do sonho e desilusão do povo, guerra pós eleitoral (1992), morte de Savimbi, memorando de paz após a morte de Savimbi, e miséria e corrupção após a morte de Savimbi.³⁸ Essas vivências do povo angolano estão apresentadas, com respetivas datas, no terceiro capítulo sobre «Datas e factos» nos contos de João Melo. São assuntos que apelam a todos para a reflexão, sobretudo às gerações recentes. Uma reflexão que pode suscitar um novo sonho.

5.1.3 Reflexão: Repensar os ideais – novo sonho

Na estrutura social de risco, João Melo assume-se como um escritor agente de transformação da sociedade através da educação dos jovens. Traz ou propõe um fenómeno novo, a possibilidade de mudar as condições de vida individual e coletiva. O

³⁸ O narrador-autor faz referência à morte de Savimbi. Desta maneira remete o leitor à história do País no período pós independência. A morte de Jonas Savimbi, segundo os jornais angolanos, aconteceu no dia 2 de fevereiro de 2002. Na obra de João Melo, essa morte é referenciada na Obra «Os Marginais e outros contos». Cf. João Melo, 2006: 131.

novo sonho. Há interrogações e afirmações das personagens que levam o leitor à reflexão como se pode ver.

5.1.4 Interrogações

Aqui recuperam-se interrogações, algumas já grafadas em capítulos anteriores:

“O que é que estes trinta e cinco anos fizeram de nós”? (João Melo, 2013:19); “Quando é que começámos a perder-nos?” (ibidem:24); “O que é que cada um de nós fez com o nosso sonho? (ibidem:27); “Pode um sonho, depois de morto, continuar a inspirar e a mobilizar alguém? Mas combustível o pode alimentar trinta e cinco anos depois?” (ibidem, loc. Cit.); “Ainda somos os mesmos de há trinta e cinco anos? Ainda podemos identificar um sonho e lutar por ele, com resolução e irreverência, sem nos questionarmos mutuamente de onde viemos, mas apenas desejando construir um caminho que todos possam trilhar? Essa pergunta é agravada por uma sombria inquietação: esse caminho ainda existe?” (ibidem:28); [...] o que resta são afetos individuais. Será esse, então o novo sonho? Vamos, como sugeriu Saramago, fundar uma Internacional da Bondade? Uma conspiração de beijos e abraços pulando fronteiras, línguas, culturas, credos, regimes, governos, exércitos e polícias e espantando ódios, preconceitos, ressentimentos, raivas, medos e tristezas? (ibidem:29); “Será mesmo que, como dizes, a nossa geração está perdida à margem da história? Não passamos, então, de meros marginais históricos, condenados ao esquecimento total e irrevogável?” (ibidem:145); “Mas, então, porquê que, tendo a guerra terminado completamente entre nós, a corrupção não dá sinais de amainar, antes pelo contrário?” (João Melo, 2006:81).

São interrogações que refletem a preocupação da personagem-narrador do encontro. Como já foi referido, o escritor João Melo tem uma estratégia na criação das personagens. Personagens protagonistas prudentes, ou seja, personagens cautelosas. Há, para isso, uma justificação: o longo tempo de separação, separação não só temporal, mas, sobretudo, quase apagamento das velhas amizades construídas na luta pelo sonho. Tudo assenta no seguinte: alguns tinham assumido outras identidades. E o que o leitor pode saber do pensamento de algumas personagens deve-se à omnisciência do narrador.

Além das perguntas, também há afirmações.

5.1.5 Afirmações

As afirmações que emergem da personagem não identificada:

Outro fenómeno inexplicável, para mim, é o facto de, após o fim da guerra, muita gente ter começado a alimentar angústias literalmente esdrúxulas, para não dizer mórbidas, tais como contabilizar quantos ministros, escritores, desportistas ou milionários pretos, brancos e mestiços existem; ou saber quantos bakongos estão a dirigir departamentos da saúde ou das finanças, assim como quantos ovibundus são juizes, padres ou bispos. Ao invés disso, melhor seria se os referidos patrulheiros da pureza étnico-racial do país se preocupassem masé com a incapacidade do governo, a corrupção, a fome e a miséria (nota do narrador: esta afirmação é da exclusiva responsabilidade da personagem; o autor nada tem a ver com ela. (ibidem:82)

É importante ter aqui em conta a nota do narrador. O narrador diz que o que se disse é da inteira responsabilidade da personagem. É a cautela ou a prudência das personagens e dos narradores de que temos falado ao longo desta nossa dissertação. Por outro lado, o narrador tem domínio de vários assuntos sociais no contexto angolano, inclusivamente assuntos eclesiásticos. Aqui o narrador-autor passa da abordagem do tribalismo em Angola a uma outra: a posição ou visão da Santa Sé (Vaticano, Roma) face aos povos da África. É um cenário preocupante que é relatado através de perguntas indiretas com alguma comicidade. Contudo, o aspeto cómico utilizado pelo escritor visa levar o leitor à reflexão.

O presente capítulo resulta de uma análise dos discursos dos narradores nos contos de João Melo. Os contos retratam a temática angolana no período pós-independência. Obviamente o leitor apercebe-se de que há personagens que participaram na luta pela independência. Mas tudo desemboca na sorte de cada um depois de proclamada a independência do país.

O tema de fracasso do sonho no caso angolano também é abordado por alguns cantores. Waldemar Bastos fala bem na música «A velha Chica». Trata-se de um menino que interroga à Velha Chica acerca de vários desaires na sociedade. A Velha Chica simplesmente responde: «Xé menino, não fale política». E prossegue o expositor desse contexto de suspeitas, sem liberdade de expressão em jeito de versos:

«Mas a Velha Chica/ embrulhada nos pensamentos

Ela sabia, mas não dizia/A razão daquele sofrimento».³⁹

³⁹ Fonte eletrónica: Rede Angola, RA.opinião m.redengola.info/opinião//

É notória aqui a falta de liberdade de expressão. Esse assunto é abordado e lamentado por alguns angolanos. Domingos da Cruz, quanto ao assunto de falta de liberdade de expressão em Angola, fala numa “Angola amordaçada” (2016).

Para o intérprete do sentimento da Velha Chica os velhos sonhos estão votados a nunca mais serem lembrados, como se lê: “Estes sonhos são monumentos de um Império que nunca chegou a existir, deixem-nos envelhecer.”⁴⁰ As personagens nos contos de João Melo que sobrevivem, a todo o transe, usando vários meios, comprovam a tese da Velha Chica.

É em alguns contos de João Melo que encontramos a possibilidade de um novo sonho, embora não seja muito fácil.

Em qualquer contexto de fracasso, individual ou coletivo, procura-se, quase sempre, «um bode expiatório». No caso do fracasso do sonho coletivo dos angolanos, procuram-se os culpados. No contexto angolano, o culpado pode ser: ou FNLA, ou MPLA ou a UNITA. São esses os movimentos de luta pela independência de Angola. Estão elencados por ordem de surgimento. A FNLA é raramente referenciada nos contos de João Melo que retratam o fracasso do sonho. Justifica-se. Depois da proclamação da independência, a FNLA não enveredou pela guerra civil. Esse movimento de libertação quase ficou votado ao ‘desaparecimento’. Apenas é referido no conto *O Canivete agora é branco*. (João Melo, 2006:130). O cenário da guerra civil travou-se entre o MPLA e a UNITA. Quem é o culpado pelo fracasso do sonho? Quanto a essa pergunta, há duas vertentes de respostas: para o narrador de João Melo não há culpados, ou seja, todos são culpados. É uma posição de equilíbrio. Mas para alguns historiadores há relatos comprometedores. Esse é assunto que se segue.

5.1.6 Os culpados no fracasso do antigo sonho

O historiador Carlos Pacheco relata alguns factos que levam o leitor a identificar os culpados do fracasso do sonho coletivo. Há vários fatores que, já durante a luta pela independência, anunciavam o fracasso do sonho segundo o historiador. Inimizade entre os três principais movimentos de libertação de Angola: FNLA, MPLA e UNITA. A isso se associam as contradições internas em cada movimento de libertação. No texto de Carlos Pacheco lê-se que Jonas Savimbi começou a militar na FNLA, depois passou

⁴⁰ Fonte eletrónica: Rede Angola, RA.opinião m.redengola.info/opinião//

para o MPLA e, finalmente, saiu para fundar a UNITA. E perante essa realidade fala da reação de Agostinho Neto:

Agostinho Neto, percebendo como uma nova força liderada por Savimbi poderia ser um factor de desestabilização na paridade MPLA-FNLA desloca-se a Lusaka a pedir a Kenneth Kaunda que proibisse Savimbi para usar o país como placa giratória. Pede, inclusive, a sua expulsão. Sem êxito. Por fim, tenta matá-lo. (Pacheco, 2000:139)

Não foi possível a realização desse plano. Volvidos anos de luta armada pela libertação de Angola, aconteceu o acordo de Alvor, acordo entre os três movimentos de libertação, visando a proclamação da independência de Angola. Na sua investigação o historiador Carlos Pacheco colhe o seguinte plano de Agostinho Neto para com Savimbi e Holden Roberto:

Em alvor (1975) onde os manejos das grandes potências logo se fizeram sentir, Holden Roberto, da FNLA, contou-nos que Neto, uma noite, no hotel Penina (Algarve), o procurou para lhe propor: Holden, vamos fazer uma aliança contra Savimbi, vamos eliminá-lo, ficamos só nós a governar. Posto isto, procurou também por Savimbi e disse-lhe: Vamos fazer uma aliança e eliminar a FNLA, vamos governar só nós os dois. (ibidem)

Diante desse cenário, Carlos Pacheco, o historiador angolano imparcial, faz uma interrogação retórica e tira a sua própria conclusão: “Que conclusões, afinal, tirar de tudo isto? O atual caminho por onde o processo político angolano corre é calamitoso”. (ibidem).

Essa aportação histórica é importantíssima. É a chave para se perceber o que o narrador de João Melo relata acerca da atmosfera política, militar e social em que se proclamou a independência.

No conto *Trinta e cinco anos* duas personagens, militares das FAPLA, descrevem como passaram o dia 11 de novembro de 1975.

Uma personagem diz:

Passei a noite de 10 para 11 de novembro na cama do hospital, por causa de uma apendicite! [...] A pátria, ameaçada e cercada por todos os lados, fazia a sua entrada na história, orgulhosa e intrépida, disposta a sobreviver e afirmar-se ou a soçobrar. (João Melo, 2013:20)

Uma outra personagem, por sua vez, relata:

Eu estive toda a noite em cima de um Unimog, à espera da ordem para avançar para Kifangondo! A pátria nascia sob a ameaça das botas e dos cenhos estrangeiros. Também tivemos, pois, os nossos guerreiros, que não hesitaram em desnudar o peito diante dos tenebrosos emissários da morte, estupidificados perante tamanha ousadia, tão irresponsável como criativa.

Soldados imberbes mas resolutos e conscientes, protegemos o sonho que germinava, acreditando-o translúcido. (ibidem:22)

No conto *Esplendor e frustração* o narrador expõe o pesadelo da personagem Dombaxi na noite da proclamação da independência:

Quando a independência foi proclamada, com orgulho, na praça grávida de esperança, Dombaxi estava na frente do Ebo (município do antigo Conselho Novo Redondo, hoje Kwanza Sul) onde a arrogância boer foi travada. A liberdade desejada e urdida em dias e noites de humilhações, raivas, sonhos lutas e sacrifícios, chegara finalmente, rondada, porém, por ameaças poderosas. Mas também por limites, equívocos, paradoxos e ilusões, que a todos eles, embriagados que estavam pelo esplendor do tempo, era então interdito perceber. Insensatos, atreverem-se a pensar que tinham poder para, sozinhos, construir a pátria, sem reparar que a nação nascia fraturada. Na verdade, só mais tarde se depararam, estupefactos, com a crucial interrogação: como edificar a pátria sem a nação? (ibidem:64,65)

Nos extratos acima colocados, o narrador é limitado. Só relata as experiências dos militares das FAPLA (MPLA). É normal nesse contexto. Não pode focalizar outros dois lados: FNLA (no UIJE a proclamar a independência) e UNITA (no Huambo, antiga Nova Lisboa, a proclamar a independência de Angola-República Democrática de Angola). Afinal, o sonho estava em todos que, na devida hora da história, se separaram por ódios. É o fracasso do sonho. Nisto se avanta a literatura angolana; mas só nos contos de João Melo, segundo a nossa presente investigação. Para o historiador angolano Carlos Pacheco o procedimento de Agostinho Neto com contexto do Acordo do Alvor, conforme relato acima, reflete o esvaziamento do sentido dos abraços em favor da independência. O sonho coletivo e abrangente estava ameaçado.

Para o narrador nos contos de João Melo ninguém está isento de culpas. O narrador reparte o mal pelas aldeias como dissemos no capítulo anterior. E aqui as aldeias são os três movimentos que lutaram pela independência de Angola bem como outras forças políticas e militares estrangeiras que apoiaram os movimentos nacionalistas angolanos: FNLA, MPLA e UNITA. Para o narrador de João Melo todos esses devem reconhecer ou admitir que são culpados pela destruição do sonho, como diz no conto *Os marginais*:

Eles? Eles quem, Carlos?! Como dizes, a malta do interior recebeu os guerrilheiros como uma espécie de deuses, talvez cientes de que, sem o seu sacrifício, jamais se poderiam converter em «nós». Mas nem todos nós os que participámos na guerrilha pensávamos no poder da maneira tortuosa e destrutiva como proclamas agora. O poder, para nós, não era um sonho secreto e pecaminoso. Era um destino inelutável. Uma condição para que o «nós» pudesse existir de facto, em toda a sua plenitude, aventura e alegria. A verdade é que, nos primeiros anos da independência, a

possibilidade dessa construção parecia irrefutável. Quando foi, então, que o «nós» se cindiu? Quem são os culpados por essa fratura insidiosa, que esvaziou o sonho coletivo e instaurou novamente o «eles»? O «eles» a que te referes, com amargo e dorido acinte, somos nós, que não lográmos cumprir o que anunciamos, traindo, supostamente, todos aqueles que nos acolheram como deuses em 74? Não, caro amigo. Reconheço, há muito, a tua lucidez. Portanto, não cedas à tentação do auto desresponsabilização. Todos nós destruámos o «nós» que desejávamos construir, mas que, na realidade, talvez jamais pudéssemos ser. Essa pele, na verdade, é demasiado curta para tantas culpas, tantos ressentimentos, tantos desejos, tantas ilusões, tantos interesses. Nesse sentido fatalista ou não, a responsabilidade histórica é sempre coletiva. O que fazer? Perguntas-me. Assumir essa impossibilidade de maneira serena e construtiva. Ser capaz de urdir sonhos mais modestos e realizáveis, mas profundamente dignos e úteis. (ibidem)

O narrador de João Melo assume o protagonismo (re) conciliador. Neste aspeto compassa com o programa de reconciliação nacional em vigor em Angola. Mas na ótica do narrador não se pode levar meio século de reconciliação coletiva. Todos, cientes da «responsabilidade coletiva» devem passar para o novo sonho

5.1.7 Necessidade de um novo sonho

O novo sonho é necessário e imperioso. Essa é a convicção da personagem Dombaxi, no conto *Esplendor e frustração*. Dombaxi é uma personagem que esteve nas últimas fases da guerra civil (1975-1992; 1992-2002). Como referenciamos nos capítulos anteriores, Dombaxi não tinha outras ambições pessoais. Honestamente entrou na luta para «contribuir» segundo a sua expressão. Terminada a guerra, em 1991, saiu das FAPLA. Tinha dado o seu contributo. Reencontrou para a guerra pós-eleitoral no fim da qual (2002) pediu a reforma. Tinha dado o seu contributo. Dombaxi justifica a sua persistência sem temer a morte:

O sonho antigo estava derrotado, mas era imperioso evitar o pesadelo trazido pelos que apenas queriam vingar-se da história. Aliás, talvez os homens tivessem exagerado as suas crenças em relação às virtualidades do exaltante sonho do passado, o que explicaria, certamente, a sua enorme e densa amargura, perante a transmutação pelo mesmo sofrido. O risco fundamental que a pátria enfrentava naquele momento confirmava-o: a transformação prometida pela antiga luta não seria uma consequência linear da simples passagem do tempo, pelo que admitia paragens, recuos, desvios, fugas para a frente; do passado era imperioso reter a matriz, a chave, a essência, para atualizar permanentemente o sonho, definir-lhe novas lutas, dar-lhe novas asas para voar por novos céus e novos ares. Era preciso, pois defender a nação aberta, múltipla e una, proteger a terra inteira, preservar a pátria sonhada pelos que um dia decidiram partir à descoberta de Angola, para que esta pudesse pertencer a todos os homens e mulheres, sem

submeter-se a supremacias estreitas, que apenas se sucedessem umas às outras. (ibidem: 73,74)

Assim, segundo Dombaxi, o novo sonho assenta sobre o essencial do sonho antigo e adaptá-lo para a atualidade, sendo agentes as novas gerações bem preparadas.

5.1.8 Consciência coletiva para o novo sonho

A questão do novo sonho constitui motivo de profunda reflexão. Levanta interrogações. Algumas interrogações são feitas pelas personagens, nos contos de João Melo, numa perspectiva de avaliação do antigo sonho. Algumas dessas interrogações que as personagens transportam, mas que não exteriorizam, aparecem já nos capítulos anteriores. Dada a pertinência das mesmas, torna-se necessário apresentar algumas no âmbito do novo sonho.

Hoje, o que nos separa é sobretudo uma dupla pergunta: Ainda somos os mesmos de há trinta e cinco anos? Ainda podemos identificar um sonho e lutar por ele, com resolução e irreverência, sem nos questionarmos mutuamente de onde viemos, mas apenas desejando construir um caminho que todos possam trilhar? Essa pergunta é agravada por uma sombria inquietação: esse caminho ainda existe [...] O resta são os afetos individuais [...] Será esse, então, o novo sonho?⁴¹ (ibidem:28,29)

Do texto acima transcrito tira-se a seguinte mensagem: o novo sonho é possível. Mas é preciso que os lutadores por esse novo sonho, o de fazer o país melhor, não olhem para as origens de cada um (entende-se origens étnicas). O mais importante é a união e a amizade.

Outras perguntas podem ser feitas pelo leitor. Da parte de quem virá o novo sonho de construir um país melhor? Do povo, dos dirigentes políticos ou dos abastados? O narrador-autor apresenta, em alguns contos, personagens lutadoras pelo antigo sonho frustradas (muitas) e outras bem instaladas (poucas e poderosas).

A frustração reflete-se nas personagens Dombaxi e Pedro Buta no conto «Esplendor e frustração». Dombaxi é descrito como honesto combatente nas FAPLA, forças armadas do MPLA, durante as duas guerras pós-independências. Alcançada a paz, pediu a reforma, por decisão própria e passou a viver quase miseravelmente (João Melo: 2013: 53-76). Pedro Buta «Esperança do Povo» é apresentado como tendo sido braço direito do Agostinho Neto nos acontecimentos de 27 de maio – golpe de Estado – pelos apelidados de nitistas. Também termina frustrado, fora do país (ibidem). De notar

⁴¹ Ibidem, pp.28-29.

que, tratando-se de uma personagem que é «*esperança do povo*», a sua frustração, obviamente, significa frustração do povo (conto: *Os Marginais*, in *Os Marginais e outros contos*). Outra personagem frustrada é o “senhor Kiteculo”. Kiteculo dedicou, sigilosamente, a vida para realização do sonho coletivo, vivendo com o patrão. Mas o amigo e companheiro Canivete conseguiu escapulir-se e parou nas matas. Juntou-se ao MPLA e permaneceu. Kiteculo, também chegou a ter a arma na mão para a guerra, mas abandonou para salvar a vida. Depois de terminada a guerra, passou a levar a vida a esmolar, como declara:

Eu limitei-me então a viver na carne as incríveis mudanças sofridas por Angola nas últimas décadas, perdi-me no turbilhão de acontecimentos de que fui testemunha ocular e não só, andei a deriva pelo país, estive na guerra, **nos dois lados**, fiz filhos à toa, que não conheço, deixei-lhes mais à toa ainda, fugi, estive no garimpo, fui parar num campo de refugiado na Namíbia, agora estou em Luanda, não tenho casa, não tenho família, não tenho absolutamente ninguém, vivo na rua, deambulo pela cidade, o meu último poíio é este restaurante, venho aqui todas as noites, perto das 11 horas, à espera das sobras do jantar, assim como a gorjeta de um barriga cheia [...]. (João Melo, 2006:132).

A personagem está, humanamente falando, sem horizonte ou, então, sem sinais de esperança. Voltado para o passado de uma militância sem fruto no presente, restam-lhe apenas lamentações.

Contrariamente às lamentações de personagens que vivem voltados para o passado, no conto «Angola é toda a terra onde planto a minha lavra», a personagem não identificada, que se encontra no campo de deslocados por motivo da guerra, giza o seu projeto de ressurgimento. Quer deixar de receber alimento de organizações internacionais e viver à custa da sua vontade e força de trabalhar a terra. Com a venda dos produtos do seu campo constrói a sua própria habitação. A experiência é seguida por outros. Nasce uma coletividade que se levanta da miséria, abraçando um novo sonho. Um sonho que se realiza sem ajuda do governo nem das ONGs. Um sonho que brota da reflexão de quem sofre, conhecedor das potencialidades do solo do país e confiante nas capacidades físicas de cultivar a terra (ibidem:173).

5.2 Para gerações que transportam o passado - Cultura do (re) encontro e superação do passado

Para essas gerações o narrador-autor cria personagens que superam o triste passado. Superar o passado significa, sobretudo, reconciliação e evitar as novas guerras, pois segundo o escritor, “a guerra e a corrupção são como dois irmãos gémeos” (João Melo, 2013:83). É, sobretudo, no conto «Angola é toda terra onde planto a minha lavra» que encontramos a necessidade de superar o passado. Neste conto o narrador relata a sua própria experiência, que também é a experiência de uma coletividade: os habitantes da devastada aldeia (buala). De acordo com Genette, neste caso o narrador é autodiegético.⁴² No caso da personagem do conto em referência a sua própria experiência é a de ser refugiado de guerra. Tendo sido destruída a sua aldeia por duas forças militares, deambula pelas matas até parar no campo de deslocados de guerra nas periferias de Luanda. Nesse campo de refugiados reflete com seriedade sobre o seu passado e também sobre o presente difícil e humilhante, como se lê no seguinte extrato:

A guerra mesmo é que me trouxe até aqui, eu não escolhi, não procurei nada, estava muito bem na minha buala, a guerra chegou, a minha memória recusa-se a lembrar quando, como, só sei essa lembrança não me larga até hoje, colou-se na minha pele, fala na minha boca, olha nos meus olhos, treme nas minhas pernas, explode nos meus ouvidos quando escuto o estampido mesmo só à toa, tipo trovoadas, escape de algum motor, porta lançada pelo vento à sua pobre sorte, de repente assustámos, vimos os homens já tinham entrado na nossa aldeia, corriam em todas as direcções, gritavam, disparavam contra tudo o que se mexia, pessoas, cabritos, galinhas, a aldeia toda estava a arder, consumida pelas chamas, no princípio pensei esses homens são malucos, estão a disparar à toa, aqui não tem militares, o que é que está a acontecer na cabeça deles, depois percebi, matar, matar, só matar, nós tentamos fugir, também íamos fazer mais o quê, só fugir, cada um para o seu lado, homens, mulheres, velhos, crianças, é correr a sério sair da aldeia a qualquer custo, escapar da morte, não virar a cabeça nenhuma vez, não tempo, depois se verá quem realmente escapou, os homens na nossa trás [...]. (João Melo, 2006:173,174)

O assunto de refugiado de guerra é crucial. Ser forçado a deixar o *habitat* entre tiros cruzados. Ou seja: deixar a buala (aldeia) e assumir a condição de refugiados pela força dos «homens», ou seja, os poderosos por força das armas. Mais surpreende é a decisão que o narrador toma no campo de refugiados:

Quando cheguei aqui, tomei uma decisão, não vou ficar preso ao passado como pássaro no visgo, tenho de abrir bem os olhos para ver mais

⁴² Cf. Genette (1972:251 ss) in *Dicionário de Narratologia* (de Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, 7ª edição, Edições Almedina, 2007, pp.259-262.

além, no futuro, a maioria das pessoas não sabe mas o futuro depende do modo como nós olhamos o passado, podem perguntar, e o presente, a minha resposta é só uma, o presente não vale nada, o presente é um fogo-fátuo, o presente é uma ponte, o presente é um caminho que nós atravessamos para chegar ao rio, pode ser uma picada cheia de obstáculos, de cazumbis de chinganges perdidos na noite, mas não deixa de ser um caminho, temos de atravessá-lo mais depressa ainda, aqueles que demoram muito tempo no presente, talvez tentando decifrar os detalhes, apreciando os pormenores da paisagem, vasculhando os motivos supostamente finais das decisões dos homens esquecendo-se que as mesmas são sempre provisórias, continuam, na verdade, presos ao passado, receiam que este retorne, por isso, não avançam, nunca chegam a alcançar o futuro, eu quando cheguei neste campo disse o meu futuro está aqui, se alguém me escutasse dizia este homem está maluco, então deslocado tem futuro, ele não reparou bem onde lhe puseram [...]. (ibidem:176,177)

Este é um dos contos de João Melo em que as personagens não têm nomes próprios. As personagens são anónimas. O narrador-personagem diz ter deixado a sua aldeia porque “os homens” a invadiram para saquear e matar. Situação de vida ou morte, todos os habitantes da aldeia viveram uma dolorosa separação. A debandada agudizou-se quando surgiram “outros homens” que tiveram de se confrontar com os “primeiros homens”. Esses dois grupos de “homens”, todos bem armados, apagaram a aldeia do mapa e provocaram a deslocação dos habitantes para locais incertos. Diz ainda a personagem noutro momento do lúgubre relato sobre a sua aldeia: “(...) a guerra lhe varreu totalmente do mapa (...)” (ibidem:175). Digno de nota é a ocorrência da expressão “os homens” no conto em análise. A expressão ocorre oito vezes, de forma direta, e duas vezes, de forma pronominalizada. Este registo é concernente aos “primeiros homens”. Depois há duas ocorrências referentes aos outros homens, ou seja, “os segundos homens”. Isso denota a relevância do poderio diante dos simples, inocentes e pacíficos camponeses. O conto retrata o cenário de guerra e guerrilha no período pós-independência, o que levou à separação de famílias como diz a personagem: “a minha mulher, os meus filhos, onde estão eles, parece foram matados” (ibidem: loc. cit).

Mas a mensagem central do conto está na determinação da personagem, agora com estatuto de deslocado de guerra, ou seja, refugiado dentro do próprio país, o que não é normal. No campo de deslocados de guerra, sem família, reergue a sua vida ex nihilo. Aplica a sua experiência de camponês no outro lugar. Com base na sua perspetiva de futuro, a sua vida e de alguns mudou. Foi preciso cultivar a terra. Não esperar nem viver infundamente das ajudas. A partir de um, surgiu a consciência coletiva para o novo sonho.

A destruição das aldeias pelos soldados também é assunto no romance *A Parábola do Cágado Velho*, de Pepetela. Num dado momento relata o narrador:

Aconteceu então o episódio da granada. Foi assim. Um grupo de soldados chegou e pediu comida. Pareciam fugir de qualquer coisa terrível, se podia ler nos olhos que vasculhavam insistentemente os caminhos de entrada na aldeia. Dois já tinham estado em ocasiões diferentes, um levava Dominga com ele. A comida demorou a chegar. Já rareava e não havia boa vontade, então eles só nos conhecem quando têm fome? Nem deu tempo para comerem. Outro grupo entrou pela aldeia aos tiros. Os que chegaram primeiro ripostaram. Mas eram poucos e se escodearam nas nacas (lavras) à beira do riacho. Ulume (O Homem: na língua Umbundo do planalto central e Benguela) e a Muari se meteram em casa, mas não oferecia protecção, as balas atravessavam-na, silvando. Era uma confusão de tiros, gritos e explosões. Ulume disse, temos de fugir daqui, vamos para o palmar. Correram, cada um para o seu lado. Tropeçou em corpos, sentiu zunir balas nas suas orelhas, mas conseguiu atingir o palmar. Ficou à espera que a Muari aparecesse. O tiroteio se aproximava e ela não vinha. (Pepetela,2016:43)

Trata-se de um cenário similar ao do conto do escritor João Melo analisado nas páginas anteriores. Também dois grupos de diferentes organizações militares opostas entram na aldeia para buscar mantimentos. Primeiro, um grupo, depois, o segundo grupo. Desta coincidência de vontades de pedir ou saquear víveres das pessoas da aldeia, resulta o tiroteio e mortes de inocentes. É obviamente compreensível. É o mesmo contexto bélico relatado por escritores diferentes. À semelhança da personagem que se ergue do nada cultivando a terra à beira do campo de deslocados de guerra, também neste romance de Pepetela, as personagens fundaram um «kimbo novo» e “o kimbo novo era um bom sítio [...]” (ibidem:88).

É a mensagem de reconstrução que alguns escritores angolanos procuram passar seja aos que viveram a experiência da prolongada guerra civil, seja os que estão a viver as consequências dessa guerra fratricida. Este é o tempo do fracasso. É, sobretudo, o escritor João Melo que, destemidamente, cria nos seus contos o narrador - personagem prudente e onisciente ao relatar a realidade por todos observável da sociedade angolana dos últimos 40 anos.

O narrador-personagem, no conto «Angola é toda a terra onde eu planto a minha lavra, ultrapassa barreiras geográficas, culturais e tribais. A velha máxima clássica: *Ubi bene, ibi patria* (onde se está bem, aí está a pátria). Viver com base nos valores do humanismo.

6 Considerações finais

O escritor João Melo, nos seus contos, distingue-se dos outros escritores angolanos no período pós-independência. Nos seus contos mantém a vertente pedagógica como em todos os contos: uma ação formativa. A particularidade dos contos de João Melo, no contexto angolano, consiste no seguinte: destinar-se à informação e advertência de gerações novas sobre a história do país na luta pela independência e, posteriormente, o projeto da construção de uma Angola melhor (o sonho político que fracassou). Nesse sentido os contos de João Melo são a expressão da sabedoria de «Mais Velho» na cultura dos povos de Angola. Um «*Mais Velho*» que aborda com preocupação assuntos da sociedade angolana e não assuntos de etnias que compõem o país.

Quanto à caracterização do narrador de João Melo, encontramos o narrador autodiegético (em alguns contos) e heterodiegético (noutros). Se tivéssemos de fazer uma antologia dos contos do escritor, quanto à organização dos assuntos, teríamos a seguinte estrutura:

No primeiro plano – o conto Trinta e cinco anos. Neste conto o narrador autodiegético leva os antigos lutadores pelo sonho político a avaliar o percurso, 35 anos depois da proclamação da independência. Resultado – o fracasso do sonho coletivo dentro do qual havia sonhos desencontrados.

No segundo plano – os vários contos onde o narrador heterodiegético relata experiência dos afetados pelo fracasso do sonho (corrupção, luta fratricida e luta pela sobrevivência). São, por exemplo, os contos: «Abel e Caim», «Tio, mi dá só cem», «O homem que nasceu para sofrer», «O feto», «O cortejo», «O Canivete agora é branco», «Esplendor e frustração», «Os marginais», «O rabo do chefe», «O meu primeiro milhão», «O celular». Esses são apenas alguns contos do escritor que abordam vários comportamentos na sociedade angolana diante do fracasso do sonho. Há os que enriquecem ‘admiravelmente’, há os que passam a vida a esmolar, depois de terem participado nas várias guerras; há os que roubam. Em suma os desesperados.

Terceiro plano – o conto *Angola é toda a terra onde eu planto a minha lavra*. Neste conto o narrador autodiegético é refugiado de guerra nos arredores de Luanda (no campo de refugiados). Enfrenta condições desumanas. Faz amizades, reflete profundamente e concebe um projeto para a sobrevivência pessoal. Primeiro, faz a superação do passado; depois arranja um campo, cultiva

a terra, tem os primeiros resultados, constrói a sua casa. A experiência contagiou os outros e, de repente, muitos se libertaram e nasceu uma localidade que surpreendeu as autoridades de Luanda e ONGs nacionais e internacionais. Combateu-se a miséria através do projeto de agricultura.

Os contos de João Melo são um manancial de temas sobre a realidade angolana contemporânea. Mas são, sobretudo, o apelo à consciência coletiva da necessidade de um novo sonho em atmosfera de sossego, de paz para o desenvolvimento através dos seguintes pilares: instrução e educação sobretudo através da literatura, construindo o novo sonho com as gerações recentes bem esclarecidas, reencontro, reconciliação e abraços e fraternidade e cultura de trabalho individual e coletivo no desenvolvimento da agricultura e outros recursos do país. Esses apelos nos contos de João Melo são outro apelo à ‘alteração’ do «ADN histórico». Isto acontece com um projeto educativo exequível, projeto educativo baseado na ciência, na verdade e não apenas na política. Mas lá onde os manuais de história têm coisas omissas, a boa literatura angolana deve preencher as lacunas. Os contos de João Melo são dignos de serem classificados como contos remissivos. Remetem o leitor a várias esferas vivenciais: sociedade angolana atual, história angolana no período pós-independência, política e religião. Alertam, sobretudo, para a observação e leitura da calamitosa situação contemporânea da sociedade angolana como ponto de partida para um novo projeto de nação alicerçada na justiça. Nisso o escritor João Melo cria um novo estilo do conto: um conto remissivo. Um estilo do conto, fonte de erudição.

Os contos de João Melo (in) formam e acautelam. O leitor não permanece no aspeto risível do conto. O risível nos contos de João Melo abre caminho para a reflexão sobre aspetos que devem ser repensados na sociedade angolana. Os contos de João Melo apelam para a cultura do (re) encontro, para a educação, para abraço entre angolanos (negros, brancos e mestiços). Em suma, nação reconciliada, condição para o desenvolvimento.

Recomendações

Os contos de João Melo são determinantes para a humanização da sociedade angolana. Tendo em conta a dimensão pedagógica, recomendamos:

- Que o Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento da Educação concretize o programa de Literatura (11^a e 12^a Classes) em Manuais;
- Que as administrações locais, em toda Angola, (comunais e municipais) criem bibliotecas públicas com várias obras de escritores angolanos, mormente os contos do escritor João Melo, pela sua natureza pedagógica para (in) formação das novas gerações visando a humanização da sociedade angolana;
- Que as escolas cumpram a obrigatoriedade de criar bibliotecas em que haja muitas obras literárias, sobretudo os contos de João Melo. Isto pelas razões apontadas no ponto anterior.
- Que se adaptem alguns contos de João Melo a textos representados (do texto narrativo a texto dramático). Deste modo, a mensagem facilmente passaria tanto para letrados (pela leitura) como para iletrados (assistindo às representações de textos breves). (ver anexos)

I – Bibliografia Ativa

1.1. De João Melo

MELO, João (2013). *Os Marginais e Outros Contos*, Alfragide, Portugal: Editorial Caminho.

MELO, João (2009). *O Homem que não tira o palito da boca*, Alfragide, Portugal: Editorial Caminho.

MELO, João (2001). *Filhos da Pátria*, Editorial Caminho, Alfragide, Portugal.

MELO, João (1999). *Imitação de Sartre & Simone de Beauvoir*, Lisboa: Editorial Caminho.

MELO, João (2004). *The Serial Killer e outros contos risíveis ou talvez não*, Lisboa: Editorial Caminho.

MELO, João (2006). *O Dia em que o Pato Donald comeu pela primeira vez a Margarida*, Lisboa: Editorial Caminho.

1.2. Outros escritores

NETO, Agostinho (1973). *Sagrada Esperança*, 10ª Edição, Luanda-Angola: União dos Escritores Angolanos.

PEPETELA (2013). *Mayombe*, 12ª edição, Alfragide, Portugal: Publicações Dom Quixote.

PEPETELA (2016). *Parábola do Cágado Velho*, 10ª edição, Alfragide, Portugal: Publicações Dom Quixote.

PINTO, Alberto Oliveira (2007). *Travessa do Rosário*, 2ª Edição, Edições Chá do Caxinde, Luanda-Angola

VIEIRA, José Luandino (1976). *Velhas Estórias*, São Paulo: Edições 70.

1.3. Obras de Aldónio Gomes (serviço de documentação na Universidade de Aveiro)

Número de registo: [000273556]

Gomes, Aldónio, 1926 – 2011 – *Escutar, falar: oralidade* – Lisboa: Clássica Editora, 2005. 142 P- ISBN 989 – 604 – 004 – 4 (brochado)

Número de registo: [000252446]

Gomes, Aldónio. Mar além: revista de cultura e literaturas dos países africanos de língua oficial portuguesa. [Lisboa]: Mar além, 1999.

Número de registo: [000245948]

Eu conto, tu contas, ele conta: estórias africanas. Lisboa: Mar além & Instituto Camões, 1999, 96 p.: il, ISBN 972 – 98282 – 1 – 0 (brochado)

Número de registo: [000257534]

Novas literaturas de Língua Portuguesa. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997. ISBN 972 – 8186 – 40 – 6 (vol. ½, brochados). ISBN 972 – 8186 – 41 – X (vol. 4, brochado).

1.4. Teses e outras obras sobre o conto literários

DUARTE, N. de L. V. (2012). “O Conto Literário: A Memória da Tradição”. *Tese de Doutoramento*, Universidade dos Açores, Ponta Delgada.

LA FONTAINE, Jean de (2016). *Fábulas de La Fontaine*, Porto: Porto Editora,

MENDELSUND, Peter (2015). *O que vemos quando lemos*, tradução de Rute Mota, 1ª edição, Amadorra, Portugal: 20/20 Editora,

TAMEN, Pedro (1977). *Contos populares da Ásia*: para as crianças de todo o Mundo, tradução, Edições António Ramos, Lisboa

_____(SD). *Textos Africanos de Expressão Portuguesa*, República Popular de Angola: Ministério da Educação.

_____(2014). *Contos para adormecer*: fábulas de sempre. Adaptado por Myriam Sayalero, León, Espanha: Editorial Everest.

_____(1975). *Poesia Angolana de Revolta*, antologia, Organização de GIUSEPPE MEA, Porto: Paisagem Editora.

TAMEN, Pedro (1977). *Contos populares da àsia*: para as crianças de todo o Mundo, tradução, Edições António Ramos, Lisboa

II. Bibliografia Passiva

2.1. Sobre fatos históricos angolanos nos contos de João Melo

AMARAL, Ilídio do (2000). *Em Torno dos Nacionalismos: Memória e reflexões a Mário Pinto de Andrade (1928 – 1990)*, Águeda, Portugal: Granito Editores e Livreiros, Impressão - Artipol.

BIRMINGHAM, David (2017). *Breve História da Angola Moderna [séc. XIX – XXI]*, Tradução de Rita Carvalho e Guerra, 1ª Edição, Guerra e Paz, Editores, S.A. Lisboa.

BOTELHO, Américo Cardoso (2007). *Holocausto em Angola*, Lisboa: Edição Nova Veja.

CABRITA, Dalila & MATEUS Álvaro (2014). *Purga em Angola: o 27 de Maio de 1977*, 9ª edição, Portugal: Texto Editores, LDA.

CAPOCO, Zeferino (2012). *Nacionalismo e Construção do Estado-Angola (1945-1975)*, Lobito, Angola: Escolar Editora.

CRUZ, Domingos da (2016). *Angola amordaçada*, Lisboa: Editores S.A.

HODGES, Tony (2002). *Angola: Do afro-Estalinismo ao Capitalismo Selvagem*, 1ª Edição, Cascais, Portugal: Principia – Publicações Universitária e Científica.

NEVES, Fernando (1975). *Negritude-Independência-Revolução*, Paris: Edições ETC.

PACHECO, Carlos (2000). *Repensar Angola*, 1ª edição, Editor: Lisboa: Editor: Assírio Bacelar, Gráfica do Areeiro.

PEARCE, Justin (2017). *A guerra civil em Angola: 1975 – 2002*, Tradução de Susana Sousa e Silva, 1ª edição, Lisboa: Tinta-da-china.

PÓVOA, Alice (2005). *As Faces Secretas das Palavras: A origem das expressões e dos vocábulos*, Lisboa: Edições ASA.

SANTOS, José Cassanji (2009). *Repensar o Homem na Angola do Século XXI: uma antropologia em perspectiva*, Luanda: Caxinde – Editora e Livraria.

SUÁREZ, Karla (2017). *Um lugar chamado ANGOLA: O primeiro romance sobre a presença cubana em Angola*, Tradução de Helena Pitta, 1ª edição, Portugal: Porto Editora.

_____(1989). *O Desenvolvimento dos Povos: Carta Encíclica «Populorum Progressio» de S.S. Paulo VI*, Lisboa: Edições Paulistas.

_____. (2017). *Papa Francisco: Frases e Reflexões* - Pensamentos e conselhos para um mundo melhor, (Organização de Paulo Neves da Silva) 1ª edição, Amadora, Portugal: Nascente 20/20 Editora.

2.2. Dicionários

BARATA, A. Martins (1989). *Dicionário Prático de Locuções e Expressões peculiares da Língua Portuguesa: Sinonímia e Interpretação*, Braga: Livraria A.I.

RAMALHO, Énio (S/D). *Dicionário Estrutural, Estilístico e Sintático da Língua Portuguesa*, Porto, Portugal: Lello & Irmão – Editores.

REIS, Carlos & LOPES, Ana Cristina M. (2007). *Dicionário de Narratologia*, 7ª edição, Coimbra, Portugal: Edições Almedina, S.A..

ROQUETE, J.I & FONSECA, José da (1996). *Dicionário dos Sinónimos, Poético e de Epítetos da Língua Portuguesa*, Sistema J, Editora Portuguesa de Livros, L.DA, Venda – Amadora, Portugal.

2.3. Revistas/Boletins

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN (1996). *Conto e reconto: as fábulas* – Boletim Cultural, VIII Série, Nº 2., Maio.

2.4. Consultas online

Livro: <https://www.work.pt/livro/holocausto-em-angola-américo-cardoso-botelho/19952>

2.5. Artigo em revista Científica

XAVIER, Lola Geraldes (2011) – João Melo: Contos risíveis ou talvez não”, acedido a 2 de fevereiro de 2017, em [https://revistas.ufrj.br/article> view](https://revistas.ufrj.br/article/view)

BARATA, A. Martins (1989). *Dicionário Prático de Locuções e Expressões peculiares da Língua Portuguesa: Sinonímia e Interpretação*, Livraria A.I. – Braga.

RAMALHO, Énio (S/D). *Dicionário Estrutural, Estilístico e Sintático da Língua Portuguesa*, Lello & Irmão – Editores, Porto, Portugal.

REIS, Carlos & LOPES, Ana Cristina M. (2007). *Dicionário de Narratologia*, 7ª edição, Edições Almedina, S.A., Coimbra, Portugal.

ROQUETE, J.I & FONSECA, José da (1996). *Dicionário dos Sinónimos, Poética e de Epítetos da Língua Portuguesa*, Sistema J, Editora Portuguesa de Livros, L.DA, Venda – Amadora, Portugal.

Revistas/Boletins

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN (1996) – Conto e reconto: as fábulas – Boletim Cultural, VIII Série, Nº 2., Maio.

Consultas online

Livro: <https://www.work.pt/livro/holocausto-em-angola-américo-cardoso-botelho/199528>

Artigo em revista Científica

XAVIER, Lola Geraldine (2011) – João Melo: Contos risíveis ou talvez não”, acessado a 2 de fevereiro de 2017, em <https://revistas.ufrj.br/article/view>

Anexos

Bloco 1

Contos ancestrais angolanos e de outros países dos PALOP

A armadilha do Leopardo

Um velho leopardo, que estava cheio de fome, teve uma ideia excelente: fazer uma assembleia com todos os animais. Então, virou-se para o filho e disse-lhe:

- Vai a casa de todos os animais e anuncia-lhes que venham depressa porque estou doente.

O filho desatou a correr pelo mato fora, foi cumprindo a ordem do pai e, passado pouco tempo, estava de volta.

Daí a pouco apareceu em casa do velho leopardo o veado, acompanhado do antílope.

- Olá, amigo leopardo! Olhe, encontrei este companheiro e trouxe-o comigo – disse o veado.

- Pois fizeste muito bem! Respondeu o leopardo.

Nisto chegou a lebre.

- Boa tarde a todos!

- Boa tarde! – Responderam-lhe.

E sentaram-se todos na terra, à espera dos outros animais. A lebre, o veado e o antílope perguntaram ao leopardo:

- Por que motivo nos chamaste?

O leopardo, com olhar fixo no horizonte, respondeu-lhes:

- Porque vamos fazer uma assembleia médica para saber qual de vocês vai tratar da minha saúde. Mas tenho de examinar o que sabem.

O leopardo pegou no tambor e tocou, tocou, ao mesmo tempo que ia falando:

- Antílope! O veado! O nosso amigo está muito doente. Portanto vocês não fujam!

E repetiu este apelo muitas vezes. O veado, desconfiado da intenção do leopardo, resolveu interrompê-lo:

- Que é este tambor está a tocar? Deixa-me tocar também experimentá-lo!

Deste modo, o veado aproveitou a ocasião comunicar para comunicar pelo toque do tambor:

- O leopardo não está doente. Ele quer comer-nos a todos!

O leopardo percebeu. Manhoso, levantou-se e disse:

- Soubeste muito bem tocar o tambor. Chega-te mais perto de mim e toca mais um pouco.

Entretanto, o antílope e a lebre já tinha fugido. O veado arrancou a toda a velocidade. O leopardo tentou ainda agarrar o veado mas ele conseguiu escapar-lhe.

Todos os outros animais perceberam a armadilha do leopardo. O veado, com o toque de tambor, salvou-os.

Júlia Lisboa,99

Comer sem correr

O leão estava cansado. Não que se sentisse velho, mas isto de correr o mato atrás de uma gazela, que capricha em não deixar-se apanhar, puxa muito pelo corpo e acresce mais fome à que já trazia. Sobre tudo se a gazela ficar a perder de vista...

- Correr para comer não compensa – considerava o leão. – Tenho de mudar de tática.

Fez constar por alguns bichos da sua companhia que estava doente, mesmo muito doente. Escondeu-se na gruta, onde tinha os seus aposentos e esperou.

O chacal e o lobo, marqueses do séquito do leão, encarregaram-se de espalhar a notícia:

- O nosso rei leão está à morte. Prestem-lhe a homenagem que ele merece.

Queriam eles dizer com isto de homenagem que seria conveniente e muito gentil que cada animal por fosse a visitar o leão, em sinal de respeito e num último aceno de despedida.

Última despedida era, mas não para o leão...

Formou-se uma longa bicha de bichos, à entrada da caverna, onde morava o leão. Todos muito compostos e de semblante carregado. Mais estariam se soubessem o que os esperava...

Um a um iam entrando, introduzidos na gruta pelo chacal e pelo lobo, ambos muito prazenteiros e risonhos, que até parecia mal, em cerimónia solene.

Mas havia quem faltasse à chamada. A lebre, por exemplo.

Foram dizer à mãe lebre da lebre que o leão, no delírio da febre, mencionara o seu nome, cheio de saudades.

- Coitadinho – Foi só isso que disse.

Juntar-se ao cortejo de homenagem é que não se juntava.

O chacal veio ter com ela, em atitude de censura:

- Que desprendimento o teu, lebre. O pobre do leão à morte e tu nem uma visita lhe fazes. É muito insensível. Um coração de pedra.
- Não sou nada – disse a lebre, afastando-se, prudentemente, do bafo do chacal. – O que não gosto é de apertos, de ajuntamentos.
- Como assim? – Estranhou o chacal. – Só entra um bicho de cada vez...
- Bem sei, que eu tenho visto – replicou a lebre. – Entra um de cada vez e ainda não saiu nenhum. Sendo assim, dentro da gruta, devem estar em tal aperto, que mal conseguem respirar. Imagino a confusão, as lamúrias, os choros... e mais não quero imaginar, senão ainda me comovo. Adeusinho, senhor chacal, e as melhoras do doente.

A lebre saltou e a história acabou.

(Inspirado numa fábula guineense)

In Boletim cultural *Conto e Reconto* as fábulas) – Fundação Calouste Gulbenkian,
VIII Série, Nº2, Maio 1996

O arrependimento

O filho da vespa adoeceu. Foram consultar o adivinho. Resposta:

- Procura uma pena de peito-celeste.

O peito-celeste deu-lha, pois também não lhe fazia falta. O filho da vespa foi tratado e curou-se.

Entretanto, adoeceu o filho do peito-celeste. O oráculo do adivinho foi:

- Procura uma asinha da vespa.

O peito-celeste foi logo ter com a vespa. Esta disse:

- Só tenho duas asas. Se te der uma, não tenho com que voar. Não posso dar-te o que me pedes.

O filho do peito-celeste morreu. E ele, muito triste, decidiu:

- Acabou neste momento a minha amizade com a vespa.

Mas a vespa, também muito triste, pediu-lhe:

- Perdoa-me! Fiquemos amigos, por favor! Nós pomo-nos ao teu serviço. Quando tiveres posto os teus ovos viremos construir o nosso ninho, para tomarmos conta dos teus filhos.

E é por isso que ainda agora as vespas ficam sempre ao pé do ninho do peito-celeste.

Júlia Lisboa 99

As criaturas não se medem aos palmos

O leão dormia a bom dormir. O ratinho vendo-o ferrado no sono, entretinha-se à procura de comida, mas ao formar um salto, escorregou e caiu na queixada do leão. O leão acordou enraivecido e perguntou:

- Desgraçado, quem és tu, que te atreves a acordar-me? O ratinho estremeceu cheio de medo e lastimou a sua desgraça.
- Qui, Qui, Qui! Desta vez não escapo.

O leão descobriu-o e riu-se dele.

-Ah, então és tu? Querias agarrar-me? Vou-te engolir para acabar contigo!

O ratinho pediu perdão e lamentou o seu descuido;

-Foi sem querer! Perdoa-me! Não me comas, porque eu sou tão pequeno que não posso fartar-te! Se me deixar livre, prometo-te que um dia, se precisarei, eu irei ao teu socorro!

O leão zombou de tal pretensão:

Serás tu que me libertarás, a mim, que sou leão? Tu, um franganote de nada? Não posso acreditar, mas está bem, põe-te ao fresco.

Passados tempos, o leão cai na armadilha dos caçadores, tenta desprender-se, mas em vão. O ratinho ou os seus gemidos e acorre a libertá-lo, para cumprir a palavra dada. É rápido. Rói as cordas da armadilha, esta desprende-se e o leão sai.

E o leão foi salvo pelo ratinho!

Conto de Angola
JÚLIA LISBOA,99

O rato amigo do homem

Havia um caçador que usava armadilhas, abrindo covas no chão. Ele tinha uma mulher, que era cega, e 3 filhos.

Um dia, quando visitava as suas armadilhas, encontrou-se com um leão:

- Bom dia! Que fazes aqui? – Perguntou o leão.

– Ando a ver se as minhas armadilhas apanharam alguma coisa – respondeu o homem.

– Olha, tu deves pagar um imposto, pois esta região pertence-me. O pagamento deste imposto far-se-á da seguinte maneira: o primeiro animal que apanhares é teu e o seguinte é meu e assim sucessivamente.

O homem concordou, assinou o contrato e convidou o leão a visitar as armadilhas uma das quais tinha lá uma presa: uma gazela.

Conforme o combinado o animal ficou para o dono das armadilhas.

Passado tempo, o caçador foi visitar os seus familiares e não voltou no mesmo dia.

A mulher, necessitando de carne, resolveu ir ver se alguma das armadilhas tinha presa.

Depois de ter chegado à área das armadilhas, ao tentar localizá-las, pois era cega, caiu numa delas com a criança ao colo.

No dia seguinte, o homem chegou a sua casa e não encontrou a mulher nem o filho mais novo. Até que resolveu segui-los através das pegadas da mulher. Quando estava próximo das armadilhas, verificou que a mulher era a presa do dia. O leão, lá de longe, exclamou ao ver o homem a aproximar-se:

- Bom dia, amigo! Hoje é a minha vez! A armadilha apanhou dois animais ao mesmo tempo. Já tenho dentes afiados para comê-los.

– Amigo leão, conversemos sentados. A presa é a minha mulher e o meu filho.

– Não quero saber de nada. Hoje a caçada é minha.

De súbito apareceu o rato.

– Bom dia titios! Que se passa? – Disse o pequeno roedor.

O leão respondeu: «Este homem está a recusar-se a pagar o seu tributo em carne, segundo o combinado».

Titio, se concordaram assim, por que razão não cumpres?

Deixa isso e vai-te embora. Tem calma... - disse o rato ao homem.

Muito contrariado, mas na esperança de que o rato descobrisse um modo de o ajudar, o homem retirou-se do local de conversa.

– Ouve, tio leão, nós já convencemos o homem. Agora deves-me explicar-me como é que foi apanhada a mulher do homem. É necessário experimentar como é que esta mulher caiu na armadilha.

Ao fazer a experiência, o leão caiu também na armadilha

Então o rato viu que salvara a mulher e mandou-a para a casa.

Conto de Angola - JÚLIA LISBOA,99

Todos dependem da boca

A boca, com ar vaidoso, perguntou:

- Embora o corpo seja um só, qual é nele órgão mais importante? Ele é o nosso rei.

Os olhos logo responderam: - O órgão mais importante somos nós: vemos o que se passa e vemos as coisas. – Somos nós, porque ouvimos – disseram os ouvidos.

– Estamos enganados. Nós é que somos mais importantes porque agarramos as coisas – disseram agora as mãos.

Mas o coração também tomou a palavra:

- Então eu? Eu é que sou importante: faço funcionar todo o corpo. – E eu trago em mim os alimentos – interveio a barriga. – Olha! Importante é aguentar todo o corpo como nós, as pernas, fazemos.

Estavam nisto quando a mulher trouxe a massa e os chamou para comer. Então os viram a massa, os ouvidos ouviram, o coração emocionou-se, a barriga esperou ficar farta, as mãos podiam tirar bocados, as pernas andaram... Mas a boca recusou comer. E continuou a recusar. Por isso todos os órgãos começaram a ficar sem forças.

Então a boca voltou a perguntar:

- Afinal, qual é no corpo o órgão mais importante? – És tu, boca – responderam todos em coro – Tu és o nosso rei!

Conto de Moçambique

JÚLIA LISBOA,99

A força e o jeito

Havia anos que não chovia na região de Gabu: os animais nada tinham para comer, pois as ervas estavam secas e os riachos também tinham secado.

O elefante convocou uma reunião de todos os animais da floresta para lhes expor a situação grave, e para cada um sugerir uma solução para resolver o problema. A perdiz pediu a palavra para dizer que a única solução era tentar fazer um furo até encontrar uma fonte. Achava que não precisavam do auxílio dos homens.

Ficaram todos à espera da decisão do elefante. O camaleão deu uma gargalhada. Todos os animais olharam para ele, furibundos e disseram-lhe:

- Estamos a tratar de um problema muito grave, e tu estás a rir.

O elefante, que tinha começado a cavar, parou, ameaçando o camaleão que, se continuasse a fazer pouco dele, o esmagaria com uma só patada. Apesar da sua força, o elefante, a suar, disse aos outros animais:

- Vou descansar um pouco, para recuperar as forças.

Levantou-se então o camaleão do lugar onde estava, e, com o seu andar lento e cauteloso, aproximou-se dos outros animais, e disse-lhes:

- Não é a força que nos vai valer; é o jeito.

O camaleão começou a cantar, olhando para o elefante e esgravatando calmamente o solo.

Os animais riam-se todos. Mas, de súbito, ficaram espantados, quando viram um fiozinho de água a correr do buraco que fizera o camaleão. Fiozinho de água que se transformou em riacho. O camaleão, satisfeito, olhou para os outros animais, bebeu água, e disse-lhes.

- Venham beber água também; não tenham medo.

JÚLIA LISBOA, 99

Bem pensado

Era uma vez um homem que estava no campo, a lavrar a terra e a plantar mancarra.

Um rapaz ia a passar na estrada e, cansado, perguntou ao homem quanto tempo demorava para chegar à tabanca mais próxima.

O lavrador olhou para ele e continuou o seu trabalho sem responder. O rapaz imaginou que aquele lavrador deveria ser surdo.

Após ter dado meia dúzia de passos, desanimado, o rapaz ouviu que alguém o chamava. Virou-se para trás e o lavrador disse-lhe:

- Deves chegar à tabanca ao pôr-do-sol.

- Mas por que é que o senhor não me respondeu quando eu lhe perguntei? – Quis saber o rapaz.

- Porque não me fizeste uma boa pergunta – respondeu o lavrador.

E, percebendo que o rapaz não havia compreendido, o homem prosseguiu dizendo:

E preciso saber a velocidade com que caminhas, para saber quanto tempo levas a chegar!

JÚLIA LISBOA 99

O mais inteligente

Um certo homem achava que era o mais inteligente da região. Por isso, anunciou que oferecia uma vaca a quem provasse que era mais inteligente do que ele. E fez mais: foi mesmo à procura de um lavrador que diziam ter grande inteligência.

– Vai chamar o teu pai! – Disse ao filho do lavrador.

– O meu pai está a puxar o nosso terreno de cultivo para mais perto da casa. – Respondeu o jovem.

– Estás a enganar-me? Não brinques comigo.

– Estou enganá-lo porquê? O senhor não sabe que quando se limpa todo o caminho, este fica mais fácil de percorrer e o terreno fica, assim, mais perto de casa? – Perguntou o filho do lavrador.

– Não tinha pensado nisso. Tens razão! – Disse o homem.

Entretanto, a mulher do lavrador chegou trazendo ao visitante um prato com farinha de milho cozida e um jarro com leite. O jovem, amável, com a mão esquerda deitou o leite por cima da farinha. Mas o homem que se julgava inteligente recusou porque só a mão direita é digna de pegar os alimentos.

Paciente, o filho do lavrador mandou buscar nova farinha e novo jarro de leite, que entregou ao visitante:

- Faça favor de deitar o leite e de me mostrar que é capaz de separar o leite ordenhado com a mão direita do leite ordenhado com a mão esquerda.

Como, nesse serviço, se utilizam alternadamente as duas mãos, o homem que se achava muito inteligente ficou sem saber que fazer. E logo ali concedeu a vaca de prémio ao filho do lavrador, que se mostrou mais inteligente do que ele.

JÚLIA LISBOA 99

Dois espertos – ou talvez não...

Pepo Landa e Pepo Ngangela precisavam de fazer compras. Pepo Landa precisava de duas enxadas, uma para ele e outra para a sua mulher. Ora duas enxadas equivaliam a duas peles de onça. E, na verdade, só conseguiu apanhar uma onça. Então, manhoso, rasga a cauda da pele da onça em duas tiras – e dobra muito bem a pele para parecer que eram duas.

Ora o Pepo Ngangela precisava de duas peles de onça, para ele e sua mulher usarem de vestuário. Mas só tinham uma enxada e precisa de duas para comprar as peles. Resolve meter dois cabos na enxada que tem de embrulhar tudo só deixando os cabos à vista, para parecerem duas enxadas.

Pepo Landa e Pepo Ngangela encontram-se e fazem negócio: Pepo Landa leva para casa as enxadas; Pepo Ngangela transporta as duas peles.

Isso julgam eles. É fácil calcular como ficaram zangados quando, ao chegar a casa, descobrem que tinham sido enganados por quem tinha também enganado. Pepo Landa tem só uma enxada, com dois cabos – para quê? Pepo Ngangela tem só uma pele de onça e com a cauda rasgada em duas – com que vantagem?

E julgavam-se eles muito espertos.

JÚLIA LISBOA,99

A brincar de madrinha

Um lobo e uma raposa iam de passeio. Encontraram um cordeiro. Mataram-no e comeram uma parte. O lobo disse à raposa:
 _Que vamos fazer ao resto?
 – Enterrá-lo.
 – Não tenho fardo. Como havemos de o encontrar?
 – Deixemos a cauda de fora.
 No dia seguinte o lobo perguntou à raposa:
 -Não vamos comer o resto da carne?
 – Não, hoje, não. Hoje vou ser madrinha de um cachorrinho.
 No dia seguinte o lobo:
 _Que nome puseste ao cachorrinho?
 – Comecei-te. Não vamos comer o resto da carne? – Não, hoje não. Vou ser madrinha de um menino.
 No dia seguinte o lobo disse:
 _ Que nome puseste ao menino? – Meei-te. – Não vamos hoje comer o resto da carne?
 – Hoje não. Vou ser madrinha de um gatinho.
 No dia seguinte o lobo perguntou:
 _ Que nome deste ao gatinho? – Acabei-te. Não vamos hoje comer o resto da carne?
 – Vamos.
 Foram ao lugar onde estava o rabo. O lobo disse:
 _ Quem puxa?
 – Ó lobo, puxa tu, és o mais forte.
 O lobo agarrou no rabo e puxou. Como a raposa já tinha comido a carne, o rabo logo saiu e ele caiu de costas, de pernas para o ar. A raposa fugiu.

JÚLIA LISBOA,99

A vaidade acaba mal

Lúcio-e-Fé e Nosso Senhor Jesus Cristo eram muito amigos e viviam na Glória, sem mais ninguém na sua companhia.

Um dia em que Nosso Senhor Jesus Cristo teve de sair da Glória, recomendou:

- Lúcio-e-Fé, quando sentires necessidade de companhia, mete um dedo nesta taça. Da gota que pingar do seu dedo nascerá um anjo, que te acompanhará enquanto eu estiver fora. Mas não brinques com este poder!

Foi Nosso Senhor Jesus Cristo em viagem. E logo Lúcio-e-Fé se sentiu todo vaidoso. Então aí vai ele meter não um dedo na taça, mas cinco dedos. E mais uma vez e mais vezes os cinco dedos. De súbito lá estava ele já com vinte e cinco anjos, em grande festa e em grande cantoria.

Chegou, entretanto, Nosso Senhor Jesus Cristo. Mas Lúcio-e-Fé nem o quis deixar entrar. Queria divertir-se de todas as maneiras.

Nosso Senhor Jesus Cristo não suportou aquele procedimento. Deu um valente empurrão na porta da Glória e meteu-a dentro. Os vinte e cinco anjos maus fugiram por todos os lados. Lúcio-e-Fé sentiu-se perdido e meteu-se na taça. E aí fez-se um grande funil por onde ele desapareceu para um interior da terra. Estava criado o inferno.

JÚLIA LISBOA,99

Quem é a filha da garça?

Como os filhos da coruja eram feios, esta aproveitou a ausência da garça para lhe tirar a filha, que era muito bonita, e a levar para casar com o rei de Bandeira.

A garça quando regressou a casa não viu a sua filha nem viu a coruja, então, pegou na filha da coruja, pô-la às costas e foi à procura da sua própria filha.

Fartou-se de andar. Mas todas as criaturas que encontrava diziam a mesma coisa, ou seja, que não tinham visto a coruja nem a filha da garça.

Mas ela não desistiu e continuou a andar, até que a certa altura viu uma bonita estrada. Caminhou por essa estrada, chegou ao local dos preparativos do festejo de casamento. Aproximou-se e, depois de estar perto, parou numa das árvores e começou a cantar. Como ninguém lhe respondesse, cantou muitas vezes e a coruja, que estava dentro do palácio com o rei, ficou muito nervosa e tímida.

O rei, preocupado com a canção da nhá garça, e sem a perceber bem, saiu a fim de saber o que se passava.

O rei, ao ouvir a explicação da garça entrou com ela no palácio e perguntou:

- Afinal de contas, quem é a mãe?

Para acabar com a confusão a garça lançou uma ideia:

- Senhor rei, mande buscar um prato fundo e o outro raso. Se a criança de bico comprido correr para o prato fundo, é a minha filha, e se a de boca redonda correr para o prato raso é a filha da coruja.

E assim foi feito. A filha que a coruja trazia correu logo para o prato fundo, portanto, era a filha da garça. Para o prato raso correu a verdadeira filha da coruja.

Com isto, o rei de Bandeira concluiu que a sua noiva era a filha da garça. O rei casou com a filha da garça e a coruja foi corrida porque tinha mentido.

JÚLIA LISBOA,99

O ouro não se come

Um ministro veio anunciar ao Reis que tinha sido encontrada nas suas terras uma mina de ouro muito grande. O rei ficou muito contente e logo decidiu que todos os homens trabalhassem na mina.

Então não ficou ninguém a trabalhar na terra, para cultivar as coisas com que as pessoas se alimentam. Por isso naquele ano muita gente passou fome.

O que valeu foi a Rainha era muito esperta. Ao ver que o povo sofria, ela teve uma ideia. Mandou fazer com ouro galinhas, patos, batatas, arroz, cenouras e todas as comidas de que o Rei gostava.

Foi assim que o Rei se encontrou perante um almoço todo feito de ouro. Primeiro riu-se muito. Mas, quando reparou que não havia mais comida, ficou zangado porque estava com fome.

Então a Rainha disse-lhe:

- Do ouro não se pode fazer comer. Todos os homens foram trabalhar na mina, e a terra não foi cultivada. Agora, temos falta de alimentos e o povo passa fome.

O Rei sentiu bem o erro que cometera, que a sua mulher tinha razão e que era urgente retomar os trabalhos agrícolas.

JÚLIA LISBOA,99

Uma herança para três irmãos

Um homem rico tinha três filhos machos.

Quando morreu deixou-lhes uma grande herança, para repartirem pelos três. Mas, os mais velhos dividiram tudo entre os dois, quando o mais novo estava a dormir. E quando ele acordou, ainda se riram dele.

– Olha, como estavas a dormir, dividimos assim a herança: o sono para ti, o dinheiro para nós.

O jovem conformou-se. Os mais velhos resolveram meter-se em negócios. Compraram barcos de pesca e pescavam tudo, dia e noite. Entretanto, o mais novo dormia tranquilo. E se o mau tempo não deixava os barcos saírem do porto, os mais velhos deitavam-se nessa altura. Só que não conseguiam descansar, pois o jovem começava a dizer:

-com que então os meus irmãos estão cansadinho!...Pois é, a riqueza paga-se caro... Vocês não disseram que só deixavam o sono? Pois eu mando no sono – no meu e no de vocês...

Eles não tinham que responder. Mas com isso tudo andavam muito cansados. E um dia, numa manobra difícil, caíram ao mar e morreram afogados.

E assim o mais novo recebeu toda a herança.

JÚLIA LISBOA

A tempestade

Havia um lobo e o seu sobrinho. O tio Lobo era preguiçoso, comia tudo o que via. O sobrinho era trabalhador.

Lançaram-se ao trabalho de plantar mandioca. O tio Lobo viu as plantas do sobrinho a crescer, e disse ao sobrinho:

- Ainda não está boa para comer.

O lobo disse-lhe:

-Então dá-me qualquer coisa que se coma. Quero experimentar essa mandioca.

Atormentou o sobrinho até que este arrancou um pé e lho deu. O lobo gostou muito. Arranjou maneira de correr com o sobrinho para ficar com a mandioqueira para si.

Passaram-se dois dias. O sobrinho cortou carapate, fez duas cordas. Passou por casa do lobo. O lobo viu-o e perguntou-lhe:

- Que vais fazer com toda essa corda?

O sobrinho respondeu-lhe:

- Aquela nuvem é um temporal que se aproxima e matará tudo o que não estiver amarrado.

O lobo pediu-lhe:

-Vende-me um pouco de corda.

O sobrinho disse-lhe:

- Não posso vender esta corda. Vou-me amarrar com ela a uma árvore.

O lobo pediu-lhe:

- Amarra-me primeiro.

O sobrinho então amarrou-o bem amarrado ao pé de uma figueira. E deixou-o ali.

JÚLIA LISBOA,99

Os teimosos e os burros (conto de Angola)

Uma vez, um rei resolveu organizar uma festa no seu palácio. Convidou muitas pessoas, de todos os pontos do país que, para chegarem ao local da festa, utilizaram burros, carros de animais, etc...

Os convidados começaram a chegar pouco e pouco.

O primeiro convidado a chegar foi o que viajou no seu burro. Ao chegar. Dirigiu-se a uma árvore por debaixo da qual havia capim, atou o seu burro e deixou a pastar.

Logo depois apareceu um outro convidado, que queria também atar o seu burro na mesma árvore.

O primeiro disse:

- Não podemos atar os dois burros à mesma árvore, porque eles podem lutar e matarem-se um ao outro.

O outro não aceitou:

- A árvore pertence à natureza e, por isso, não é de ninguém.

Discutiram até que o primeiro a chegar desistiu e foram todos para a festa, deixando os dois burros atados à mesma árvore.

De facto, os dois burros lutaram e a luta terminou com a morte de um deles.

No final da festa, o convidado teimoso dirigiu-se ao local onde estavam os burros e, quando lá chegou, viu que o seu burro estava morto. Percebeu logo que tinha sido o outro burro que o tinha morto e resolveu apresentar a queixa:

- Excelência, venho apresentar uma queixa contra o dono de um burro que matou o meu.

- Chama-o cá!

O homem foi chamado aos membros do conselho do rei, que lhe disseram:

- Olha, foi apresentada uma queixa contra ti, porque o teu burro matou outro burro.

Como se fosse mudo, o homem não disse nada. O rei repetiu:

- O teu burro matou o burro desse. Como é que isso aconteceu?
 O Homem nada respondeu. Então o rei disse ao convidado teimoso:
 -Olha, ele é udo e não responde às perguntas. Assim, não podemos fazer nada.
 O convidado não concordou:
 -Excelência! Ele não é nenhum mudo porque ele disse-me que não podíamos atar os burros juntos porque eles podiam matar-se um ao outro e eu recusei. Por isso lhe digo que ele não é mudo.
 Os membros do conselho do rei analisaram a situação. Concluíram que o homem que tinha o burro vivo não era o culpado, o outro é que era culpado porque não devia atar o burro dele próximo do outro.
 Aquele era o resultado da sua teimosia.

JÚLIA LISBOA,99

Com o fogo não há amizades (Guiné)

O irã-cego quer ser amigo do fogo.
 Um dia vai ter com fogo e diz-lhe:
 -Fogo! Gosto muito de ti!
 O fogo ficou desconcertado.
 - Gostas de mim? Mas...olha que eu sou muito bravo, eu não sirvo para essas cisa. Não pode ser. Deixa lá isso.
 O irã-cego insiste:
 - Eu gosto tanto de ti...Quero que me venhas ver todos os dias. Quero estar todo odia a olhar para ti.
 O fogo esquivava-se. Não vai vê-lo.
 O irã-cego continua a insistir. Sempre a insistir, cada vez mais. Até que um dia o fogo acaba por aceder:
 - Bom... Amanhã espera-me, vou ter contigo.
 O irã-cego nesse dia espera-o, feliz da vida.
 Quando todas as ervas estão secas, o fogo levanta-se para ir ter com o irã-cego. O fogo cresce e vai queimando a palha toda: as gazelas fogem, correm os sapos, tudo o que é bicho-de-mato desaparece. O próprio irã-cego foge também e acaba por cair na água.
 O trabalho o fogo deixa tudo deserto.
 Quando o fogo se aproxima, o irã-cego diz-lhe:
 - Eh! Realmente tinhas razão! Já me tinhas dito dito há muito tempo que não vale a pena ser teu amigo. Ninguém pode mesmo ser amigo do fogo.

JÚLIA LISBOA,99

Maus vizinhos (Angola)

O candimba passava a vida a saltar cercados para roubar comida nas lavras e por causa disso era sempre perseguido pelas pessoas e pelos cães.
 O gato bravo que era seu vizinho, desconhecendo a razão daquilo tudo, perguntou-lhe, certo dia, a título de curiosidade:
 - Ouve lá, vizinho: que é que se passa contigo? Oiço gritaria a falar o teu nome? Andas metido nalguma maca?
 O candimba respondeu:
 - Olha: aquele barulho é dos meus rapazes quando me trazem a casa. Se quiseres ter a certeza do que digo, vai até à minha casa e logo verás se é verdade ou não.
 O gato bravo, cheio de curiosidade, foi lá ter no dia seguinte. O candimba, assim que o viu, disse-lhe:
 Senta-te por de trás deste morro de salalé que está perto da minha casa e espera por mim. Não tarda que cheguem os rapazes.
 O candimba, como de costume, foi assaltar lavras; mas nesse dia andavam caçadores nas redondezas. Ainda não os tinha distinguido e já os cães tinham dado com ele. Perseguiram-no aos latidos e os homens com varapaus correram atrás dele, com pedras chovendo de todos os lados.
 O candimba, que era bom na corrida, em poucos instantes se escapou e alcançou a toca onde chegou com a respiração acelerada.
 Momentos não eram passados, quando chegaram os perseguidores que, não tendo encontrado o candimba, apanharam o gato bravo, que procuravam também há muito tempo por causa dos estragos que fazia nos galinheiros do povoado. Ainda tentou fugir, mas foi tarde.

JÚLIA LISBOA,99

PLANIFICAÇÃO DA AULA COM BASE NO CONTO

Exploração

- 1 - O professor pede a uma criança para ler a história.
- 2 - Os alunos dividem a história em partes sequenciais.
- 3 - Cada criança desenha uma parte e separadamente escreve fazendo o relato da sua parte.
- 4 - O professor grava em vídeo e pela ordem as ilustrações enquanto cada criança lê o que escreveu relacionado com a ilustração que o professor está a gravar.
- 5 - Após verem a reprodução do vídeo, todos poderão comentar a atitude do rei.

Informação

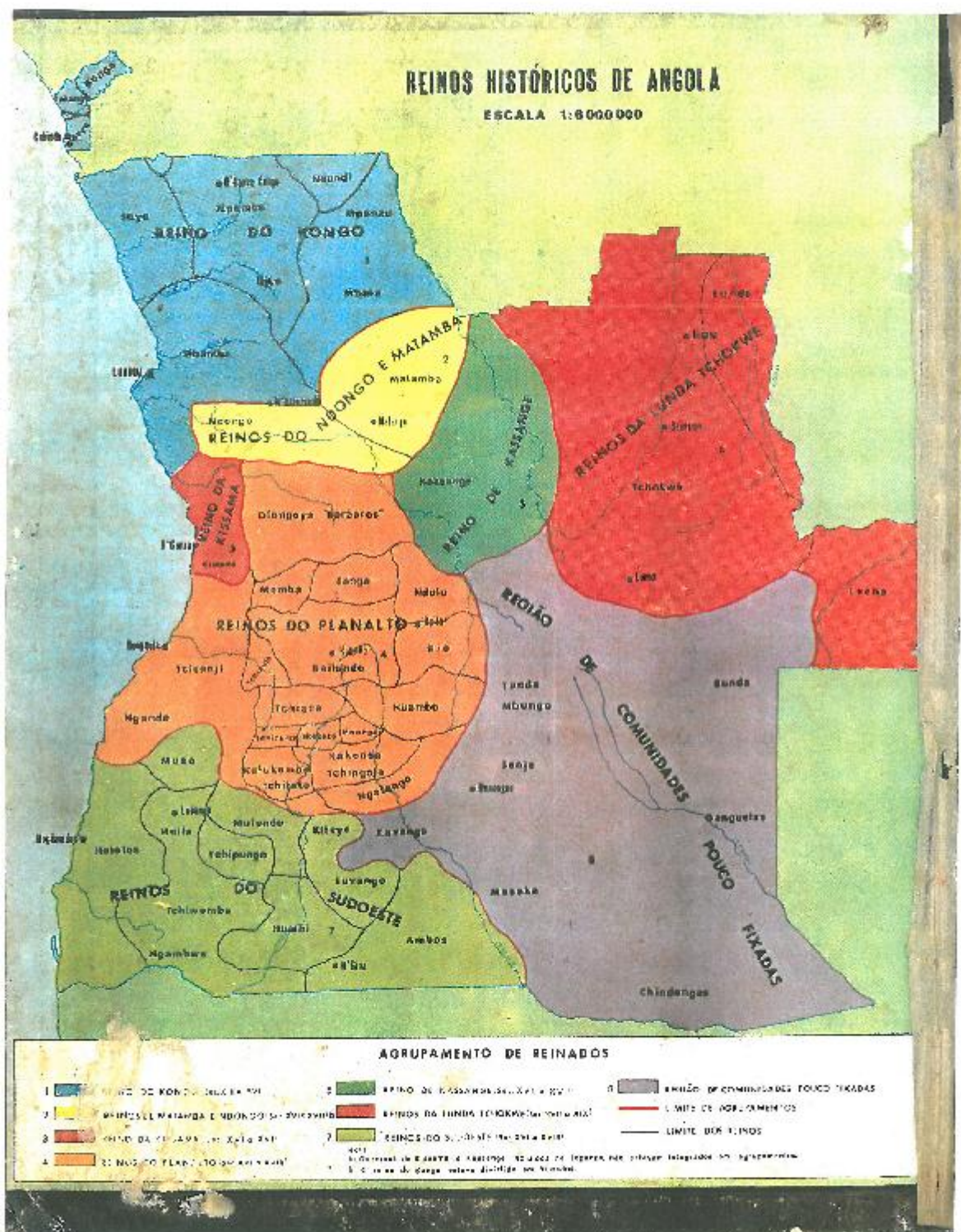
- Não deve esquecer que o argumento da gravação terá de se subentender das ilustrações (ajude os seus alunos no momento de efectuar a ilustração e também na sua selecção).
- Os diálogos são apenas um reforço.

Jogo

- As crianças são divididas em grupos.
- O professor prepara uma lista de palavras da história (que sejam fáceis de representar, por mimica).
- O professor diz a primeira palavra ao ouvido da primeira criança de cada grupo.
- Esta criança deve representá-la aos colegas, apenas com gestos.
- A criança que descobrir terá direito a representar a palavra seguinte.
- O jogo continua sucessivamente, ganhando o grupo que primeiro esgotar as palavras.

Adivinha	Técnica de pintura
<p>Qual é coisa? Qual é ela? Que está sempre acima do rei?</p> <p>A coroa.</p>	<p>- Desenhar em cartolina (por exemplo "as conchas" da que o rei "gostou"). - Recortar o molde. - Pintar à volta do molde com lápis de pastel. - Colocar o molde na folha e espatilhar o pastel do molde para a folha.</p>
Língua Portuguesa	Matemática
<p>Proveniência</p> <p>Rima ← OURO → Sinónimo</p> <p>Palavra da família ↓</p> <p>Utilidade ↓</p>	<p>- O rei guardou o ouro em diversas caixas. - Uma caixa grande contém 4 caixas menores e cada uma destas contém outras 4 caixas ainda mais pequenas. - Quantas caixas foram necessárias para guardar o ouro?</p>

Bloco 2
Mapa cultural



Bloco 3
Escritores angolanos com obra de leitura obrigatória
Programa de Literatura Angolana – 12ª classe

6. Escritores angolanos e de outras nacionalidades

6.1 Escritores Angolanos e obras de literatura obrigatórias (12ª classe)

António de Assis Júnior – Vida e Obra.

Pepetela – *A Corda* (obra); *O Primeiro Oficial* (texto) In *O Cão e os Clalús*.

Wanhenga Xitu – *Vozes na Sanzala* – Kahitu (Obra).

Manuel Rui – *Quem me dera ser Onda* ; *O búzio*, In *Cinco vezes onze, poemas em Novembro* (1984).

Jofre Rocha – *Os Imortais* (In *Assim se fez madrugada*).

Luandino Vieira – *Nós os do Makulusu* (Obra).

Tomaz Vieira da Cruz – Vida e Obra.

Escritores da Nova Geração)

Botelho de Vasconcelos – Vida e Obra

Cremilda de Lima – Vida e Obra

João Melo – Vida e Obra do Autor.

João Maimona - Vida e Obra.

João Tala – Vida e Obra

Lopito Feijóo – Vida e Obra.

Bloco 4
Inquérito em algumas escolas da Cidade de Benguela (centro litoral de Angola)

ESCOLA SECUNDÁRIA: Escola Primária e de 1º ciclo B5.nº
1052 "Complexo vascular da Senhora da Conceição"
UNIVERSIDADE: _____

INSTITUTO SUPERIOR POLITÉCNICO: _____

PROVÍNCIA DE Benguela
MUNICÍPIO DE Benguela

I – Número de alunos existentes na escola 1.376

Número de alunos no curso superior de Língua/Linguística

II - A biblioteca da escola tem obras literárias (**contos**) do escritor angolano João Melo?

Não. X - (marcar com x)

Sim:----- (marcar com x e, seguidamente, elencar títulos das obras):

III- Percentagem de leitores (alunos): -----%

José Andrade (Universidade de Aveiro- Portugal- 2017)



ESCOLA SECUNDÁRIA: Seminário Médico do Bom Pastor

UNIVERSIDADE : _____

INSTITUTO SUPERIOR POLITÉCNICO: _____

PROVÍNCIA DE Benguela

MUNICIPIO DE Bosque

Questions:

1- Número de alunos existentes na escola: 187

Número de alunos no curso superior de Língua/Linguística

II - A biblioteca da escola tem obras literárias (contos) do escritor angolano, João Melo?

Verbo. ~~---~~ - (marcar com x)

Sint: (marcar com x e, seguidamente, elencar títulos das obras).

1. What is the difference between a *strong* and a *weak* type?
 A strong type is a type that is not a subtype of any other type. A weak type is a type that is a subtype of another type.
 2. What is the difference between a *strong* and a *weak* type?
 A strong type is a type that is not a subtype of any other type. A weak type is a type that is a subtype of another type.
 3. What is the difference between a *strong* and a *weak* type?
 A strong type is a type that is not a subtype of any other type. A weak type is a type that is a subtype of another type.
 4. What is the difference between a *strong* and a *weak* type?
 A strong type is a type that is not a subtype of any other type. A weak type is a type that is a subtype of another type.
 5. What is the difference between a *strong* and a *weak* type?
 A strong type is a type that is not a subtype of any other type. A weak type is a type that is a subtype of another type.
 6. What is the difference between a *strong* and a *weak* type?
 A strong type is a type that is not a subtype of any other type. A weak type is a type that is a subtype of another type.
 7. What is the difference between a *strong* and a *weak* type?
 A strong type is a type that is not a subtype of any other type. A weak type is a type that is a subtype of another type.
 8. What is the difference between a *strong* and a *weak* type?
 A strong type is a type that is not a subtype of any other type. A weak type is a type that is a subtype of another type.
 9. What is the difference between a *strong* and a *weak* type?
 A strong type is a type that is not a subtype of any other type. A weak type is a type that is a subtype of another type.
 10. What is the difference between a *strong* and a *weak* type?
 A strong type is a type that is not a subtype of any other type. A weak type is a type that is a subtype of another type.

III- Percentagem de leitores (alunos):%

José Andrade | Universidade de Aveiro- Portugal- 2017/



ESCOLA SECUNDÁRIA DO 1º E 2º CICLOS BG 1045- DOM BOSCO

INSTITUTO SUPERIOR POLITÉCNICO

BENGUELA

BENGUELA

1- Número de alunos existentes na turma: 1752

Número de alunos no curso superior de Língua/Linguística

II - A biblioteca da escola tem obras literárias (contos) do escritor angolano João Melo?

Não. ~~X~~ (marcar com X)

Sims: _____ (marcar com x e, seguidamente, elencar títulos das obras):

[illegible]

III- Porcentagem de leitores (alunos):%

José Andrade (Universidade de Aveiro- Portugal- 2017)



Bloco 5

Assim consta do Assento:

«Os contos que compõem o presente volume foram escritos em 2010, ano em que Angola assinalou 35 anos de independência, em Luanda, Lisboa, Houston e Rio de Janeiro. Foram revistos entre 2011 e 2013».

Bloco 6

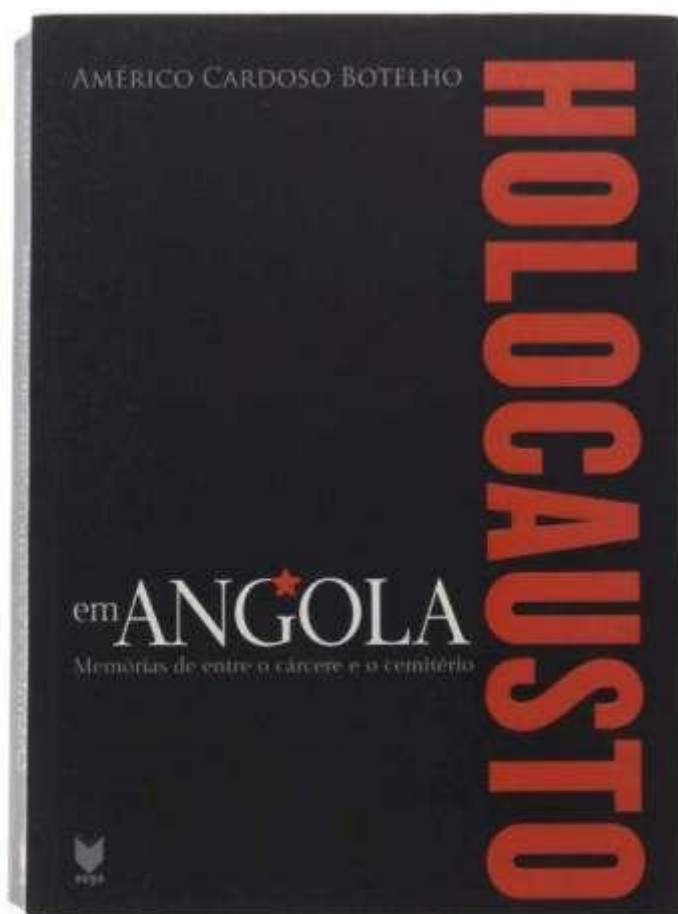
Holocausto em Angola

Purga em Angola

Livros que abordam o 27 de Maio de 1977 em Angola
Golpe de Estado e suas consequências

HOLOCAUSTO EM ANGOLA

«ANGOLA 1975. Enquanto em Luanda, sob o troar dos canhões na batalha de Kifangondo, Agostinho Neto proclamava a independência de Angola, em simultâneo, em Carmona e em Nova Lisboa, Holden Roberto e Jonas Savimbi, proclamavam a República Democrática de Angola. O que resultou dessa dupla declaração foi uma das mais sangrentas guerras fratricidas que dizimou mais de 100.000 pessoas. A maior parte deles, presos, torturados e assassinados sumariamente sem culpa formada e sem julgamento legal. Sobretudo após 27 de Maio, quando, face ao golpe Nitista, os ânimos e ódios se extremaram e Agostinho Neto, não olhou a meios, mesmo os mais sanguinários, para o conquistar. As prisões e campos de concentração encheram-se de cidadãos, acusados dos mais diversos crimes. Com o auxílio dos soviéticos e cubanos, o MPLA de Agostinho Neto e as forças da ordem, DISA e militares, não pouparam nenhum dos opositores ou dissidentes do regime e os fuzilamentos em massa entraram na ordem do dia. É neste cenário terrível que o autor, Américo Cardoso Botelho, detido na prisão onde são cometidos os maiores atentados à vida e aos direitos humanos, durante 5 anos, conheceu os horrores desse inferno e com uma coragem excepcional, resistiu às provações impostas e conseguiu registar tudo o que viu e lhe contaram outros prisioneiros, alguns deles ainda vivos e citados no livro. Os casos de barbárie e crueldade humana que assistiu e lhe transmitiram são narrados, para uma assunção de justiça e julgamento dos autores (alguns a ocuparem lugares de relevo no governo de José Eduardo dos Santos), pela memória de todos quantos foram vítimas e em respeito às famílias que ainda hoje ignoram onde param os corpos dos seus parentes.



\\nasperstlas\\web\\lib\\ad\\Photos::BIGGEST

'HOLOCAUSTO EM ANGOLA', de Américo Cardoso Botelho (Lisboa 2007)

Coimbra, Coimbra Publicado às 06:49, 2 Janeiro 2017, ID do anúncio: 509236995

[Top de Anúncios](#) [Urgente](#) [Sobressaído](#) [Para o Topo](#)

Para o Topo! Destaque o seu anúncio por SMS. (1€ +IVA/SMS)

Anunciante [Particular](#)

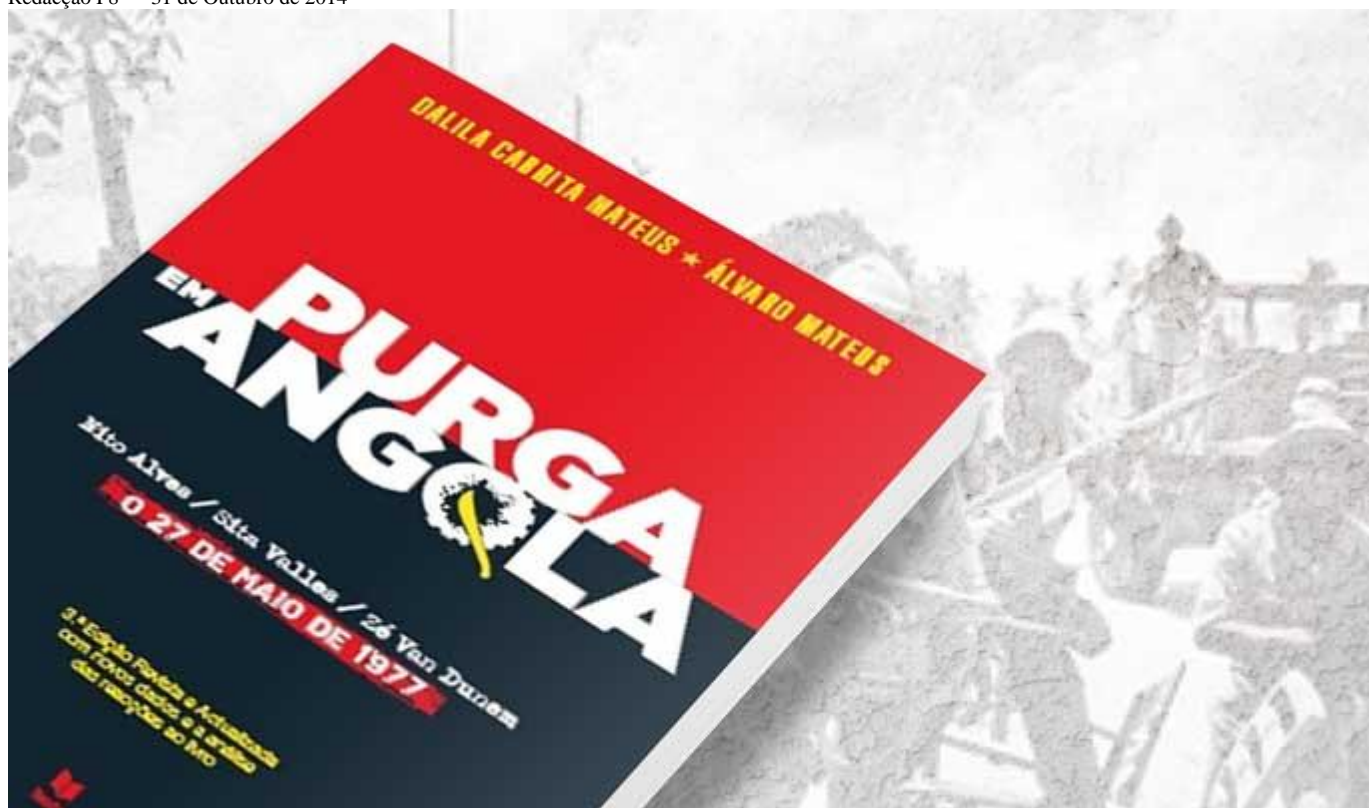
Angola - As prisões arbitrárias, os abusos e violações dos direitos humanos do governo do MPLA

Livro 'HOLOCAUSTO EM ANGOLA', de Américo Cardoso Botelho (Edição Nova Vega - Lisboa 2007)

Com 612 páginas, ilustrado com fotografias e documentos. Como novo. MUITO RARO.

PURGA EM ANGOLA

Redacção F8 — 31 de Outubro de 2014



A propósito do falecimento da Dalila Cabrita Mateus, recordamos a publicação do livro “Purga em Angola”.

A publicação de “Purga em Angola”, polémico ensaio sobre o sangrento contragolpe de 27 de Maio de 1977 no seio do MPLA, valeu aos seus autores, o casal de investigadores Dalila Cabrita Mateus e Álvaro Mateus (ambos já falecidos), uma série de “ameaças e tentativas de intimidação”, confirmadas pelos próprios em Novembro de 2007.

Por Orlando Castro

“Os acontecimentos de 27 de Maio de 1977 em Angola, que provocaram milhares de mortos, foi um “contra-golpe” resultado de uma provocação, longa e pacientemente planeada, tendo como responsável máximo Agostinho Neto, que temia perder o poder. Esta é uma das principais conclusões do livro “Purga em Angola (O 27 de Maio de 1977)”.

Nesse ano, Nito Alves, então ministro da Administração Interna sob a presidência de Agostinho Neto, liderou uma manifestação para protestar contra o rumo que o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) estava a tomar. Segundo o livro **“havia que evitar que os ‘nitistas’ chegassem ao Congresso, anunciado para finais de 1977”** porque **“existia o sério risco de conquistarem os principais lugares de direcção”**.

“A preocupação de Neto e dos seus era, pois, o poder. E pelo poder fariam tudo”, acrescenta a obra.

Dalila Mateus afirmava que as informações constantes no livro não serão “a verdade completa” sobre o 27 de Maio, mas serão, “certamente, a verdade possível, que não estará muito longe da realidade”. Por seu lado, Álvaro Mateus dizia que o objectivo era recordar “um passado sombrio, na esperança de que não se volte a repetir”.

Na versão oficial, através de uma declaração do Bureau Político do MPLA, divulgada a 12 de Julho de 1977, o 27 de Maio foi uma “tentativa de golpe de Estado” por parte de “fraccionistas” do movimento, cujos principais “cérebros” foram Nito Alves e José Van-Dunem, versão que seria alterada mais tarde para “acontecimentos do 27 de Maio”.

Nito Alves e José Van-Dunem tinham sido formalmente acusados de fraccionismo em Outubro de 1976. Os visados propuseram a criação de uma comissão de inquérito, que foi liderada pelo actual Presidente angolano, José Eduardo dos Santos, para averiguar se havia ou não fraccionismo no seio do partido.

As conclusões desta comissão nunca chegaram a ser divulgadas publicamente mas, segundo alguns sobreviventes, revelariam que não existia fraccionismo no seio do MPLA. De acordo com o livro, o próprio José Eduardo dos Santos e o primeiro-ministro de então, Lopo do Nascimento, seriam também alvos a abater pela cúpula do MPLA. O actual Presidente terá sido salvo pelo comissário provincial do Lubango, Belarmino Van-Dúnem.

Os apoiantes de Nito Alves consideravam que o golpe já estava a ser feito por uma ala maoísta do partido, liderada pelo secretário administrativo do movimento, Lúcio Lara, e que terá instrumentalizado os principais centros de decisão do partido e os media, em especial o Jornal de Angola, pelo que consideraram que a manifestação convocada por Nito Alves foi “um contra-golpe”.

Os autores do livro chegam à mesma conclusão depois de cruzarem a informação recolhida, desde entrevistas a sobreviventes, ex-elementos da polícia política (DISA) e antigos responsáveis do MPLA, a notícias ou arquivos da PIDE e do Ministério dos Negócios Estrangeiros portugueses.

De acordo com o estudo, “a purga no MPLA atingiu enormes proporções” e é citado um livro laudatório de Agostinho Neto em que se assinala que “o número de militantes do MPLA, depois das depurações, baixara de 110.000 para 32.000”.

Em relação ao número de mortos, os autores optaram pela versão dos 30.000, justificando que “no meio-termo estará a virtude”, depois de analisarem dados tão díspares que vão dos 15.000 aos 80.000.

O livro tenta reconstruir os acontecimentos antes, durante e pós 27 de Maio de 1977 e dá conta de testemunhos que referem os horrores a que os chamados fraccionistas foram submetidos, desde prisões arbitrárias, a tortura, condenações sem julgamento ou execuções sumárias.

O apontado líder do alegado golpe de Estado terá sido fuzilado, mas o seu corpo nunca foi encontrado, tal como o dos seus mais directos apoiantes como José Van-Dúnem e a mulher, Sita Valles, que foi dirigente da UEC, ligada ao Partido Comunista Português, do qual se desvinculou mais tarde, e foi expulsa do MPLA.

Em Abril de 1992, o governo angolano reconhece que foram “julgados, condenados e executados” os principais “mentores e autores da intentona fraccionista”, que classificou como “uma acção militar de grande envergadura” que tinha por objectivo “a tomada do poder pela força e a destituição do presidente (Agostinho) Neto”.

Segundo os autores do livro, “as principais responsabilidades” do 27 de Maio “recaem por inteiro sobre Agostinho Neto” que “não se preocupou com o apuramento da verdade, dispensou os tribunais, admitiu que fizessem justiça por suas próprias mãos”.

O então Presidente da República “acabaria por se revelar o chefe duma facção e não o árbitro, o unificador. Dominado pela arrogância, pela inflexibilidade e pela cegueira, foi incapaz de temperar a justiça com a piedade”, referem.

Quanto à herança do 27 de Maio, o livro conclui que “Angola perdeu muitos dos seus melhores quadros: combatentes experimentados em mil batalhas, mulheres combativas, jovens militantes, intelectuais e estudantes universitários”.

“Os vencedores do 27 de Maio parece terem conseguido o milagre de fazer desaparecer os que sonhavam com um futuro melhor, mais igualitário e mais fraterno para os angolanos”, dizem, acrescentando que se “impôs no país um clima de medo e de violência” porque falar do 27 de Maio se tornou “um tabu”.

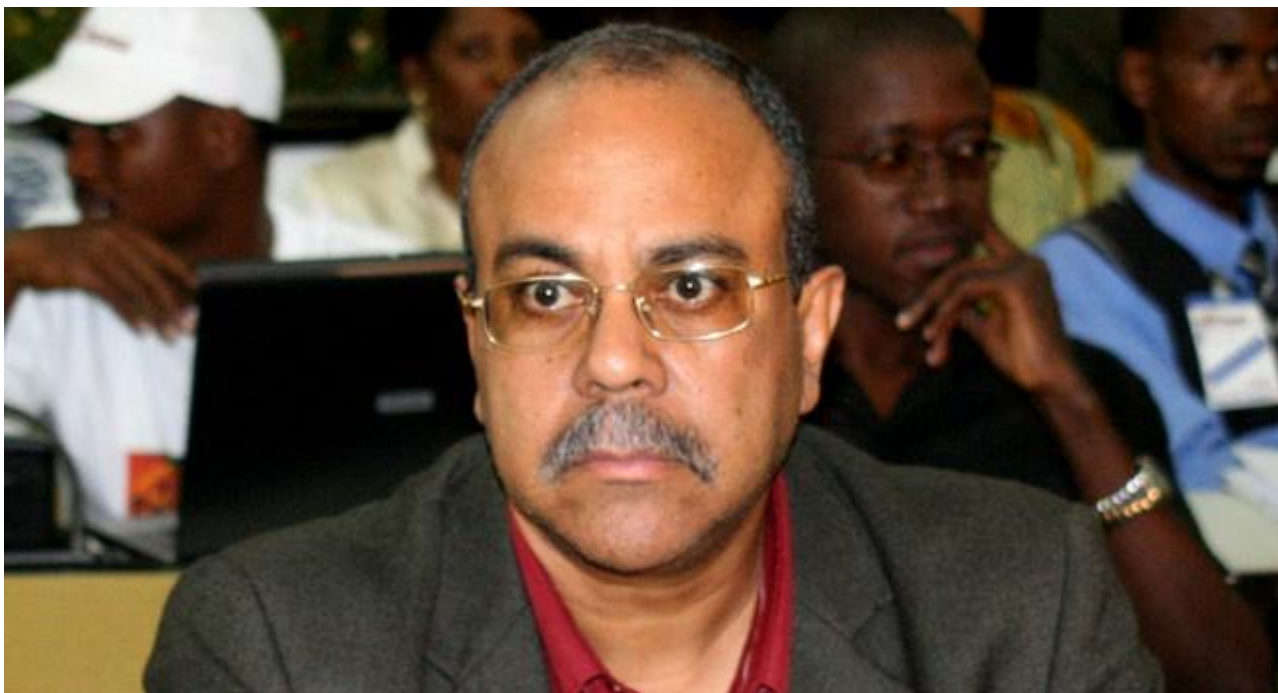
Destacando que este é um livro “para gente boa”, Álvaro Mateus cita uma frase de Martin **Luther King**: “O que mais nos preocupa não é o grito dos violentos, nem dos corruptos, nem dos desonestos, nem dos sem carácter, nem dos sem moral. **O que mais nos preocupa é o silêncio dos bons**”.

Bloco 7
Entrevista ao escritor João Melo concedida a ANGOP (Angola Agência Press

Literatura angolana está num estágio avançado de qualidade temática - Escritor João Melo

Luanda - O escritor e jornalista João Melo afirmou, em entrevista à Angop, que a literatura angolana atingiu um estágio satisfatório em termos de qualidade e quantidade.

○



1 / 1

João Melo considera estrelismo mau vício do jornalismo actual

Foto: António Escrivão

O também antigo deputado avança que em 40 anos de independência nacional deram-se passos significativos no processo de afirmação da literatura angolana além-fronteiras.

(Por

Venceslau

Mateus)

Angop – Angola celebra em Novembro 40 anos de independência, o que pressupõe dizer que são também 40 anos de uma cultura livre. Que literatura se faz hoje em Angola?

João Melo (JM): É uma literatura igual à produzida em países, digamos, avançados. A literatura angolana está num estágio muito avançado, quer do ponto de vista de qualidade em termos de conteúdo, como do ponto de vista da quantidade. A literatura angolana hoje já não precisa de pedir licença a ninguém. É uma literatura consolidada, madura e diversificada. Há muita gente a escrever e com os mais diferentes estilos e resultados, factores que marcam positivamente o mundo literário nacional.

Angop - O jornalismo tem hoje influência na sua escrita literária?

JM: Sim, sobretudo, na minha ficção, nos meus contos. Há uma marca do jornalismo. O estilo, curto, objectivo e incisivo vem certamente do jornalismo.

Angop - Já escreveu várias obras literárias. Está com longo caminho percorrido no mundo das letras. Sente-se um escritor maduro?

JM: Sim, sem dúvida. Estou num momento em que começo a sentir a necessidade de escrever outras coisas, maior fôlego, talvez um romance. Acho que há um ciclo que se fecha e outro que abre, porque ainda quero fazer muitas coisas no mundo da literatura.

Angop - Quais são as suas principais fontes de inspiração?

JM: A principal fonte é a vida. Tenho dito que não sou um escritor de laboratório, de biblioteca. Gosto de viver, preciso de viver. E é daí que me inspiro para a escrita. Tenho algumas dificuldades de compreender os autores que são capazes de publicar todos os anos e, às vezes, mais que um livro por ano. Não sei se eles vivem ou se apenas escrevem. Eu confesso que preciso de viver antes de escrever.

Angop - O seu mais recente livro é “Os marginais e outros contos”. Para quando um novo título?

JM: Estou a trabalhar num livro de contos em que volto a utilizar o recurso que caracteriza os meus livros de ficção, concretamente o humor, a paródia, etc, para sair em 2016. Até Outubro deste ano tenho em perspectiva a publicação de uma antologia poética a que designei "amor", pois se trata de uma selecção de poemas amorosos e eróticos já publicados em outros livros. Faz parte de um conjunto de cinco antologias temáticas que a editora Caminhos está a organizar.

Angop - Como vê a convivência entre a velha guarda e os jovens escritores?

JM: Há uma quase exigência social em que se pensa que toda gente deve se dar com toda gente. Isto é um mito, uma ficção. As pessoas dão-se porque têm uma empatia umas com as outras, têm afinidades, gostam das outras. Quando não se gostam não se relacionam. No meu caso, dou-me com todos os escritores com quem tenho afinidades, sejam mais velhos como jovens. Podemos ter relações cordiais, mas não sermos íntimos, mas dentro da maior cordialidade.

Angop - O aumento da produção literária só terá sentido se for incentivada a leitura. Como se processaria a aproximação do livro aos leitores?

JM: É um problema de educação. Como escritores, preocupa-nos o facto de termos o livro a ser pouco utilizado. Mas, infelizmente, é um problema ligado ao sistema educativo.

Angop - Jornalista e escritor, que recordações guarda enquanto repórter?

JM: Muitas e agradáveis. Vivi bons momentos no mundo jornalístico, entre os quais o acompanhamento de uma Cimeira dos Não-Alinhados no Sri Lanka, como repórter da RNA, na qual participou o presidente Agostinho Neto. A cimeira entre o presidente Agostinho Neto e o presidente português Ramalho Eanes, em Bissau, que serviu para que os dois países reatassem as suas relações depois de algumas incompreensões, em 1975. Como recordações, tenho ainda em mente as coberturas de algumas cimeiras da SADC e dos Países da Linha da Frente, como repórter da ANGOP.

Angop - Que avaliação faz do trabalho da Angop?

JM: Sou um pouco suspeito, porque tenho a Angop no meu coração, tendo em conta que passei pela agência como repórter, dirigente e correspondente no Brasil. Entre 1978 e princípio dos anos 80 fizemos um trabalho digno, constituímos uma equipa com nomes que ainda hoje estão no activo, entre os quais Adelino de Almeida, José Ribeiro e outras referências. Constituimos naquela altura uma linha de trabalho cujos frutos, pelo menos ao nível da Angop, ainda se faz sentir hoje, apesar de todas as dificuldades.

Tínhamos uma grande redacção naquela altura, uma escola, um estilo que ainda perdura. A Angop foi o primeiro órgão, em Angola, a ter um manual de estilo e isto marcou, para sempre, o trabalho da agência. Nos últimos tempos, a agência tem sabido se adaptar às mudanças, como do ponto de vista informativo, pois continua a cumprir o seu papel e a ser um órgão de referência para quem quer informações actualizadas sobre Angola.

Angop - Se tivesse que fazer uma periodização do jornalismo angolano, em quantas etapas dividia a vigência do jornalismo no país?

JM: Houve épocas marcantes. Digamos os primeiros anos após o 25 de Abril de 1974 até 1976/77, como primeiro período. Como um segundo período temos a etapa que vai de 1977, depois dos acontecimentos de 27 de Maio, a 1985. Temos ainda como outro marco dos anos 80, com o início de uma etapa de reflexão e auto-crítico sobre o trabalho jornalístico. Não podemos esquecer os anos 90, com a realização das primeiras eleições gerais em Angola, isto em 1992, que culminou também com o surgimento de vários órgãos privados. E a finalizar temos o actual momento que estamos a viver. É claro que periodização do jornalismo angolano merece um estudo e uma análise mais apurada.

Angop - Que jornalismo se faz hoje em Angola?

JM: Sou muito crítico em relação ao nosso tipo de jornalismo. Há dois ou três vícios que me incomodam: a parcialidade, e neste sentido vamos do 8 aos 80. Há um certo tipo de imprensa com uma postura claramente anti-governamental, que não reconhece, não valoriza e não noticia as acções positivas realizadas pelo Governo. Coloca tudo o que é iniciativa do Governo sob um clima permanente de suspeição. Por outro lado, a imprensa governamental, mais ligada ao actual partido no poder, que também só tende a valorizar as acções do Governo e não há praticamente nenhum sentido crítico. Esta dupla parcialidade, de um e de outro, não ajuda os leitores a formularem opiniões independentes. Portanto, não é bom para o nosso processo democrático.

Angop - O que falta para a prática de um jornalismo mais produtivo e sério?

JM: Sem pretensões de dar lições e muito menos passar qualquer receita, diria que talvez falte bom senso, pois o bom senso nos pode ajudar a corrigir vícios actuais no nosso jornalismo. É preciso entender que o jornalismo é uma actividade de comunicação. Portanto, compete-lhe dar voz aos diversos actores sociais, não substituir-se a eles, não falar em nome deles, dar voz a diversas fontes e cabe ao público formular a sua opinião. O problema é haver uma certa tendência para o jornalista se confundir com o activista/justiceiro, quando é um simples comunicador. Os jornalistas devem ser menos pretensiosos e aceitar que o seu papel é de ser comunicador, de pôr a sociedade a falar entre si e não ser ou promover causas ou justiça por mãos próprias.

Angop - A liberdade de imprensa é um facto marcante do jornalismo angolano na actualidade?

JM: Sim, mas é claro que como todos os direitos, como acontece em todos os países, é objecto de um processo constante, um processo social constante de períodos de maior abertura, de períodos de mais incompreensões. Isto acontece em todo lado, o que varia, provavelmente, é o tipo, a natureza de fenómenos, mas na sua essência são os mesmos. Quer dizer, todos os direitos e a liberdade de imprensa é um deles. São sempre objecto de uma luta constante entre os diferentes actores sociais. Não nos deve

surpreender, devemos apenas saber como jogar e como participar neste jogo. Às vezes, o que mais falta é o bom senso, factor que leva, às vezes, a ridicularizar as posições para se resolver os problemas que possam ocorrer.

Angop - Como avalia a convivência entre o velho e o novo no jornalismo angolano?

JM: Não tenho como fazer uma avaliação concreta, tendo em conta que estou afastado das redacções, embora continue a ter uma actividade jornalística. Diria que existe ainda uma certa ligação entre os profissionais mais antigos, já que, como se diz por alguns círculos, os jovens são um pouco mais presunçosos, pois acham que sabem tudo, não querem aprender. Agora, uma coisa é certa, hoje nota-se uma tendência para o estrelismo, para o estrelato que afecta as práticas do jornalismo universal. Um mau vício.

Angop - Sente alguma saudade dos tempos que passou nas redacções?

JM: Sim. É uma saudade que nunca passa. Quem já sentou nos bancos de uma redacção e que não o tenha feito por acaso, conheço algumas pessoas que passaram por acaso em redacções, nem gostavam, porque achavam que era uma situação que os diminuía, nunca foram jornalistas. Mas quem passou por uma redacção por gosto, nunca esquece.

Angop: A União dos Escritores Angolanos (UEA) tem promovido diversas actividades ligadas à maior divulgação da literatura angolana fora de portas, entre a quais o reforço da cooperação com parceiros estrangeiros. Esta acção satisfaz as pretensões dos homens ligados às letras em Angola?

JM: É, obviamente, mais um exemplo da acção da actual direcção da UEA no sentido da internacionalização da literatura angolana. É óbvio que, do ponto de vista individual, agrada a todos os autores, embora considere que os nossos leitores são em primeiro lugar os angolanos e depois os estrangeiros. Seja como for, é sempre interessante vermos os nossos trabalhos voarem mais alto e serem conhecidos por outros públicos.

Neste sentido, as iniciativas que a UEA tem levado a cabo no sentido de organizar antologias em outras línguas é, sem dúvidas, sempre uma acção a destacar. Diria que é preciso também complementar com uma maior divulgação e promoção do livro internamente. O livro em Angola circula mal e, portanto, a par destas iniciativas devemos também fazer um esforço para promover uma maior circulação do livro dentro da nossa fronteira e nos mercados estrangeiros com a mesma língua que a nossa.

Angop - Que mensagem quer deixar aos jovens jornalistas e aos jovens escritores?

JM: Procurem sempre primar pela excelência, pela perfeição e não se satisfaçam com a mediocridade. Estudem bastante, procurem sempre melhorar e não se julguem os reis da carne seca, porque ninguém sabe tudo. Estejam sempre disponíveis para estudar e aprender um pouco mais. Todos nós temos a obrigação de estarmos disponíveis para aprendermos outras coisas.

PERFIL

Nascido em 1955, em Luanda, João Melo estudou Direito em Coimbra e Luanda, graduou-se em Jornalismo na Universidade Federal Fluminense e fez o mestrado em Comunicação e Cultura na Universidade Federal do Rio de Janeiro, ambas no Brasil.

É ainda membro fundador da União dos Escritores Angolanos (UEA), da qual já foi secretário-geral, presidente da Comissão Directiva e presidente do seu Conselho Fiscal.

Como jornalista, tem 35 anos de experiência profissional, tendo trabalhado na Rádio Nacional de Angola (RNA) e dirigido o Agência Angola Press (ANGOP) e o Jornal de Angola, assim como o Correio da Semana, primeiro jornal angolano privado pós-independência, surgido em 1992.

Além de ter criado, em 2006, a revista África 21, colabora em diversas publicações, mantendo actualmente uma coluna regular no Jornal de Angola e no Semanário Angolense, ambos em Angola; assim como nos jornais Savana, de Moçambique; A Semana, de Cabo Verde; e Correio da Semana, de São Tomé e Príncipe.

É poeta, contista, cronista e ensaísta, adoptando, sobretudo, ironicamente a temática dos rumos do processo histórico angolano. Publicou 12 livros de poemas, com destaque: Definição (1985), Fabulema (1986), Poemas Angolanos (1989), Tanto Amor (1989), Canção do Nosso Tempo (1991), O Caçador de Nuvens (1993), Limites e Redundâncias (1997), A luz mínima (2004), Todas as Palavras (2006), Novos poemas de amor (2009), Cântico da terra e dos homens (Lisboa, 2010).

Cinco livros de contos: Imitação de Sartre e Simone de Beauvoir (1998), Filhos da Pátria (2001), Os Marginais e Outros Contos (2013), entre outros títulos.

Edita habitualmente em Angola, Portugal e Brasil. Tem textos traduzidos para mandarim, francês, alemão, italiano e húngaro. Está representado em várias antologias, em Angola e no estrangeiro.

Assuntos [Cultura](#) [Literatura](#)

Bloco 8
Projeto de adaptação de alguns contos de João Melo a textos dramáticos

I

Dramatização do conto *Trinta e cinco anos*

Contextualização histórica e literária

O conto Trinta e cinco anos é escrito em 2010. Tinham, então, decorridos 35 anos depois da Proclamação da independência de Angola a 11 de Novembro de 1975. A proclamação foi feita por Agostinho Neto, então, Presidente do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola).

CENA I

Momento 1

Protagonista do encontro – (Entra faz um à parte, enquanto prepara as cadeiras)

Protagonista (à parte) – Será que os convidados virão mesmo ao encontro? É certo que o encontro foi marcado segundo as disponibilidades de cada um. Virão mesmo!? Trinta e cinco anos depois de «acontecer uma separação autêntica e dolorosa»?

Momento 2

Entram as personagens antigos colegas de luta do protagonista.

O Luís, o Barbas, a Márcia, a Guida, o Cortez, o Carlos, o Pedro, o Joaquim, o George, a Linda.

Momento 3

Protagonista - (palavras de acolhimento e justificação do motivo do encontro) Quando vinha para este lugar, no taxi, fui tecendo um monólogo: pela primeira vez, depois de trinta e cinco anos, vamos encontrar-nos hoje. Dos exatos quarenta e dois que partilhámos, trinta e cinco atrás, sonhos desencontrados, estamos doze, um bom número, se tivermos em conta os corrosivos efeitos do tempo, das doenças, das dores e das desavenças, sobretudo as não explicitadas. Nisso vinha pensando eu quando me dirigia para este encontro.

Agora, caros amigos e antigos colegas de luta pelo sonho de um país melhor (Angola).

Há trinta e cinco anos, tudo parecia possível e ao alcance de todos, em especial dos seres absolutamente comuns, indignos e, mais do que isso, inomináveis (...).

Convidados – (espantados, olham uns para outros)

Protagonista – (continua o discurso)

Não acreditávamos em qualquer predestinação, mas apenas na nossa própria vontade, estrita, simples e pura: tínhamos uma escolha a fazer e fizemo-la. Marchámos voluntariamente ao som das canções coletivas, acreditando que poderíamos alcançar o sol, pegá-lo com as nossas próprias mãos e erguê-lo sobre a cabeça expectante da humanidade, para que, exorcizados todos os crepúsculos. Ele brilhasse eternamente sobre ela, *per saecula saeculorum*...

Convidados – (espantados, olham uns para outros e com algum murmúrio)

Protagonista – (continua o seu discurso)

Passaram-se trinta e cinco anos desde aqueles dias, quando abandonámos tudo para ajudarmos a construir o sonho comum de uma pátria independente, livre e, sobretudo, generosa com todos os seus filhos e com todos aqueles que queriam fazer dela a sua única mãe...precisávamos de reabilitar; inventar o povo; construir a nação e o país. Éramos jovens, logo, podíamos tudo.

O Barbas – (sentado a dois lugares do protagonista, convida os presentes ao primeiro brinde)

Todos – (de pé)

Um brinde ao nosso reencontro!

Todos – (voltam a sentar-se)

Bebem e degustam o que tinham nos pratos.

Momento 4

Protagonista – (continua o seu discurso)

Decorreram exatamente trinta e cinco anos desde que nos deixámos de ver e aqui estamos nós, mais envelhecidos, mas, segundo tentámos acreditar, tão joviais como no passado ou, quiçá, até mais, como alguém arriscou, insensata ou provocadamente, porque, argumentou, mais serenos e desencantados.

Protagonista – (observa os presentes um a um, suas reações)

O Luís (sentado à direita do protagonista: está silencioso. Aprendeu com os caminhos da vida.)

O Barbas (atento)

A Márcia (com as suas falas breves e certeiras, entremeadas com silêncios eloquentes e olhares abrangentes...)

A Guida (que parecia a mais surpresa de todos)

O Cortez (em gargalhadas imponderáveis)

O Carlos (sorvendo todos os fluidos, deleitando-se secretamente com as lembranças do passado)

O Pedro (escutando todas as conversas como se fosse a primeira vez que o fazia)

O Joaquim (com suas alusões inocentes)

O George (imagem viva e tranquila da bonomia)

A Linda (despejando histórias, confissões, queixas, convicções, afirmações, decisões... em suma, uma descoberta)

Momento 5 - Saem do palco as outras, ficando apenas o protagonista que faz o seguinte à parte ou mesmo um

monólogo/solilóquio.

Protagonista - Depois de observadas as atitudes de todos, perguntei a mim mesmo: o que é que estes trinta e cinco anos fizeram de nós? Quando me fiz essa interrogação, não experimentei nenhum sobressalto particular. A princípio, surpreendi-me por me ter acometido por qualquer angústia, mas depois sorri da minha própria estupidez: a nossa aventura comum não passou de um epifenómeno histórico e, por isso, não pode causar-nos, trinta anos depois, nenhum tipo de sofrimento, por mais dolorosas que tenham sido algumas vicissitudes por que passámos na ocasião... Para mim, todas as histórias que estava a escutar constituíam uma revelação inconsequente, mas espantosa, que eu escutava com contido prazer e delícia. De algum modo pareciam relatos ficcionais puros que ouvíamos com enlevo, como se estivéssemos sentados à volta de uma qualquer fogueira amena acompanhando aventuras das personagens estranhas...

Momento 6 - Entram novamente as personagens, ocupando cada um o seu lugar

Protagonista – Agora é o momento de cada um dizer onde esteve na noite de 11 de novembro, dia da proclamação da independência. Essa solene e ridícula declaração que fazia parte de uma espécie de jogo: (...) a pátria, ameaçada e cercada por todos os lados, fazia entrada na história, orgulhosa e intrépida, disposta a sobreviver e afirmar-se ou a soçobrar.

Uma das personagens (resume o seu relatório) – Passei a noite de 10 para 11 de novembro na cama do hospital, por causa de uma apendicite!

Uma outra personagem (diz) – Eu estive toda a noite em cima de um Unimog, à espera da ordem para avançar pa Kifangondo!

Protagonista (comentando) – escutei atentamente as revelações de cada um. Tive a impressão de que apenas eu parecia dar importância a um paradoxo inútil: nenhum de nós tinha estado realmente na praça, mas, todavia, a praça estava inteira dentro de nós, não apenas nas histórias que esforçadamente tentámos resgatar, trinta e cinco anos depois daquele jantar marcado pelo Barbas... Marcado pelo nosso destino individual e coletivo.

A pátria nascia sob a ameaça das botas e dos cenhos estrangeiros. Também tivemos, pois, os nossos guerreiros, que não hesitaram em desnudar o peito diante dos tenebrosos emissários da morte, estupidificados perante tamanha ousadia, tão irresponsável como criativa. Soldados imberbes mas resolutos e conscientes, protegemos o sonho que germinava, acreditando-o translúcido.

Alguém terá mais detalhes?

A Linda – Eu tornei-me comunista por influência do catolicismo. Vou contar: era adolescente. Sempre que saía da missa aos domingos, na severa companhia dos meus pais, pensamentos perturbadores tomavam conta da minha cabeça. O que poderia explicar o estranho facto de os meus próprios pais – brancos pobres e explorados, sem qualquer ambiguidade ou nuance, por outros brancos – tratarem com tanto desprezo, apesar de empedernidamente católicos, os negros com que lidavam? Ainda hoje busco uma resposta, o que talvez explique por que razão continuo a acreditar no comunismo apesar da minha sanguínea e ancestral fé católica.

O Barbas – Eu vi-me de repente sozinho em Luanda, depois da partida dos pais para Portugal e a transferência do meu irmão mais velho para a então Nova Lisboa. Passei a almoçar todos os dias na casa da Tia Arminda, onde escutei pela primeira vez certas palavras proibidas – liberdade, revolução, independência...

A Márcia – Eu comandeie uma greve no liceu, em pretexto contra a expulsão do Eloi da sala por parte de uma professora que não conseguia ocultar o seu pavor ante o raivoso e agressivo mutismo do colega. Essa greve antecipou as opções que fiz posteriormente, ao longo da vida.

Protagonista – (muito preocupado e apreensivo)

Chega de detalhes. Até porque já vão perdendo o brilho e fulgor...

Pausa – deixam o palco as personagens ficando apenas o protagonista.

Protagonista – (Monólogo) - Há uma pergunta que nenhum de nós fez que é a seguinte: **Quando é que começámos a perder-nos?** Na verdade, nenhum de nós fez essa pergunta por uma razão elementar; ninguém sabia a resposta... Experimentei uma insuportável vontade de olhar novamente para todos um a um (quando estavam a expor as suas experiências) tentando alcançar as regiões mais inconfessáveis que todos ocultamos dentro de nós, em busca da verdadeira razão – remorso, calculismo ou, quem o sabia, morbidez – daquele jantar, mas logo descobri que o problema estava em mim e não nos outros. Mais uma vez, o meu ceticismo imperceptível, traía-me. A história juntou-nos e a história separou-nos. Quando fizemos a nossa escolha, há trinta e cinco anos, não perguntámos de onde tínhamos vindo. Havíamos chegado junto àquele tempo e àquele lugar, que urgia transformar em outro tempo e em outro lugar, onde todos nos reinventaríamos, independentemente das origens de cada um, Unia-nos o futuro e não o passado. O que dramática e infantilmente esquecemos é o futuro não acontece como simples e mera consequência do tempo: é construído violentamente pelo presente, o qual, muitas vezes, não hesita em mistificar, adulterar ou elidir o passado. O presente é sempre truculento... Outros, simplesmente, não suportaram o doloroso peso das coisas: as ameaças e invasões externas, os conflitos internos, as carências insuspeitadas e generalizadas, as insuficiências, em suma, a degradação e a destruição aparentemente totais e irreparáveis... Por isso, partiram em busca de outros caminhos, se não mais exaltantes, pelo menos mais seguros. A maioria assumiu – teve de fazê-lo – novas identidades. Alguns, porém, não sei se mais fortes ou mais fracos, transformaram-se em seres em trânsito, deslocando-se permanentemente entre paragens díspares e inusitadas. Era disso que queria falar, mas não consegui: quem somos realmente nós, depois destes trinta e cinco anos? O único acometido por angústia inútil sou eu. Todos se referiram à sua profissão, descrevendo vagamente o que fazem agora (...).

O que é que cada um fez com o nosso sonho?

Pode um sonho, depois de morto, continuar a inspirar e a mobilizar alguém?

Fico cada vez mais perturbado: o nosso grande sonho está morto, o que fazemos nós aqui?

Há trinta e cinco anos juntámo-nos para ajudar a fazer uma nação e um país. Hoje o país esta feito, a nação consolida-se, mas já não nos pertence, pelo menos formalmente, a todos.

A nação perdeu alguns dos seus filhos para outras nações. Querirá algum dia resgatá-los?

Outra personagem (reentram, ocupando cada uma o eu lugar à mesa)

Márcia e a Guida - servem o vinho a todos para o segundo brinde.

Protagonista – (em silêncio e a contemplar os presentes enquanto se serve o vinho)

O Luís – (sentado à direita do protagonista) - posso dizer algo, amigos?

À vontade. (responde a maioria)

O Luís (continuando) – vejo algum ceticismo no nosso protagonista. Algo que de muito profundo ou alguma preocupação que não quer exteriorizar. Por algum receio? Será por isso?

Protagonista - (erguendo-se alegre) – Vamos ao novo brinde do nosso encontro para reabilitar o espírito do grupo. Acima de tudo, ao nosso afeto! E vou exteriorizar aquilo em que muitos de vocês já estarão a conjecturar. Pois, bem:

- Mas que combustível pode alimentar esse afeto trinta e cinco anos depois? Apenas as lembranças? Serão elas suficientes para manter a nossa cumplicidade, apesar da separação que pouco a pouco foi acontecendo entre nós. É verdade que se tratou de uma separação indesejada e de que não fomos individualmente culpados...
- Hoje, o que nos separa é sobretudo uma dupla pergunta: Ainda somos os mesmos de há trinta e cinco anos? **Ainda podemos identificar um sonho e lutar por ele com resolução e irreverência, sem nos questionarmos mutuamente de onde viemos, mas apenas desejando construir um caminho que todos possam trilhar?** Essa pergunta é agravada por uma sombria inquietação: esse **caminho ainda existe?**
- O que é que faço aqui se o nosso caminho não existe mais? Aliás os caminhos comuns morreram, o que torna perturbador o tempo que vivemos presentemente, trinta e cinco anos depois de termos iniciado um caminho onde apenas prosseguem alguns de nós, mas sem saber, na realidade, se ainda continua a ser o mesmo caminho que todos começámos.

Um dos presentes – O que resta são afetos individuais.

Protagonista (quase surpreendido) – Será esse, então, o novo sonho? Vamos, como sugeriu Saramago, fundar uma Internacional da bondade? Uma conspiração de beijos e abraços pulando fronteiras, línguas, culturas, credos, regimes, governos, exércitos e polícias espantando ódios, preconceitos, ressentimentos, raivas, medos e tristezas?

O Barbas (convida para um outro brinde que desperta o protagonista)

Protagonista (anuindo ao último brinde) – Ao nosso Grande Encontro, no próximo ano! Se depois de trinta e cinco anos sem nos vermos, ainda continuamos amigos é porque, acima de tudo, o que nos é o afeto!

Não sei que impulso me leva a fazer o que faço (...) Mas descubro uma inesperada vibração. Por isso, digo: **Beijos e abraços**: A partir de hoje, essa é a nossa nova palavra de ordem! **Beijos e abraços!** Fim.

(Adaptação: José Andrade)

II

Dramatização do conto «Angola é toda a terra onde eu planto a minha lavra» em texto dramático (a ser representado)

Esta representação tem apenas uma personagem refugiada em arredores de Luanda (no campo de refugiados) em companhia de outros tantos refugiados. A personagem relata a sua própria história. Desde o tiroteio na aldeia, com muitas vítimas, até ser conduzido ao referido campo de refugiados de guerra. Ele e outros.

Momento 1 (o recém chegado ao campo de refugiados)

- Entra no palco a personagem fazendo o seguinte relato:

A guerra mesmo é que me trouxe aqui, eu não escolhi, não procurei nada, estava muito bem na minha buala (aldeia), a guerra chegou, a minha memória recusa-se a lembrar quando, como, só sei essa lembrança não me larga até hoje, colou-se na minha pele, fala na minha boca, olha nos meus ouvidos.

...

De repente só assustamos, **vimos os homens** já tinham entrado na nossa aldeia, corriam em todas as direcções, gritavam, disparavam contra tudo o que eu se mexia, pessoas, cabritos, galinhas, a aldeia toda estava a arder, consumida pelas chamas, no princípio pensei **esses homens** são malucos, estão a disparar à toa, aqui não tem militares, o que é que está acontecer na cabeça deles, depois percebi, matar, matar, só matar, nós tentávamos fugir, cada um para o seu lado, homens, mulheres, velhos, crianças, é correr a sério, sair da aldeia a qualquer custo, escapar da morte, não virar a cabeça nenhuma vez, não há tempo, depois se verá quem realmente escapou, os homens na nossa trás.

- Os ouvintes, os antigos do campo de refugiados, murmuram, recordando cada um a sua história da fuga.
- Prossegue a personagem o seu lúgubre relato

Os homens! Os homens queriam mesmo nos matar. Vi mesmo muitas pessoas caírem a meu lado, mas até hoje não pergunto porquê que elas morreram, jamais farei essa pergunta, juro mesmo, não vale a pena fazer perguntas cuja resposta simplesmente não existe.

- Os ouvintes retomam o murmúrio.
- A personagem do discurso prossegue.

O certo é que no dia em que a guerra chegou na buala onde eu vivia só pensava em fugir, como todas as pessoas, aliás, mas cada um fugia de acordo com o seu próprio instinto de sobrevivência.

Os homens! Na nossa trás, cada vez mais perto, o bafo da morte aproximava-se perigosamente do nosso cachaço, pessoas que conhecíamos desde que nasceram caíam ao nosso lado, atingidas pelos tiros, o dia estava a ficar cada vez mais escuro, através das intensas chamas da guerra... o fim do mundo estava a chegar, Mas, mesmo assim, nós não desistimos de fugir, continuamos a correr, cada qual para o seu lado, tentando, desesperadamente, encontrar o refúgio.

- Intervenção de uma das personagens ouvintes.

Isso foi doloroso. Mas continua a contar-nos esta tua e vossa façanha.

- Continua a desgraçada personagem.
Sim. **Os homens** sempre a nos darem berrida, a tentarem nos matar, mas que mal mesmo é nós lhes fizemos? Nenhum. Então porquê que querem nos matar? Essa é a única pergunta que naquele momento assaltava a nossa cabeça.
Escutai! Aconteceu mais outra coisa. É o seguinte: estava a fugir em direcção ao rio, enquanto repetia essa pergunta inútil na minha cabeça, quando chegaram **outros homens**, começaram a avançar contra os primeiros. Estes tiveram de recuar, deixaram de nos alvejar, nós nem olhamos, continuámos a fugir até onde pudemos. Os segundos homens e os primeiros homens começaram então a pelejar. Eu voltei a perguntar, naquele tempo, pelo menos, eu gostava muito de fazer perguntas, porquê que estes homens estão a lutar? A aldeia já está toda destruída, na realidade já não existe mais, acabou. A maior parte das pessoas morreu, outras, poucas, fugiram, tiveram mais sorte, se se pode chamar sorte a este destino que o Criador me reservou. **(saem os ouvintes do palco)**
- **Monólogo da personagem sofredora**
Aiuê, Nzambi (meu Deus), olha só a minha desgraça, a minha buala já não existe mais, a guerra lhe varreu totalmente do mapa, a minha mulher, os meus filhos, onde estão eles? Parecem foram matados. Agora estou aqui no meio do mato, a fugir à toa, deixei os homens lá atrás a se exterminarem mutuamente.
- **Visita de alguns amigos ao refugiado** (entram em cena)
Ouvimos que estavas aqui neste centro de refugiados. É para fazer-te uma visita e termos pormenores de tudo o que aconteceu.
- **Personagem sofredora**
Sim. Apesar de tudo, sim, tive sorte, muita sorte então, conseguiram de me matar, fugi, mergulhei no rio, nadei até perto de uma mata, onde andei três dias sozinho, só comia fruta, até que dei encontro com uma patrulha, primeiro me levaram no quartel, depois trouxeram-me aqui neste campo onde estou até agora, em Luanda, bem não é mesmo em Luanda, mas é perto, se eu quiser posso ir em Luanda, só não vou porque dizem que lá tem muita confusão, aqui estou bem, não saio mais daqui...quando cheguei aqui encontrei pouca gente, mas todos tinham fugido da guerra como eu, confesso minha verdade, eu não sabia mesmo que Angola era tão grande, aka, pessoas de todos os lados, lugares novos, nomes novos, caras novas, mas na verdade parece já lhes conhecia há muito tempo, fizemos amizade rapidamente. Afinal a guerra está em todo o lado: bualas, vilas, cidades, províncias, nenhum canto que escapa, estas pessoas vieram desses lados todos, no princípio, quando eu cheguei, eram poucas, mas com o tempo foram aumentando, através da guerra (por causa da guerra) que estava a crescer. Os que chegavam neste campo contavam muitas histórias de desabafo de desgraças e de muito sofrimento.

Um dos visitantes fazendo uma observação, pergunta-lhe: mas tu estás diferente dos outros deslocados. Este espaço onde nos encontramos faz parte do campo dos deslocados? Explica-nos.

(momento de profundo silêncio – 2 minutos: revelação da tomada de uma decisão radical e bem pensada)

Sim:

Quando cheguei aqui **tomei uma decisão**, escutem, **tomei uma decisão que é esta:** não vou ficar preso do passado como pássaro no visgo, tenho de abrir bem os olhos para ver mais além, no futuro. A maioria das pessoas não sabe. Mas o futuro depende do modo como nós olhamos o passado. Podem perguntar. E o presente? A minha resposta é só uma. O presente não vale nada, o presente é um fogo-fátuo, o presente é uma ponte, o presente é um caminho que nós atravessamos para chegarmos no rio. Pode ser uma picada cheia de obstáculos, de cazumbis (fantasmas), chinganges (palhaços) perdidos na noite, mas deixa de ser um caminho; temos de atravessá-lo, se ele for perigoso temos de atravessá-lo mais depressa ainda; aqueles que demoram muito tempo no presente, talvez tentando decifrar os detalhes, apreciando os pormenores da paisagem, vasculhando os motivos supostamente finais das decisões dos homens, esquecendo-se que as mesmas são sempre provisórias, continuam, na verdade, presos ao passado, receiam que este retorne, por isso não avançam, nunca chegam a alcançar o futuro; **eu quando cheguei neste campo disse: o meu futuro está aqui.** Se alguém me escutasse dizia: este homem está maluco. Deslocado tem futuro?

Um momento de silêncio e reflexão

Explica o visitado deslocado: nas condições em que nos encontrávamos, uns pensavam outros não pensavam. Estavam conformados. Eu vi estas coisas más neste campo de deslocados: este campo não tem nada. Tendas, só meia dúzia, As pessoas mesmo são obrigadas a dormir na esteira, ao relento; hospital, nada; escola, nada; até latrinas, nada... **O governo nos colocou aqui e nos abandonou.** Não morreram na guerra, mas vão morrerem neste lugar. Os mais inteligentes já foram para Luanda. Serão mais uns roboteiros, kinguilas (os que fazem o câmbio da moeda nacional com moedas estrangeiras); Zungueiras (**senhoras** a vender produtos ambulatoriamente), meretrizes e ladrões, talvez se safem misturados naquela confusão. Mas a maioria vai definhir e apodrecer aqui.

Mas eu vi mais além, olhei directamente nos olhos do futuro, escolhi um terreno e plantei mandioca e batata-doce; estava cansado de comer fuba amarela do PAM (Programa Alimentar Mundial). Pedi sementes de tomate, alface e cebola e plantei-as ao lado da mandioca e da batata-doce. Os outros deslocados de guerra como eu riram de caxexe (sorrrateiramente), me disseram és malaico (atrasado sem ideias, sem projeto).

Esta casa onde vives como surgiu aqui no campo de deslocados de guerra? (uma outra personagem visitante interroga-o)

Sim. Esperei. Quando a terra multiplicou o tomate o tomate, o alface e a cebola que tinha plantado, tipo milagre de Jesus Cristo quando multiplicou os peixes, comecei a vender na estrada. O primeiro dinheiro que ganhei, comprei com ele madeira, com o segundo comprei chapas, com o terceiro comprei pregos, fechaduras e demais materiais, fiz uma casa pra mim, com latrina e tudo. Os outros ficaram abumados (estupefatos), deixaram de rir, começaram a pensar; rir e pensar não são incompatíveis...o riso gratuito é um riso alienado...

Mas há outras casas e novas construções aqui. Como estão a surgir? (insiste a personagem visitante)

Sim. Um dia, quando acordei, vi as pessoas a capinarem o terreno à volta do campo para começarem também a plantar. Em poucos meses o campo ficou transformado. Primeiro surgiram mais três casas, no outro dia mais sete, depois quinze, depois, de repente a guerra acabou e a gente fez festa.

E digo mais: um dia um funcionário do governo apareceu, acompanhado de umas branquinhas de uma tal ONG, assim como de um grupo de jornalistas estrangeiros, para documentarem a situação dos deslocados de guerra, a fim de pedirem mais uma doação às Nações Unidas. Eu vi duas branquinhas ficaram um bocadinho chateadas, talvez a doação ia ser reduzida. Quando a guerra terminou, nós já tínhamos começado a nos virar sozinhos. Talvez elas teriam de regressar na sua terra.

E digo mais: ...o funcionário do governo aproveitou para começar a falar à toa. O que os senhores podem ver aqui é um exemplo da nova estratégia das autoridades, dar uma cana de pesca em vez de peixe, como dizem os chineses. O povo angolano, além de generoso, é um povo altamente empreendedor. A experiência deste campo será multiplicada em breve por todo o país, o nosso objectivo estratégico é diminuir a dependência em relação às doações, mas evidentemente ainda continuamos a precisar de algum apoio, há muita coisa ainda para ser feita. É para nós um pouco frustrante sentir que a comunidade internacional se está a furtar às suas responsabilidades. Afinal os angolanos não fizeram a guerra sozinhos. Vocês mesmo é que nos instigaram. E o funcionário do governo continuou: Angola é um país com recursos fabulosos, é verdade, mas ainda não estão totalmente explorados. Seja como for qual é o país que depois de uma guerra como aquela que assolou o nosso tem capacidade para se reconstruir sozinho sem ajuda internacional? O funcionário do governo estava ir muito longe e o tempo estava a passar. E antes que fossem embora sem nos ouvirem mais uma vez, dissemos:

Continua o deslocado – hoje não queremos filmagens, queremos mesmo falar à vontade. Porquê que vocês todos gostam de vir aqui roubar as nossas imagens, levá-las no mundo, se o mundo nunca escutou a nossa voz directamente. As imagens que vocês nos roubam levam também a nossa dignidade, a nossa alma. Se não querem ajudar é melhor mesmo que nos esqueçam completamente. Para ajudar vocês têm de nos ouvir, como é que vocês podem saber o que a gente pensa, o que a gente precisa, o que a gente quer, se só querem encontrar as nossas imagens que os vossos chefes mandam encontrar? Só pensam no valor dos projetos, só ouvem os vossos próprios discursos. Eu estava mesmo a falar para todos eles, sem exceção, funcionários do governo, as ativistas da ONG, os jornalistas estrangeiros. Mas até hoje não sei se eles compreenderam. O problema é que todos se recusam a ver o que nós lhes queremos mostrar, fecham os ouvidos àquilo de dizemos. As nossas palavras, contudo, são simples, tal como os nossos desejos. **Fizemos pedidos: queremos uma escola, hospital, queremos televisão para assistir o que está-se a passar em Luanda e no mundo.** Eles anotaram tudo. O funcionário do governo mexia a cabeça a dizer que sim; as duas branquinhas pediram para serem filmadas connosco. A gente deixou. Eles foram embora.

Intervalo: correr a cortina do palco (5 minutos)

E digo mais: nós prosseguimos a nossa vida no campo. Cada dia mais uma lavra, mais duas ou três casas. Com o tempo formou-se um mercado perto do campo. De Luanda vinha arroz, açúcar, sal, latarias e outros produtos. Para lá seguiam (do nosso campo): tomates, alface, cebola, frutas, mandioca, batata-doce, até mesmo cabritos e galinhas-do-mato.

E digo mais: apareceram os primeiros taxistas. Os jovens, sobretudo, continuaram a ir em Luanda. Eu também fui uma vez. Não digo se gostei, se não gostei. Mas ficar não fiquei. Eu tenho a certeza: o meu futuro está neste campo, tão longe da minha buala (...). **A minha vida mudou completamente desde cheguei aqui.** Conheci mesmo uma mulher que também fugiu da guerra. Veio de uma buala que não conheço, como não conheço a língua dela. Falamos mesmo em português, a língua do colono que nós libertamos. Nos gostamos bué. Amigamos. Já temos dois canucos (filhos). A escola está a demorar, o hospital também. Mas eu sei que vão chegar. Se não chegar, nós vamos fazer. O presente não vale nada, já disse. O que conta é o futuro. Mas o futuro é muito mais do que uma promessa, uma ilusão, uma mentira. O futuro só é futuro se nós o fazemos. Não é do céu que cai o futuro. Primeiro, o futuro nasce da nossa cabeça. Depois é construído pelas nossas próprias mãos. Não vale a pena ir procurar o futuro muito longe. O futuro está em toda a parte. Mas o futuro não se pede, temos de lhe procurar bem, depois lhe construir sem esmorecer nunca; o futuro não está no passado. Isso parece simples, mas muita gente esquece; vive de dejectos da memória. Lutaram, sofreram, foram injustiçados, ficam parados do presente. Não enfrentam o tempo. Vão morrer cobertos de bolor. Eu aprendi naquele dia em que a guerra chegou na minha aldeia e eu tive de fugir sem olhar para atrás para não perder tempo. Agora só vou olhar para em frente.

E digo mais: quando cheguei neste campo de deslocados, naquele tempo ainda estava quase ninguém. Tudo à volta parecia deserto, abandonado. Disse: o meu futuro está aqui.

E digo mais: ontem chegou um outro funcionário do governo e disse a guerra já acabou há três anos. Estamos a criar condições para o regresso de todos os deslocados para os seu locais de origem. Aqueles que quiserem voltar têm de se

inscrever. Se não quiserem aos locais de onde vieram, poderão indicar qualquer outro lugar para onde queiram ser transferidos. Este campo vai acabar.

E digo mais: diante desta situação eu (surpreendido) olhei na minha mulher, nos meus filhos, pensei na minha mandioca, na batata-doce, no tomate, na alface, na cebola que eu plantei, nos cabritos e nas galinhas criados pela minha mulher (...) olhei outra vez no funcionário do governo, falei devagar, não sei se ele entendeu: eu fico aqui mesmo. Pelo menos agora. Amanhã posso ir num outro lugar qualquer onde o futuro me levar. Sou angolano. Estando eu em Angola, Angola é toda a terra onde eu planto a minha lavra. **Fim**

(Adaptação: José Andrade)

Bloco 9

TABELA CRONOLÓGICA
- Angola, de 1975 à atualidade -

T A B E L A C R O N O L Ó G I C A 2

Angola, de 1975 à actualidade

ANOS	
1975	Declaração de Independência de Angola por Agostinho Neto. Guerra civil entre o MPLA, a UNITA e a FNLA. A UNITA e a FNLA recebem ajuda dos EUA, de França e da África do Sul, enquanto o MPLA é apoiado pela URSS e por Cuba
1979	Morte do Primeiro Presidente da República e sua substituição por José Eduardo dos Santos
1980	Constituição da Assembleia do Povo
1982	A 4 de Janeiro os governos de Angola e de Cuba tornam pública a primeira declaração conjunta sobre as condições para a retirada das «tropas internacionalistas cubanas» do país
1983	Constituição das Brigadas Populares de Vigilância (BPV)
1987	Anúncio do programa reformista: Saneamento Económico e Financeiro
1988	Assinatura do Acordo de Nova Iorque
1989	Criação da Missão de Verificação das Nações Unidas (UNAVEM) – Acordo Tripartido (Angola, África do Sul e Cuba) de Nova Iorque, que conduziu à retirada das tropas cubanas e à independência da Namíbia
1990	José Eduardo dos Santos e Jonas Savimbi apertam as mãos em Gbadolite à procura da paz para Angola
1991	Entre 24 e 25 de Abril delegados do governo e da UNITA reuniam pela primeira vez na cidade portuguesa de Évora A 31 de Maio, assinatura do Acordo de Paz de Bicesse e as últimas tropas cubanas deixam Luanda
1992	Vinda a Angola do Papa João Paulo II – Eleições supervisionadas pela ONU: Parlamentares (vencidas pelo MPLA) e Presidenciais (Dos Santos com 49,57% e Savimbi 40,07%) – A UNITA contesta os resultados e não se realizou a segunda volta – Reinício da guerra
1993	A 5 de Maio as negociações de Abidjan (Costa do Marfim) são suspensas e retomadas dia 14, prolongando-se por 40 dias e a 20 de Maio são assinados os Acordos de Paz de Lusaka – Bill Clinton, Presidente americano, reconheceu o Governo angolano, 17 anos após a independência de Angola
1994	Em Dezembro, o Presidente angolano é recebido pela primeira vez pelo Presidente norte-americano Bill Clinton
1997	Formação, a 11 de Abril, do Governo de Unidade e Reconciliação Nacional (GURN)
2002	Morte de Jonas Malheiro Savimbi, em combate no Moxico, a 22 de Fevereiro Assinatura do Memorando de Entendimento Complementar ao Protocolo de Lusaka, a 4 de Abril

(Extraída do manual de História de Angola, 12ª classe. Não consta dessa tabela o ano 1977, (27 de Maio).

Bloco 10

POEMA DE AGOSTINHO NETO

HAVEMOS DE VOLTAR

Às casas, às nossas lavras
às nossas prais, aos nossos campos
havemos de voltar

Às nossas terras
vermelhas do café
brancas do algodão
verdes dos milharais
havemos de voltar

Às nossas minas de diamantes
ouro, cobre, de petróleo
havemos de voltar

Aos nossos rios, nossos lagos
às montanhas, às florestas
havemos de voltar

À frescura da mulemba
às nossas tradições
aos ritmos e às fogueiras
havemos de voltar

À marimba e ao quissange
ao nosso carnaval
havemos de voltar

À bela pátria angolana
nossa terra, nossa mãe
havemos de voltar

Havemos de voltar
À Angola libertada
Angola independente

Cadeia do Aljube
Outubro de 1960

Glossário

Bazar: ir

Bófia: agente da polícia secreta

Buala: aldeia (ou Kimbo no povo umbundu: no planalto central)

Bué: muito

Canuco: criança, criancinha

Caporoto: bebida destilada, feita a partir de açúcar, cana, batata-doce e outros produtos)

Garimpo: extração ilegal do diamante

Garina: rapariga, moça

Maka: assunto, problema, discussão, conflito

Mujimbos: relatos (normalmente sem fundamento)

Onjango-casa redonda, de aproximadamente 5- 9 metros de raio, onde os anciãos transmitem os conhecimentos às gerações recentes; e, sobretudo, lugar de reuniões de ancião para grandes decisões.

Praça: mercado informal

Zungueira: mulher vendedora ambulante